



JOÃO GABRIEL DE LIMA

### A política moderna e os tatus de Brasília

L...

Sobre a filantropia pós-pandemia

O Congresso...



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
PPGCP/DCP-UFMG

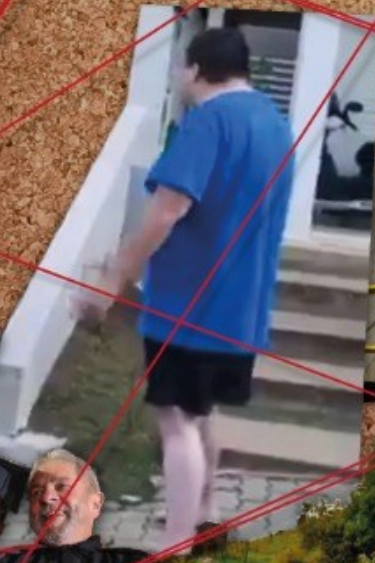
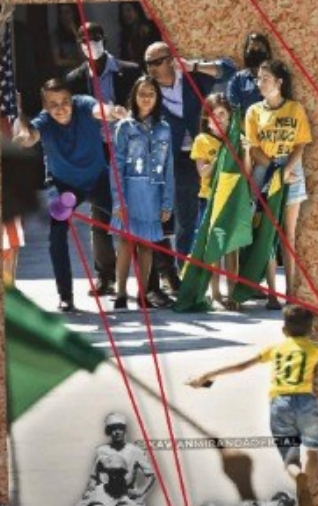
# A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO POVO NA PANDEMIC DA COVID-19



Brasil deveria tomar a trilha para se tornar a potência verde do planeta

'PERDEMOS O DIREITO DE RESPIRAR'

JÚLIA MOREIRA DE FIGUEIREDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

JÚLIA MOREIRA DE FIGUEIREDO

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO POVO NA PANDEMIA DA  
COVID-19**

Belo Horizonte

2021

JÚLIA MOREIRA DE FIGUEIREDO

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO POVO NA PANDEMIA DA  
COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Mestra em Ciência Política.

Área de concentração: Participação, Movimentos Sociais e Inovações Democráticas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Fabrino Mendonça

Belo Horizonte

2021

320	Figueiredo, Julia Moreira de.
F475c	A construção discursiva do povo na pandemia da Covid-
2021	19 [manuscrito] / Julia Moreira de Figueiredo. - 2021.
	140 f. : il.
	Orientador: Ricardo Farino Mendonça.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia
	1.Ciência política – Teses.2. Pessoas - Teses.3. Covid - 19 (Doença) - Teses. I. Mendonça, Ricardo Fabrino. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

### ATA 10ª/2021 DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA JÚLIA MOREIRA DE FIGUEIREDO

Realizou-se, no dia 30 de agosto de 2021, às 16:00 horas, por videoconferência, a defesa da dissertação, intitulada "A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO POVO NA PANDEMIA DA COVID-19", apresentada por JÚLIA MOREIRA DE FIGUEIREDO, número de registro 2019666728, graduada no curso de CIÊNCIAS SOCIAIS. A defesa é requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em CIÊNCIA POLÍTICA e foi submetida e analisada pela seguinte Comissão Examinadora: Prof. Ricardo Fabrino Mendonça - Orientador (DCP/UFMG), Profa. Celi Regina Jardim Pinto (UFRGS), Prof. Camilo de Oliveira Aggio (DCM/UFMG). A Comissão considerou a dissertação APROVADA. Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada eletronicamente pelos membros da Comissão. Belo Horizonte, 30 de agosto de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Camilo de Oliveira Aggio, Professor do Magistério Superior**, em 08/11/2021, às 18:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Fabrino Mendonça, Professor do Magistério Superior**, em 09/11/2021, às 00:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celi Regina Jardim Pinto, Usuário Externo**, em 12/11/2021, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1059899** e o código CRC **F0DFB6D8**.

*Dedico esta dissertação:  
Aos milhões de pessoas vitimadas pela Covid-  
19.*

*Aos brasileiros e brasileiras aos quais foi  
roubado seu direito de viver e de sonhar por  
uma doença para a qual já existe vacina.  
Ao povo brasileiro. Trabalhador, resiliente,  
corajoso. A todos aqueles que acreditam em  
um mundo mais justo e plural.*

## AGRADECIMENTOS

O ciclo do mestrado, que se iniciou lá em 2018 com a realização do sonho da minha vida no ingresso do processo seletivo, e que se finda agora, foi o que vivi de mais forte nos meus poucos vinte e quatro anos. Eu nunca passei por tantas transformações e por um processo de amadurecimento tão intenso em um período relativamente curto de tempo. E é por isso que eu agradeço, primeiramente, a mim. Agradecer-me importa porque eu passei os últimos 7 meses desta trajetória lutando contra mim. Sou uma pessoa perfeccionista e exigente, e eu me exigi de forma muito dura, me cobrei como se fosse uma máquina e me puni diante de qualquer descanso. Eu adoeci e eu realmente pensei em desistir. Mas eu encontrei uma força interna que me fez ser uma pessoa melhor comigo, e eu consegui. Eu cheguei até aqui.

Mas eu não cheguei até aqui sozinha. Lucas. Lucas é sol na minha vida. Eu que já lhe fiz tantas declarações extensas de amor, me encontro aqui sem palavras. É impossível resumir tudo o que você é na minha vida. Mas você é um homem com um coração bom e você me ensina a ser melhor todos os dias. Com a sua escuta atenta, com a sua abertura, com a sua empatia, com o seu amor. Eu seria incapaz de te agradecer suficientemente por todo o apoio que você me deu ao longo desse ciclo. Você foi minha âncora, obrigada por isso e tudo mais. Mãe. Você me ajudou a me tornar uma mulher forte e me ensinou sobre determinação e resiliência. Pai. Você me ensinou os valores da honestidade e do trabalho e estimulou em mim a conexão com o espiritual. Vocês dois são a melhor base que eu poderia ter na vida e, sem ela, eu dificilmente teria chegado aonde cheguei. Malu. Você é para se guardar debaixo de sete chaves, dentro do coração. Você é outra mulher forte da minha vida, você me inspira e me orgulha. Passarmos juntas pelo mestrado me fortaleceu. Obrigada pela amizade e pela escuta. Rafiki. Quando te adotei lá em setembro eu não sabia que você ia transformar tanto minha vida. Decidi seu nome porque significa “companheiro” e você fez com que eu não me sentisse só no isolamento social, colorindo absolutamente todos os dias da minha vida.

Também gostaria de agradecer à Herkenhoff & Prates, por todo o apoio *real* e pelo aprendizado. Lembro da conversa que tive com Rodrigues quando disse que tinha decidido continuar na empresa fazendo o mestrado e do apoio que lá me foi dado, que sempre foi muito para além das palavras. Sem a postura da H&P eu não teria conseguido conciliar trabalho em consultoria com mestrado. Aos Gui's: vocês são os melhores profissionais que já encontrei na vida. Eu aprendo tanto com a liderança, a competência e a bondade de vocês, acima de tudo. Vocês têm me formado como uma profissional da qual me orgulho. Obrigada por todo o

aprendizado, as habilidades analíticas e em texto que tenho desenvolvido com vocês foram centrais para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao Will, obrigada pela atenção, profissionalismo e uma boa dose de paciência (rs) no desenvolvimento dessa capa maravilhosa!

Por fim, gostaria de agradecer às pessoas da UFMG que me acompanharam nesse processo. Ricardo. Você sempre me impressionou com sua sensibilidade e capacidade crítica. Você não me preparou para simplesmente entregar uma monografia, lá em 2018, ou para uma dissertação agora, mas para trilhar de forma livre, autônoma e reflexiva um pensamento político atento para as discussões de justiça. Se hoje eu me sinto uma pesquisadora, isso se deve a todo o suporte e aprendizado que você me deu. E, ao meio disso, agradeço também ao Margem, pelas discussões sempre provocantes e deslocadoras de sentidos. Ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFMG, agradeço pela oportunidade, pela estrutura e pelo time impecável que contribuiu para toda a minha formação. Ao Alessandro, obrigada por seu profissionalismo e pelo cuidado que você tem com os estudantes. À Capes/Proex, pelos meses iniciais de bolsa quando eu ainda não tinha decidido me envolver de vez com a consultoria. À UFMG, eu nem acredito que esse ciclo está se encerrando por ora. Os últimos seis anos da minha vida foram dedicados a vivenciar a universidade pública, e essa é uma oportunidade da qual serei eternamente agradecida.

Aos(às) colegas do mestrado. Jéser, Gabriel, Carla, Renato, Mila, foi muito bom ter conhecido e convivido com vocês quando o mundo ainda não conhecia a pandemia da Covid-19. Mas, especialmente, Luísa, Mari e Kelly, obrigada pelos desabafos acadêmicos durante a pandemia. O espaço que vocês criaram e que eu pude participar me ajudou a ser mais gentil comigo e aprender a parar, respirar e continuar. Quando tudo isso passar, vou cobrar nosso rolê!

Por fim, a Pachamama. Mãe Terra. Quem nos gesta e nos dá condições de vida. Que possamos ser mais gentis com todo o universo não humano que nos sustenta. A Clarissa Pinkola, a Pri Ferraz. A todas as mulheres lobas, loucas, bruxas. À nossa luta.



*“Quem é você?”, perguntou a Lagarta.*

*Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu — eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento — pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.” (Alice no País das Maravilhas).*

## RESUMO

Não há quem negue a importância de “povo” para a política contemporânea. Na opinião pública, entre os políticos e partidos, na literatura, tanto se fala de povo, mas *o que é povo? Quem é povo? Existe um povo?* Esta dissertação parte da multiplicidade de imaginários sobre povo e de um diagnóstico do seu tratamento tangencial e/ou secundário na literatura da ciência política. Nessas discussões acadêmicas, recorrentemente identifica-se a multiplicidade de conteúdos que “povo” pode adotar, mas direciona-se, na maior parte das vezes, ou (i) no sentido de negar sua utilidade analítica alegando abstração; ou (ii) em um tratamento que o reveste de caráter negativo a priori ou (iii) em uma tentativa de aproximação ao aparato formal-institucional, o esvaziando do seu potencial analítico. Diante disso, esta pesquisa assume a multiplicidade de “povo” reconhecendo que se trata de uma categoria política que é eminentemente *construída, precária e contingente*. Mobilizando a perspectiva pós-fundacional e a teoria de Ernesto Laclau, busca-se identificar essa multiplicidade de sentidos que “povo” assume a partir da análise das construções discursivas, via Twitter, de três sujeitos políticos – Bolsonaro, Huck e Lula – em torno do sujeito popular frente ao acontecimento da pandemia da Covid-19. Nessa análise, são identificados quatro tipos de povo – povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador – como as formas preferenciais desses sujeitos em suas tentativas de fixar um sentido de “povo”, explorando suas articulações discursivas e identificando os elementos, sentidos, lógicas e antagonismos políticos envolvidos em tal operação. A análise conduzida indica para a multiplicidade de sentidos associados a cada tipo, chamando a atenção para as relações entre tais operações e suas implicações, discutindo o potencial de tal perspectiva teórica e exercício empírico no endereçamento de discussões diversas da ciência política, especialmente populismo e democracia.

**Palavras-chave:** Povo. Discurso. Pós-Fundacionalismo. Acontecimento. Covid-19.

## ABSTRACT

There is no one who denies the importance of “people” for contemporary politics. In public opinion, among politicians and parties, in literature, there is so much talk about people, but *what* is a people? *Who* are people? *Is there* a people? This dissertation comes up from the multiplicity of imaginaries about people and from a diagnosis of their tangential and/or secondary treatment in the political science literature. In these academic discussions, the multiplicity of contents that “people” can adopt are recurrently identified, but most of the time it is directed either (i) towards denying its analytical utility, alleging abstraction; or (ii) in a treatment that gives it a negative *a priori* character or (iii) in an attempt to approach the formal-institutional apparatus, emptying it of its analytical potential. Therefore, this research assumes the multiplicity of “people” recognizing that it is a political category that is eminently *constructed, precarious and contingent*. Mobilizing a postfoundational perspective and the theory of Ernesto Laclau, we seek to identify this multiplicity of meanings that “people” takes, analyzing its discursive constructions, via Twitter, by three political actors - Bolsonaro, Huck and Lula - around of the popular subject facing the event of the Covid-19 pandemic. In this analysis, four types of people are identified - sovereign people, nation people, marginalized people and working people - as the preferential forms of these actors in their attempts to establish a sense of “people”, exploring their discursive articulations and identifying the elements, meanings, logics and political antagonisms involved in such an operation. The analysis conducted indicates the multiplicity of meanings associated with each type, drawing attention to the relationships between such operations and their implications, discussing the potential of such theoretical perspective and empirical exercise in addressing diverse discussions in political science, especially populism and democracy.

**Keywords:** People. Discourse. Postfoundationalism. Event. Covid-19.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Índice de Popularidade Digital do Top 3 Personalidades Políticas (Quaest, 2020).....	53
Figura 2: Foto Publicada no Tweet Acima.....	77
Figura 3: Prints de Vídeo em que Bolsonaro se Coloca como Submisso ao Povo.....	79
Figura 4: Quadro Síntese das Articulações Discursivas de Povo Soberano.....	85
Figura 5: Foto que ilustra o retweet de Lula “Feliz #DiaDoAmigo, povo brasileiro! ❤️” .....	94
Figura 6: Foto que ilustra o Retweet "👑 22 de agosto é #DiaDoFolclore! Uma data para resgatarmos as origens de nosso povo e celebrarmos a riqueza de nossa cultura”.....	94
Figura 7: Sequência de Fotos Publicadas por Bolsonaro, com tradução livre da autora da foto à direita .....	97
Figura 8: À esquerda, foto publicada por Bolsonaro em tweet “Estarei onde o povo estiver”; à direita, montagem da autora de prints de vídeos publicados por Bolsonaro .....	98
Figura 9: Quadro Síntese das Articulações Discursivas em Povo Nação .....	101
Figura 10: Colagem de Prints de Vídeos Publicados por Bolsonaro.....	108
Figura 11: Foto Publicada no Perfil de Bolsonaro .....	108
Figura 12: Quadro Síntese das Articulações Discursivas em Povo Marginalizado .....	111
Figura 13: Quadro Síntese das Articulações Discursivas em Povo Trabalhador .....	121
Figura 14: Relação entre Tipos de Povo em Bolsonaro .....	123
Figura 15: Relação entre Tipos de Povo em Huck.....	124
Figura 16: Relação entre Tipos de Povo em Lula .....	125

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Distribuição de tweets do ARQ1 com as categorias provisórias, para cada sujeito político. 55

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 01: AS DISCUSSÕES SOBRE POVO E A BUSCA POR UMA PERSPECTIVA PÓS-FUNDACIONAL DO CONCEITO</b> .....	16
1.1. POVO FORMAL-INSTITUCIONAL .....	20
1.2. POVO NEGATIVO .....	25
1.3. POVO COMO COLETIVO POLÍTICO .....	27
1.4. ASSUMINDO O CARÁTER CONSTRUÍDO DO “POVO”: A ESCOLHA POR UMA PERSPECTIVA PÓS-FUNDACIONAL SOBRE O CONCEITO .....	32
1.4.1. Pós-fundacionalismo e conceitos-chave em Ernesto Laclau .....	38
<b>CAPÍTULO 02: DESENHO DE PESQUISA, PERCURSO METODOLÓGICO E ENQUADRAMENTOS FRENTE AO ACONTECIMENTO DA COVID-19</b> .....	48
2.1. A PANDEMIA DA COVID-19 COMO ACONTECIMENTO .....	48
2.2. PERCURSO E DESENHO DE PESQUISA .....	51
2.3. “O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O BRASIL?”: UMA BREVE ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO DOS SENTIDOS CONSTRUÍDOS PELOS SUJEITOS POLÍTICOS FRENTE AO ATRAVESSAMENTO DO ACONTECIMENTO DA PANDEMIA .....	57
2.3.1. Jair Bolsonaro .....	58
2.3.2. Luciano Huck .....	64
2.3.3. Lula .....	68
<b>CAPÍTULO 03: AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE “POVO” EM BOLSONARO, HUCK E LULA</b> .....	74
3.1. POVO SOBERANO .....	74
3.2. POVO NAÇÃO .....	86
3.3. POVO MARGINALIZADO .....	102
3.4. POVO TRABALHADOR .....	112
3.5. DISCUSSÃO .....	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	132
<b>ANEXO</b> .....	138

## INTRODUÇÃO

A busca por compreender como as pessoas acreditam em algo e se ancoram nessas ideias é algo que sempre me fascinou, porque se relaciona sobretudo a um exercício de reflexividade: é sobre ampliar os horizontes, sobre atestar o caráter efêmero de tudo aquilo que buscamos fazer com que nos constitua. É sobre acreditar que existe fluidez, abertura e completo caos irrompendo ao mesmo tempo em que dançamos com nossas vãs tentativas de estabelecer controle, de definir. Toda tentativa de definição se situa diante de uma inquietação com a indefinição.

Talvez seja por isso que a descoberta do pós-fundacionalismo via a perspectiva de Ernesto Laclau, no primeiro ano do mestrado, tenha feito eu me encontrar justamente na dificuldade de lidar com a fixidez. No que toca a este trabalho, sobretudo em uma interpelação: por que é que parte numerosa das pesquisas na ciência política estão tão centradas em *comprovar* hipóteses e “acessar” uma realidade *última*, prescindindo do provisório que reside em toda busca? Por que não estamos assumindo essas provisoriidades e tentando *compreendê-las e situá-las* em um quadro mais amplo como forma de aprofundar as reflexões sobre aqueles assuntos que nos interessam?

É nesse sentido que a reflexão sobre populismo a partir de Laclau ampliou meus horizontes acrescentando mais uma camada interpretativa em uma fascinação pelas possibilidades, democráticas e não democráticas, que carregam os *discursos políticos, entre eles, aqueles sobre “povo”*. E, em um encontro que classifico como existencial, a reflexão de Kevin Olson sobre os imaginários de soberania popular foi mais uma peça no quebra cabeça: nunca foi tão simples, mas ao mesmo tempo tão potente afirmar que certas ideias políticas têm uma força *normativa* em nossos imaginários coletivos.

A partir de diferentes raízes, e se desdobrando em diferentes direções, imaginamos coletivamente que “povo” é dotado de poder, e isso não é trivial. Acontece que perseguir “povo” como uma categoria política de investigação pode parecer absolutamente banal e irrelevante se nos rendemos ao que se reveste como uma atestação empírica de que se trata de algo ou abstrato demais, porque esvaziado, ou problemático demais, quando preenchido. No entanto, ampliamos nossos horizontes quando reconhecemos o caráter *construído* de “povo” e buscamos compreender as diferentes *construções discursivas* acerca desta categoria e suas diversas implicações políticas.

Esta pesquisa nasce, guia-se e ganha maturidade em meio a essas reflexões. Calçada sobretudo nos conceitos desenvolvidos originalmente por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe

acerca do político, das articulações e do discurso, do antagonismo e das lógicas políticas, e nutrida pela perspectiva de Laclau acerca do povo como categoria política, busca-se, neste trabalho, atestar a relevância para a ciência política sobre a discussão acerca de “povo” e, diante disso, desenvolver um trabalho empírico que é interpelado pelas construções políticas de três sujeitos políticos brasileiros sobre tal categoria, no atravessamento do acontecimento da pandemia da Covid-19.

Portanto, mobilizando tais conceitos-chave e olhando para as construções discursivas de povo entre Jair Bolsonaro, Luciano Huck e Lula, no ambiente online do Twitter, pretende-se traçar um percurso guiado pelas seguintes perguntas norteadoras:

- (i) Quais são os sentidos implicados nas práticas articulatórias de cada tipologia de “povo”, e, do que tais tipologias se aproximam e do que se distanciam?
- (ii) Como as lógicas da equivalência e da diferença operam perante tais articulações discursivas?
- (iii) Como a criação de pontos de divergência, com a nomeação de “outros” antagonistas/inimigos afeta a construção de cadeias de equivalência?
- (iv) Como os processos de significação empreendidos são atravessados por investimentos afetivos e como estes ajudam a fixar os próprios sentidos construídos?

Ressalta-se, ainda, que a busca que orienta tal operação analítica é fundamentalmente interpretativa, de forma que busca construir os sentidos sem ancorar formas definitivas de interpretar tal realidade.

Diante disso, no **Capítulo 01** são apresentadas as discussões na ciência política sobre povo buscando agrupá-las em três formas pelas quais encaram povo como categoria de análise: povo formal-institucional, povo negativo e povo como coletivo político. Assumindo que as discussões sobre povo se encontram dispersas e tangenciais, reconhece-se que não se trata de correntes teóricas bem definidas e, nem mesmo que as autoras e autores discutidos compartilhem uma mesma base reflexiva, mas sim que compartilham uma *forma comum de se olhar para povo* em suas pesquisas. E, diante disso, apresenta-se a perspectiva pós-fundacional, a partir de Ernesto Laclau, que orienta o olhar para a noção de “povo” nesta pesquisa, introduzindo também alguns conceitos básicos do autor e sua apreensão acerca de povo como categoria política.

Em seguida, o **Capítulo 02** dedica-se a apresentar o desenho de pesquisa e o percurso metodológico, que foi atravessado pela pandemia da Covid-19, momento em que serão



apresentados os quatro tipos de povo construídos através dos discursos dos sujeitos políticos: povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador. Além disso, apreendendo conceitualmente a pandemia como um *acontecimento*, e considerando seu potencial no deslocamento de estruturas interpretativas, busca-se *situar* os sujeitos políticos investigados no atravessamento de tal acontecimento. Mobilizando a perspectiva de *quadros*, é avançada uma interpretação que busca compreender como tais sujeitos situam a si mesmos e a tal evento recorrendo e, para tanto, selecionando aspectos específicos da realidade na definição de um problema, de suas interpretações e de suas avaliações morais e soluções para a situação.

É nesse sentido que o **Capítulo 03** é organizado em quatro subseções, cada uma dedicada a desvelar as construções discursivas dos sujeitos políticos que estruturam quatro tipos de povo (povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador), análise essa que se ancora nos conceitos laclaulianos discutidos no Capítulo 01. Encerra-se, então, com uma discussão, com maior foco analítico, de cada sujeito político, privilegiando uma visão mais holística acerca das relações entre os tipos de povo e, promovendo uma breve visão comparativa entre eles na discussão de um caso que toca a todos.

Esta pesquisa é encerrada com reflexões, nas considerações finais, acerca de suas contribuições às discussões sobre povo e sobre democracia na ciência política, buscando indicar também algumas limitações que a atravessaram e indicando possíveis caminhos de pesquisa futuros.

## **CAPÍTULO 01: AS DISCUSSÕES SOBRE POVO E A BUSCA POR UMA PERSPECTIVA PÓS-FUNDACIONAL DO CONCEITO**

Muitas discussões em torno da ideia de povo na ciência política compartilham um lugar comum na asserção do caráter mítico do conceito, frequentemente em íntima conexão também com discussões sobre democracia e soberania popular, ativando uma recuperação de pensadores clássicos, como Thomas Hobbes e Jacques Rousseau na tentativa de compreender a força de tal conceito/imagem na contemporaneidade (Espejo, 2011; Bourke e Skinner, 2016).

Outros debates mais antigos, que são relevantes à ciência política, por sua vez, como os de Le Bon (2019) e Kornhauser (1959), tenderam a alavancar uma visão negativa do povo, seja enfatizando características individuais de tais atores que os tornariam inaptos à política, ou através do foco em fenômenos associados que se estruturam em uma relação direta com o povo, como clientelismo e fascismo.

Nesse contexto, as discussões sobre povo se encontram sobretudo tangenciais, inseridas em uma investigação prioritária de outros fenômenos, sendo o populismo o exemplo mais destacado na contemporaneidade. Nos anos recentes, esse tema tem se constituído como grande foco de atenção das discussões na ciência política (Urbinati, 2019; Galston, 2018; Mudde e Kaltwasser, 2017; Judis, 2016; Müller, 2016) que continuam a atualizá-lo sob um prisma negativo, especialmente em sua associação com o corpo de debates em torno da crise da democracia. Na maioria desses estudos, privilegia-se uma perspectiva centrada nas lideranças populistas, com um apagamento analítico da dimensão do “povo”, que tende a ocupar mais um lugar de objeto do que de sujeito. Ainda, isso remonta a perspectivas mais marcadamente liberais que buscam construir “povo” como uma massa de manobra das elites (Pinto, 2017).

Frente a isso, surge, por vezes, a negação da própria utilidade do conceito de povo, reativando interpretações que veem o conceito como demasiadamente abstrato e, portanto, inadequado ao tratamento analítico. Tal “não lugar” desse conceito se expõe, por exemplo, quando nos deparamos, por um lado, com a sua defesa em discursos políticos, como em reivindicações de “poder ao povo”, e, de outro, com uma migração teórica a conceitos que poderiam ser considerados mais seguros, como o de “sociedade civil”, em um movimento que mostra tanto a dificuldade de identificação e acesso a um corpo robusto e bem definido de discussões sobre o conceito como a presença de um prisma negativo no seu uso como forma de se evitar a vinculação a discursos ditos populistas.

Diante desse contexto geral, defendemos a relevância da apreensão analítica do conceito de povo, adotando uma perspectiva teórica pós-fundacional, que foca no caráter sempre

construído e contingente do “povo”. Para sustentar esse ponto, será mobilizado um conjunto de discussões sobre o conceito a partir das quais é possível identificar uma atribuição de variedade de sentidos de “povo”, ainda que, em sua maioria, elas *não assumam explicitamente*, como ponto de partida, que “povo” seja algo de caráter construído.

Como forma de organizar essas discussões, que se encontram de muitas formas dispersas no tratamento de temas diversos, propõe-se uma adaptação das categorias que povo assume na contemporaneidade sugeridas por Urbinati (2019). Ainda que seu trabalho seja dedicado à compreensão do fenômeno populista, a autora dedica um capítulo para refletir sobre soberania popular e “povo”.

De antemão, Urbinati (2019) remete a uma ambiguidade expressa entre “o povo” como “o local de muitos assuntos e reivindicações” (Urbinati, 2019, p. 77) e que implica algum tipo de determinação, seja ela social ou cultural; e “o Povo”, que corresponde ao soberano coletivo não identificável com nenhuma dessas reivindicações (idem), ou seja, trata-se de composição indeterminada e abstrata, sendo uma ficção, abarcando todos os que vivem sob determinado território. Para a autora, o populismo tentaria resolver essa ambiguidade, com o objetivo de “fundir o princípio de autoridade com a realidade etnossocial” (idem, p. 78).

Para a autora, na modernidade a categoria do povo teria três significados majoritários: (i) *persona fictia*, ou, a soberania coletiva a partir da qual se fala em seu nome e a partir da qual são feitas as leis, de forma que o povo é todo mundo; (ii) o corpo sócio-histórico, ou seja, que vive em um território e portanto próximo à noção de nação, tratando-se de uma categoria sociológica com valor ético; e (iii) o coletivo político, que atinge agência política através de opiniões, partidos etc., sendo aqui o povo um sujeito coletivo e, “nessa interpretação, os interesses da maioria devem ter prioridade sobre e contra os interesses da oposição e sobre e contra os interesses das minorias em geral” (Urbinati, 2019, p. 78).

Frente a isso, a autora indica que o populismo se insere sobretudo nos significados (ii) e (iii), em uma forma de “substituir o povo errado pelo certo” (Urbinati, 2019, p. 78), operando a partir de um processo de extração do “povo verdadeiro” a partir do povo empírico. Este fenômeno não teria um caráter democrático, de forma que o populismo transfiguraria as fundações da democracia.

Mobilizando a diferença entre “governando como” e “governando no nome de”, para indicar, no último caso, a representação como a resposta estabilizadora ao *gap* entre o normativo e o político-substantivo, afirma que não foi a instituição dos processos eleitorais que alterou o caráter da soberania, mas sim a presença (ou ausência) “de uma forma particular de inclusão no

corpo soberano – nomeadamente, a inclusão de cidadãos individuais ao invés de grupos ou corporações” (Urbinati, 2019, p. 81). Remete, portanto, à “nova soberania”, resultante das revoluções modernas e praticada através da representação: ela deixou pra trás a preocupação com composição social para incluir todas as pessoas igualmente como sujeitas à lei (idem, p. 85).

E seria nesse contexto do gap entre soberania e governo, preenchido através da representação, que o populismo se infiltraria, sendo necessário olhar, portanto, para o exercício indireto da soberania popular (e não para o governo direto pelo povo) para compreender tal fenômeno:

A diarquia não está mais entre poucos e muitos, mas entre o domínio dos procedimentos e das normas, de um lado, e o domínio da opinião, de outro. Ambos esses domínios formam a soberania popular, mas o último é o lugar em que os significados de “o povo” se tornam cruciais para a compreensão das diferentes formas de representação e para a compreensão do fenômeno populista em particular (Urbinati, 2019, p. 86).

Construindo a democracia moderna como um sistema diárquico, frente aos poderes da vontade e da opinião, Urbinati situa a instituição do povo abstrato, ou *persona fictia*, através da representação em fazer com que exista uma contestação perpétua do poder por nunca ser completamente acreditada, espaço no qual o populismo atua clamando a prioridade do seu povo particular:

É o povo artificial como *fictio iuris*, que possibilita a divisão entre “o povo”, por um lado, e as classes, grupos e pessoas que o compõem, por outro. [E é] A representação [que] permite que as partes do povo entrem em competição enquanto falam em nome do povo. A divisão que era feita pelas classes sociais nas antigas repúblicas torna-se agora uma construção puramente ideológica. É a criação artificial de todos os atores que participam da construção da representação: o orador, o grupo que se identifica com o orador ou o eleitorado, o público que o julga e os membros do eleitorado que votam. A representação, portanto, desempenha vários papéis (Urbinati, 2019, p. 88).

Ou seja, a instituição de um povo abstrato abriria o espaço para que “povo” fosse algo sempre construído. Mencionando Ernesto Laclau, sinaliza justamente como isso se dá também através da representação em seu caráter construtivo de “criar as pessoas pelas quais ‘fala’” (Urbinati, 2019, p. 88):

A conquista do povo (soberano) através desta competição ativa uma visão do povo que é um jogo aberto de interpretação (...) O fosso entre o povo como norma e o povo como resultado da competição eleitoral desempenha um papel moderador: é este papel que o populismo questiona quando procura fundir a opinião de uma parte do povo e a vontade do Estado (Urbinati, 2019, p. 88).

Assim, seria justamente o vazio do conceito de “povo” e sua natureza ficcional que operariam para criar uma “competição aberta e permanente entre as diferentes representações e perspectivas das pessoas” (Urbinati, 2019, p. 89). E, nesse sentido, se o povo está “sempre

disponível na luta contra a autoridade política ou na competição pelo poder político”, “ninguém pode declarar que é o povo, de uma vez por todas, nem mesmo a parte mais numerosa” (idem, p. 90). É nesse processo que o populismo se localiza, questionando a forma de regulação da competição pelo sistema partidário e recusando a aceitar a persistência desses “dilemas”:

O populismo entra na competição com o objetivo de conquistar totalmente o povo, porque afirma que seu povo é o “verdadeiro”. [...] O populismo] busca diminuir a distância entre o povo soberano, por um lado, e o atual povo político, por outro (sendo quem está falando e agindo em nome do povo) (Urbinati, 2019, p. 90).

Mobilizando esta retomada da discussão de Urbinati frente aos três significados de “povo” na contemporaneidade que ela destaca, propõe-se uma adaptação da proposta da autora diante de um esforço de caráter distinto ao que a guiou em sua busca: o de organizar as discussões teóricas sobre “povo” identificando aspectos que lhes são comuns.

Portanto, sugere-se que as discussões teóricas sobre “povo” na contemporaneidade podem ser organizadas a partir das seguintes formas como se buscam trabalhar o conceito<sup>1</sup>: (i) povo formal-institucional, com grande aproximação à *persona fictia* em Urbinati (2019), tratando-se aqui de definições jurídicas ou formais, cuja principal aplicação se nota nos estudos sobre soberania política; (ii) povo negativo, com definições valorosas e/ou substantivas do povo e cuja principal aplicação se nota nos estudos sobre populismo; e (iii) povo como coletivo político, em uma definição aproximada à de Urbinati, ou seja, povo como um sujeito coletivo que é dotado de agência política frente a opiniões, partidos etc., mas recusando seu entendimento de que tal concepção necessariamente implicaria uma imposição de interesses da maioria sobre interesses de minorias. No caso dessa categoria, as discussões se encontram mais dispersas.

Antes de adentrar nas subseções, cabe ressaltar que as autoras e autores a serem discutidas dentro de cada uma dessas categorias têm em comum apenas o fato de possuírem uma aproximação em termos da discussão de povo, o que não significa que suas perspectivas teóricas mais amplas sejam congruentes. Como já foi afirmado, as discussões sobre povo não correspondem a um corpo teórico bem definido, e encontram-se muitas vezes dispersas e tangenciais. Nesse sentido, não se propõe que essas categorias sejam abordagens teóricas bem definidas em um corpo teórico bem contornado, mas apenas visões mais amplas que são recorrentemente tematizadas nas discussões, diretas ou tangenciais, sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Eventualmente, tais categorias também podem ser mobilizadas em análises empíricas. No entanto, no presente trabalho, elas operam preferencialmente como forma de organizar as discussões em torno do povo.

## 1.1. POVO FORMAL-INSTITUCIONAL

As discussões sobre um povo com caráter formal-institucional, que existe dotado de poder sobretudo em função de sua definição jurídica, representam parte bem conhecida das reflexões sobre o tema, especialmente por sua conexão e vinculação a pesquisas dedicadas ao tratamento da soberania popular. Nesta seção, serão discutidos os trabalhos de Müller (2003), Canovan (2006) e Espejo (2017).

Müller (2003) estrutura sua discussão sobre povo alicerçada no campo do direito, ainda que crítica e inspirada na hermenêutica. O autor trabalha com uma tipologia de povo inserida em uma resposta jurídica à busca pela correspondência do povo normativo (das leis e constituições) ao povo empírico. Seu ponto de partida é que os estados democráticos se justificam a partir da ideia de que o “povo” está no poder/governando, mas pelo ponto de vista das “técnicas de representação, de instituições e procedimentos” (Müller, 2003, p. 47).

A partir da pergunta “quem seria esse povo, que pudesse legitimar ‘democraticamente’?” (Müller, 2003, p. 47), afirma que a constituição não fala estritamente sobre o poder do povo, já que, na prática situações concretas diversas o impediriam de exercer tal soberania, mas sim se atribui legitimidade, ou seja, a constituição instrumentalizaria um povo soberano para ela própria se atribuir poder. A questão com que o autor se depara, fundamentalmente, é que a constituição não alcança a realidade, ou seja, há uma “distância entre a lei fundamental e a ‘realidade constitucional’” (Müller, 2003, p. 50).

Essencialmente preocupado com a questão jurídica, a pergunta inicial de Müller (2003) transmuta-se em: “como se pode empregar ‘povo’ nesse contexto, caso a pretensão de legitimidade do ‘governo do povo’ deva fazer suficientemente sentido?” (p. 52), ou, o que impede que “esse ‘povo’ seja compreendido enquanto multiplicidade das pessoas reais que habitam no território de um Estado”? (Müller, 2003, p. 53). Em busca de responder sua inquietação, desenvolve quatro propostas conceituais, ou tipologias, de povo: povo ativo, povo enquanto instância de atribuição, povo como ícone e povo-destinatário.

A ideia do povo ativo, por força da prescrição, significa a totalidade de eleitores, ou, titulares de nacionalidade, ao que Müller (2003) critica como sendo uma “matéria de direito positivo”, não evidenciável, e que encontra um conjunto de problemas na realidade que restringem a justificação democrática.

O povo como instância global de atribuição de legitimidade reflete um processo de “ciclo de atos de legitimação” a partir do qual o povo elege seus representantes e esses elaboram os textos das normas que, por sua vez, impactam todos (a população). O autor desenvolve uma

crítica ao atestar que, na prática, esse ciclo foi interrompido na medida em que decisões, muitas vezes judiciais, são proferidas em nome do povo, ultrapassando o previsto pelo texto constitucional.

O povo como ícone seria uma operação de unificação do povo em uma população diferenciada, o que consiste em “abandonar o povo a si mesmo; em ‘desrealizar’ [entrealisieren] a população, em mitificá-la” (Müller, 2003, p. 67). Mas, para o autor, se o povo deve se apresentar como sujeito político real são necessárias instituições e procedimentos, motivando a figura do povo como destinatário (de prestações civilizatórias do Estado), que nada mais seria do que a forma a partir da qual o povo invocado pelo Estado se legitima.

*O povo icônico* refere-se a ninguém no âmbito do discurso de legitimação (...) O *povo como instância de atribuição* está restrito aos titulares da nacionalidade, de forma mais ou menos clara nos textos constitucionais; o *povo ativo* está definido ainda mais estreitamente pelo direito positivo (...) Por fim, ninguém está legitimamente excluído do *povo-destinatário*; também não e.g os menores, os doentes mentais ou as pessoas que perdem – temporariamente – os direitos civis (Müller, 2003, p. 80).

Retomando a tradição histórica e juspolítica, afirma que o conceito de povo não foi empregado de forma neutra, inocente ou objetiva, mas conscientemente de forma seletiva, sendo que “a seleção dentro do ‘povo’ pode ser aberta (ideologicamente caracterizada (...)) ou também encoberta por formalismo jurídico (no liberalismo do capitalismo incipiente desde John Locke)” (Müller, 2003, p. 84).

Mas, para o autor, “povo” não só tem sido um conceito seletivo, como também um conceito de combate (com destaque ao combate semântico). Nesse sentido, “‘Povo’ evidencia-se como um conceito não naturalista, a ser encontrado por via da ciência empírica. Não é ele também simples, mas complexo e artificial, i. é, uma inferência a partir de uma concepção e não a partir de um fato” (Müller, 2003, p. 83).

Para Müller (2003), o estado democrático de direito fez evidenciar que “povo” “se apresenta em diversos nexos e graus de operações legitimatórias” (Müller, 2003, p. 86), que corresponderiam às tipologias apresentadas por ele ao longo da obra. Essas seriam, então, “três camadas funcionais e conceituais remanescentes de ‘povo’” (idem) que, na democracia, “aparecem como três estados de agregação – que, contudo, se acham nitidamente separados. Podem ser reciprocamente referidos sobretudo enquanto critérios de aferição e processados em opções e preferências (de política constitucional) de legitimidade” (idem). Frente a esse cenário, dever-se-ia olhar para o funcionamento cotidiano do ordenamento jurídico, para sinalizar em que campos e em que graus as pretensões de legitimação pelo povo expressas nas constituições são cumpridas ou descumpridas (idem, p. 87).

Portanto, Müller (2003) ensaia uma perspectiva fundamentalmente institucional/jurídica para lidar com o conceito de povo: ele o desenvolve dentro do âmbito do estado democrático de direito, atestando o grande desafio enfrentado pelos estados para que o povo se legitime; a solução está em reduzir a distância entre o povo jurídico e normativo com o povo real e empírico, para que só então se possa falar de povo soberano.

Além disso, o autor evidencia, ao longo de toda a obra, o caráter construído do povo, mobilizando exemplos históricos diversos que demonstram essa característica: em Péricles, o demos abrange somente os homens atenienses livres; no direito romano, opera um dualismo entre nobreza e povo; nas poleis sumerianas, povo corresponde apenas aos homens livres; na igreja cristã primitiva, opera a diferenciação entre comunidade e povo de Deus; e ainda, “a seleção dentro do ‘povo’ pode ser aberta (...) ou também encoberta por formalismo jurídico (no liberalismo do capitalismo incipiente desde John Locke)” (Müller, 2003, p. 84).

Assim como Müller (2003), Canovan (2006) também nota uma distância entre o que se entoa do povo e o que ocorre na prática, defendendo, em sua discussão, maior realismo com o uso do termo “população”: “o desafio que os democratas ainda encaram é conceber instituições para representar o povo-como-população que corresponda às expectativas geradas pelo ‘o Povo’ como um mito” (Canovan, 2006, p. 359).

Estimulada pela questão central sobre “o que significa atribuir autoridade política última ao ‘povo’” (Canovan, 2006, p. 349), busca respondê-la evidenciando como o povo conquistou esse status de autoridade; perguntando quem é o povo; o que é/são o povo; e por que é o povo a autoridade política última.

De modo geral, a autora destaca o legado da Revolução Americana, no século 18 na instituição do discurso moderno político sobre o “povo”, indicando pela primeira vez que este conceito remeteria a um conjunto de indivíduos pertencentes a uma nação e desfrutando direitos. Mas determinar os limites de sua constituição é algo mais dificultoso, tocando em discussões sobre inclusão e exclusão política, ainda que os “povos emancipados dos poderosos e prósperos Estados-nação que sustentam a democracia em casa” forneçam “uma base para ideais cosmopolitas” (Canovan, 2006, p. 354).

Para a autora, é o poder mítico associado à noção, que permite pensar que “o povo também somos nós”, que a torna tão poderosa. No entanto, o mito gera expectativas não realistas que podem produzir insatisfação com a democracia existente. Para Canovan (2006), persiste um grande desafio: o de “conceber instituições para representar o povo como população que corresponda às expectativas geradas por ‘o povo’ como um mito” (Canovan, 2006, p. 359).



Por fim, cabe destacar que, assim como em Müller (2003), Canovan (2006) constrói o capítulo mobilizando diversos elementos que evidenciam o caráter construído da ideia de povo, ainda que também não incorpore esse lugar comum em uma proposta teórica. Como afirma em uma passagem, “‘O povo’ foi invocado por todos os lados nessas lutas” (Canovan, 2006, p. 351) do século 17, dando exemplos dos Parlamentaristas, Levellers e de pensadores como Hobbes.

Espejo (2017) é outra autora que compartilha de uma visão formal de povo, ainda que sob uma chave diferente, que constrói povo a partir dos procedimentos. Na sua proposta, parte da discussão sobre legitimidade para ancorar o corpus teórico sobre o conceito de povo. De acordo com Espejo (2017), “a concepção de povo que populistas e críticos adotam depende de visões anteriores sobre o que torna a democracia legítima” (Espejo, 2017, p. 772).

Nesse sentido, aponta duas grandes perspectivas sobre o povo entre teóricos da democracia: a primeira seria uma visão abstrata, ou, o relato hipotético do povo, a partir da qual este ator é uma construção abstrata que provê os fundamentos de legitimidade do estado democrático através da constituição (Espejo, 2017, p. 772). Já a segunda, o relato histórico do povo, avança com uma perspectiva concreta que, reconhecendo a indeterminação do povo, coloca no centro “movimentos políticos contingentes que surgem a partir de demandas de grupos realmente existentes de cidadãos que se organizam para reivindicar seus direitos do estado” (Espejo, 2017, p. 773).

Para a autora, ambas as perspectivas possuem limitações: no caso da perspectiva histórica, o problema estaria propriamente na sua indeterminação, que cria um risco de que movimentos políticos sejam tomados por representantes ou líderes que caminhem na busca por “um terreno substantivo da unidade popular na forma de uma identidade nacional, religiosa, étnica ou racial politizada” (Espejo, 2017, p. 773). Para a autora, qualquer apelo ao “povo” histórico carrega o “risco de se voltar para a xenofobia e a exclusão política violenta” (idem). Já em relação à perspectiva hipotética, afirma que ela funciona bem na teoria, mas possui muitos limites na prática, já que, no mundo real, “não é tão fácil encontrar a ‘voz (hipotética) do povo”, e que “as decisões endossadas por esse ‘povo’ hipotético poderiam ser simplesmente uma imposição de elites que estão no poder” (Espejo, 2017, p. 775).

Nesse sentido, propõe uma visão mediadora entre as anteriores (tomando, de acordo com ela, a “razão” do relato hipotético e a “vontade” do relato histórico) que entende o povo como:

Um procedimento de tomada de decisão, pelo qual os indivíduos interagem entre si, mediados por instituições legais que canalizam demandas populares e forçam os

representantes a adotar visões e tomar decisões. A longo prazo, esses procedimentos podem ser reconhecidos como ‘a vontade popular’ e, portanto, podemos eventualmente considerá-los como soberania popular (Espejo, 2017, p. 776).

Nesta visão, portanto, o povo é um conjunto de processos, ou eventos políticos dos mais simples aos mais complexos, desdobrando-se ao longo do tempo, processos esses que fazem tanto o povo como as instituições (o povo faz as instituições e estas fazem o povo). Os procedimentos forjados por um conjunto de indivíduos, desde que vocalizando demandas populares, poderiam ser reconhecidos como a vontade popular.

Os trabalhos discutidos neste tópico compartilham expressamente uma visão formal e institucional sobre povo. Mas, sinalizando para um distanciamento entre um povo abstrato, formal - definido pelos instrumentos do estado de direito democrático - e o povo real - que recorrentemente encontra desafios em exercer sua soberania prevista -, buscam saídas para uma maior aproximação do povo real a tal definição abstrata. Opera nessas discussões um atravessamento fundamental da questão da soberania popular e de como zelar por seu exercício efetivo e estendido a todos, de forma que, na linha do proposto por Canovan (2006), povo quase que seria um sinônimo de população.

Além disso, ainda que Urbinati (2019) tenha sido trabalhada como uma base que ensejou a presente proposta de organização de categorias de povo, ela também trabalha com a ideia de que há uma distância entre o povo normativo e o empírico, só que sob a figura do *gap* entre o normativo e o político-substantivo, que é ocupado pela representação, o que a faz ter uma visão de povo mais destacada em relação aos outros autores: assume seu caráter ficcional e a impossibilidade democrática de que seja reivindicado como único. Apesar dessa noção diferenciada, a autora também caminha na direção de Müller (2003) e Canovan (2006), situando a questão da soberania popular dentro do funcionamento da competição eleitoral.

Por fim, ainda que em desdobramentos distintos aos demais autores, Espejo (2017) compartilha com eles uma visão de povo fortemente ancorada no universo de funcionamento do estado democrático de direito. Mas, no que tange aos desdobramentos de sua concepção, cabe uma ressalva importante que afasta Espejo (2017) do reconhecimento, direto ou indireto, entre os demais autores sobre a impossibilidade de delimitar quem é o povo: se para ela as visões sobre povo dependem do que os teóricos consideram que define a legitimidade, a sua proposição do povo como um conjunto de procedimentos, mediados institucionalmente, que vocalizam “demandas populares”, é problematicamente parcial, já que busca definir de forma contraditória que tal processo bastaria para reconhecer a vontade popular.

## 1.2. POVO NEGATIVO

A principal porta de entrada de discussões acerca de um povo negativo se situa na literatura sobre o populismo, especialmente na interface com a caracterização de que discursos populistas evocam um povo homogêneo e virtuoso contra uma elite perversa. Cabe destacar que, diferentemente das pesquisas trabalhadas na subseção anterior, que, à exceção de Urbinati (2019), possuem como objetivo central de estudo a concepção de povo, os trabalhos aqui discutidos não são concepções dos autores sobre povo, mas sim sobre a forma como discursos populistas constroem um povo, o que tem como consequência, na maior parte dos casos, uma visão negativa sobre “povo”. Em função da relevância de tal discussão na contemporaneidade, considera-se importante chamar a atenção para ela e problematizar alguns de seus desdobramentos.

Nos últimos anos, foi possível notar um crescimento vertiginoso dos estudos sobre o populismo (Urbinati, 2019; Galston, 2018; Mudde e Kaltwasser, 2017; Judis, 2016; Müller, 2016). Mendonça e Caetano (2020) ressaltam a importância desse tema na contemporaneidade, por exemplo, ao mapearem três correntes principais de discussões contemporâneas sobre o populismo, - fundamentos conceituais, raízes históricas e condições de possibilidade e mapeamento de suas manifestações mais recentes (p. 2) – além de chamarem a atenção para reflexões em interlocução com a crise das formas tradicionais de representação que trazem um evidenciamento da dimensão comunicativa do populismo.

No contexto dessas correntes das discussões contemporâneas sobre o populismo, nota-se também uma postura majoritária que o considera sob uma ótica essencialmente negativa, em função do tipo de relação que se julga que ele estabelece com a democracia, e, nesse processo, com o próprio povo que, se não construído de formas problemáticas e antidemocráticas, seria usado e manipulado frente aos discursos populistas que apelam a ele.

Considera-se, por exemplo, que as lideranças populistas, sejam elas de esquerda ou de direita, tendem a se colocar acima das instituições, desconfigurando as regras do jogo e os procedimentos da democracia representativa e abrindo espaço para autoritarismos dos mais diversos. Além disso, os discursos populistas tenderiam a radicalizar as polarizações políticas e simplificar o campo social ao estabelecerem relações binárias opostas entre um povo autêntico e legítimo e uma elite imoral e corrupta. No caso dos populismos de direita, a situação seria mais grave, na medida em que o povo, considerado legítimo, seria demasiadamente restrito, excluindo minorias e imigrantes, por exemplo.

De modo geral, a literatura sobre o populismo foca na figura da liderança populista, e nos efeitos de seu estilo, atuação e/ou discurso sobre as instituições, de forma que o “povo” é caracterizado, recorrentemente, a partir do ponto de vista do que essas lideranças pregam ou constroem. Portanto, para olhar para a discussão em torno do conceito de povo no populismo, é necessário compreender como a literatura trabalha a forma na qual as lideranças estabelecem o sujeito popular, e as implicações que isso tem para a discussão da própria noção de “povo”.

Os estudos contemporâneos sobre o populismo são atravessados por um entendimento comum de que lideranças populistas mobilizam o discurso e a imagem de um povo unificado, homogêneo e virtuoso contra uma elite imoral e corrupta (Hawkins e Kaltwasser, 2018; Mudde, 2017; Mounk; 2019; Aslanidis, 2015). No entanto, também há um reconhecimento de que, dentro desse dualismo, existe alguma variabilidade no tipo de apelo ao “povo”, como aponta Canovan (1999) ao destacar três tipos comuns de apelos (o povo como nação; o povo moral e o povo comum oposto à elite privilegiada) que tocam, em diferentes medidas, as categorias aqui propostas.

A partir desse ponto de atravessamento comum, cada teórico busca extrair do populismo seu significado e interpretar que tipo de povo que esse fenômeno constrói<sup>2</sup>. No caso de Weyland (2001), por exemplo, o povo do populismo é um sujeito singular de caráter imaginado, uma “massa” alvo da estratégia populista; para Jansen (2011), esse povo representa setores sociais geralmente marginalizados, “pessoas comuns”, também alvos da prática/projeto populista; e para Moffit (2016), o povo é uma audiência, para a qual o líder populista constrói seu estilo.

Mesmo diante de alguma variabilidade na asserção do tipo de “povo” que é construído pelas lideranças populistas, é um atravessamento comum no corpo majoritário de discussões sobre o populismo a visão de que o fenômeno seria negativo não apenas para as instituições e para a democracia representativa em si, mas também para o próprio “povo”, já que ou a relação se constrói diante de uma manipulação ou uma instrumentalização das pessoas, ou quando essas lideranças acessam o poder, caminhariam na direção contrária do bem da população, como bem indicam os exemplos clássicos das literaturas sobre populismos nos dois espectros políticos: o chavismo, como representante clássico do populismo de esquerda e Viktor Orbán, na Hungria, ou Le Pen, na França, do populismo de direita. Na perspectiva de Urbinati (2019), por exemplo, o populismo tenderia a se beneficiar de sua relação com o povo como uma moeda de troca, como uma forma de exercer a competição eleitoral. Como afirma a autora:

---

<sup>2</sup> Importante ressaltar que não se trata de propostas conceituais de tais autores sobre o que significa povo, mas sim sobre como povo é construído no populismo, majoritariamente se considerando discursos de lideranças populistas.

Aqui está a chave: o povo está “sempre disponível na luta contra a autoridade política ou na competição pelo poder político” (...) O populismo questiona a forma como o sistema partidário regula a competição porque se recusa a aceitar a persistência desses “dilemas” (...) o populismo entra na competição com o objetivo de conquistar *totalmente* o povo, porque afirma que seu povo é o “verdadeiro” (...) [o populismo] busca fechar *o gap* entre o povo soberano, por um lado, e o atual povo político, por outro (sendo quem está falando e agindo em nome do povo) (Urbinati, 2019, p. 90).

É importante ressaltar que apesar dessas perspectivas darem o tom geral do lugar do “povo” nas discussões sobre populismo, há outras abordagens que constroem um lugar diferente sobre ambos (povo e populismo), sendo o principal exemplo a discussão de Ernesto Laclau em *A Razão Populista*, que, apesar de não ser desenvolvida neste trabalho sob a ótica do populismo, será mobilizada em seção apropriada na busca por uma perspectiva pós-estruturalista na apreensão conceitual de povo.

Mas, no que tange às discussões majoritárias, destaca-se que, apesar delas apontarem para a forma como discursos populistas constroem o povo, não avançam em um exercício reflexivo e crítico sobre como um sujeito popular pode ser construído de formas mais ou menos democráticas, o que teria importantes implicações inclusive na avaliação do caráter ambivalente do populismo na democracia. E, na caracterização fundamental do populismo como um fenômeno negativo e antidemocrático, acabam trabalhando também uma percepção negativa sobre “povo”.

Mas, sobretudo na ausência de uma postura proativa na construção e problematização do conceito, constroem um lugar pouco dotado de agência para o povo, que se veria sempre captado por um outro, a liderança populista, que o define. É nessa direção que caminha também crítica de Tormey (2019) em sua argumentação sobre povo no populismo, afirmando que se o povo é ideia central na discussão sobre o fenômeno, ela constitui simplesmente a descrição de um relacionamento (o povo versus as elites) e que estariam faltando as “coordenadas básicas que associamos com ideologias políticas como socialismo, liberalismo e conservadorismo; um entendimento de como, idealmente, nós deveríamos viver e como a sociedade deveria se parecer” (Tormey, 2019, p. 19/20); e conclui fazendo um chamado para um “retorno ao conceito de democracia como o comum (*a commons*), como um sistema político cuja propriedade ímpar é a de pertencer a qualquer um e todo mundo, ao demos, ao povo” (idem, p. 167).

### 1.3. POVO COMO COLETIVO POLÍTICO

A última categoria de povo discutida nesta pesquisa diz respeito a povo como coletivo político, ou seja, concepções que constroem povo em função de seu compartilhamento de um movimento, partido ou ideologia política, de opiniões etc., o que dotaria esse sujeito coletivo

de agência política. Ressalta-se que, em função desse “coletivo” a ser compartilhado poder adotar formas diversas, os trabalhos que aqui serão discutidos possuem uma diversidade ainda maior entre si do ponto de vista teórico, na medida em que cada um se dedica a uma forma possível de organização e expressão do coletivo político. Cabe reforçar, como já foi destacado no início da seção, que existe aqui um esforço em captar aspectos do conceito de povo que aparecem dispersos em vários trabalhos, existindo inclusive algumas sobreposições. O objetivo não é, portanto, o de definir perspectivas teóricas bem contornadas e agrupar autores dentro delas, mas sim de indicar sobre as formas como “povo” tem sido trabalho, chamando a atenção justamente para seu lugar secundário/tangencial nas discussões. Diante disso, nesta subseção serão discutidos os trabalhos de Canovan (2002), Butler (2016), Badiou (2016) e Sodré (1962) em que refletem acerca de “povo”.

Abrindo a discussão, está a leitura de Canovan (2002) em torno do pensamento de Hannah Arendt no que tange   constituic o do “povo”. Ainda que o trabalho de Canovan (2002) seja dedicado ao “paradoxo do populismo” em Arendt, que para ela se daria pelo fato da filósofa acolher a a o direta pelo povo ao mesmo tempo em que temia os casos de mobiliza o das bases (Canovan, 2002, p. 403), desdobram-se discussões interessantes e pertinentes para os objetivos desta pesquisa.

Canovan (2002) recupera que na esteira de a es políticas não democráticas, como o nazismo, Arendt diferenciou entre um povo autêntico e um “não povo” - termo mobilizado exclusivamente por Canovan (2002) para interpreta o de Arendt - constituído pelas multidões e massas. O povo possuiria uma a o orientada pelo espírito público, lutando por verdadeira representa o (Canovan, 2002, p. 405). Diferentemente do não-povo, o povo compartilharia um mundo humano: “‘Povos genuínos’, afirma ela, trabalharam na natureza para criar ‘um mundo humano, uma realidade humana’ (1967: 192) e, portanto, têm histórias; enquanto as tribos pr -históricas viviam na e sobre a natureza, como animais, sem construir um art ficio humano e uma ‘realidade humana’” (idem, p. 406).

As diferenças entre povo e não-povo no pensamento de Arendt estariam, de acordo com Canovan (2002), muito associadas   rela o entre “mundo” e “realidade”, com o entendimento de que o povo compartilha um mundo comum, enquanto o não-povo parece ser amaldi ado com a exclusão da realidade.

Canovan (2002) destaca que, apesar da perspectiva conservadora de Arendt em torno do povo, ela não tinha deste uma visão estanque, mas sim via a possibilidade de mudança, de constru o de novos mundos políticos, de forma que “um Povo genuíno está sempre

potencialmente lá” (Canovan, 2002, p. 413). Defende, portanto, que a diferenciação de Arendt entre povo e não-povo não é permanente, pois entende que “o Povo são indivíduos mobilizados em defesa de um mundo público compartilhado” (idem, p. 416) e, para além de um conceito, seria um fenômeno político que pode surgir ocasionalmente.

Canovan (2002) compartilha da perspectiva de Arendt ao chamar, em suas conclusões, para uma reflexão sobre os casos contemporâneos de mobilização popular para diferenciar entre os poucos que revigoram a tradição republicana do povo e aqueles que não o fazem, perspectiva que é reforçada em outro trabalho (Canovan, 2017), em que pensa o povo como uma “mobilização ocasional através da qual indivíduos separados são temporariamente fundidos em um corpo capaz de exercer autoridade política” (Canovan, 2017, p. 357). Portanto, na perspectiva das autoras, povo não é algo que existe a todo momento, como perspectivas do povo formal considerariam, mas sim depende de sua capacidade coletiva, nesse caso, de compartilhamento de um mundo comum.

Por sua vez, Butler (2016) também compartilha do entendimento das demais autoras de povo como um fenômeno político que pode surgir ocasionalmente, só que aplicando a discussão à sua reflexão sobre liberdade de reunião/assembleia. Em uma investigação sobre o que a enunciação “nós, o povo” significa em tais contextos de assembleia, ela entende que se trata de “uma enunciação que pretende trazer a pluralidade social que nomeia” (Butler, 2016, p. 52) e, nesse sentido, não pressupõe uma unidade, mas sim funda debates sobre quem é o povo e o que ele deseja (idem, p. 53). Nessa direção, para entender o povo é necessário compreender “a ideia de soberania popular que ‘nós, o povo’ busca assegurar” (idem, p. 55), de forma a averiguar como a ideia de povo se constitui, se de forma abstrata ou substantiva, se no singular ou no plural etc.

Mas, de antemão, Butler (2016) entende que é necessário olhar para a existência dos corpos como algo anterior aos próprios conteúdos que eles encenam. A ideia de povo, nessa perspectiva, seria anterior a qualquer vocalização ou preenchimento de conteúdo, de forma que “a representação performativa de ‘nós, o povo’, acontece antes de qualquer vocalização desse enunciado (Butler, 2016, p. 59).

Portanto, “Nós, o povo’ é uma encenação performativa sem demandas, embora certamente dê origem a demandas que dependem fundamentalmente daquela instituição incorporada e performativa do povo em sua pluralidade” (idem, p. 59). Assim, para a autora, povo também não existe a todo momento, mas sim se constitui, em sua reflexão, a partir da encenação performática desses corpos que se unem em assembleias.

Mas existem também discussões do povo como sujeito coletivo que se desdobram em um outro tipo de chave em que se busca caracterizar *quem* “povo” seria, presente em discussões relacionadas àquela sobre classe. É o caso de Badiou (2016), em capítulo do livro *What is a People*, que busca diferenciar entre um povo oficial e um outro tipo de povo, marginalizado, e entre sentidos negativos e positivos do termo. O autor parte da defesa de que, atualmente, os usos feitos do termo “povo” são neutros - ainda que nem sempre tenham sido - e que se tornou uma categoria de direito do Estado, designando simplesmente uma massa passiva, que não é um sujeito político verdadeiro.

Nesse contexto, o povo oficial seria a classe média, em função da influência aristotélica na ideologia dominante ocidental que, para Badiou (2016), faz com que se entenda como “povo” o “conjunto satisfeito da classe média que constitui as massas para que o poder da oligarquia capitalista possa ser considerado democraticamente legítimo” (Badiou, 2016, p. 29). O sentido associado a esse povo oficial é atribuído como negativo para o autor, que destaca um segundo sentido da mesma natureza, que se daria em torno da constituição de identidades raciais ou nacionais fechadas, e sempre fictícias, que se estruturariam a partir de Estado despótico e violento.

A esse povo oficial, Badiou (2016) contrapõe o outro tipo de povo, que seria formado pelos setores marginalizados, que pelas lentes do Estado “não possuem direito digno de consideração que o povo oficial pode ter” (Badiou, 2016, p. 28). Sua legitimidade reside, portanto, em sua existência politicamente orientada à abolição do Estado existente. Com relação a esse povo marginalizado, Badiou atribui sentido positivo à categoria, e também destaca um segundo caso de mesma natureza: “a constituição de um povo em busca de sua existência histórica” (idem, p. 31), o que se aplicaria a contextos de dominação colonial e imperialista ou de invasão, de forma que o povo existiria “de acordo com o futuro perfeito de um estado inexistente” (idem).

Portanto, para Badiou (2016), a atual configuração das sociedades contemporâneas institui um povo oficial, que não teria sua autenticidade enquanto sujeito político e seria apenas uma massa, uma vez que subordinado de forma passiva ao Estado. Mas, por outro lado, existiria esse outro povo, que, interpreta-se aqui, poderia ser entendido como legítimo em função de seu caráter marginalizado frente ao Estado e por seu desejo de destitui-lo. Nessa perspectiva, a instituição do Estado é o fator limitante para a configuração desse povo “legítimo”.

[Nota] 23. O ‘povo’ é, portanto, uma categoria política, seja levando à existência de um estado desejado cuja existência negada por algum poder ou na sequência de um estado estabelecido do qual um novo povo, tanto interior quanto exterior ao povo oficial, requer sua morte. A palavra ‘povo’ tem sentido positivo apenas no que diz respeito à possível



inexistência do Estado. Ou o estado proibido cuja criação é desejada. Ou o estado oficial cujo desaparecimento é desejado. [Nota] 24. O ‘povo’ é uma palavra que assume todo o seu valor seja em formas transitórias, desde as guerras de libertação nacional, ou em formas definitivas, da política comunista (Badiou, 2016, p. 31).

É possível notar aqui alguma aproximação com a distinção que Canovan (2002) lê em Arendt entre o povo e o “não-povo”, em uma percepção que reforça justamente o caráter coletivo político que esses sujeitos podem ou não ser dotados, ainda que em Badiou (2016) existam implicações distintas a partir do atravessamento da perspectiva de classe em sua discussão.

Outra discussão em torno de povo como coletivo político é *Quem é o povo no Brasil?* de Nelson Sodré. Nela, o autor trabalha uma defini o de povo aproximada   no o de classe e aponta a necessidade de diferenciá-la daqueles grupos que falam em nome, ou dizem ser o povo, mas que na verdade não são.

“Povo”, para Sodré (1962),   “em todas as situa es (...) o conjunto das classes, camadas e grupos sociais empenhados na soluço objetiva das tarefas do desenvolvimento progressista e revolucionário na área em que vive” (p. 35). Todos aqueles não envolvidos nessa tarefa não fariam parte do povo. Portanto, ele trabalha com um conceito delimitado, ainda que afirme que a sua substância varie a depender do momento histórico.

Nesse sentido, sua investiga o se concentra em apontar quem era o povo brasileiro em momentos históricos específicos, explorando a Independência (1824) e a República (1889). Nesse exercício, bastaria definir qual   a tarefa progressista e revolucionária da época para então responder quais são as classes interessadas em avançar com ela. No Brasil contemporâneo ao autor, do início da segunda metade do século 20, povo seria:

[O povo são] As partes da alta e da m dia burguesia que permanecem fiéis ao seu País,   a pequena burguesia que, salvo reduzidas fra es corrompidas, forma com os valores nacionais e democráticos,   o numeroso campesinato que acorda para a defesa de seus direitos,   o semiproletariado e, principalmente, o proletariado, que se organiza amplamente e comanda as a es políticas.   este o povo que vai realizar a Revolu o Brasileira (Sodré, 1962, p. 90).

Assim, ainda que Sodré (1962) trabalhe, e desenvolva, parâmetros para diferenciar um povo de um não-povo, também não nega o seu caráter construído, ao notar que a defini o sobre quem   o povo varia a depender do local, do contexto e da situa o histórica: “(...) povo   uma abstra o. Cada um   livre de atribuir   palavra povo o significado que bem imaginar” (Sodré, 1962, p. 29).

Com relação a Badiou (2016) e Sodré (1962), é possível destacar uma influência marxista na discussão sobre povo, ainda que com pressupostos e parâmetros distintos<sup>3</sup>: se o último autor parte de uma empreitada com objetivos históricos para indicar o caráter flutuante do povo brasileiro em distintos contextos, mesmo que lhe caracterizando com atributos específicos de classe, o primeiro autor diagnostica um cenário contemporâneo marcado pela atuação de um Estado que constrói seletivamente um “povo” como forma de dominá-lo, clamando pela “ascensão” do povo marginalizado pelo Estado.

O que essas discussões, somadas à de Canovan (2002) sobre Hannah Arendt e Butler (2016) sobre as performances, possuem em comum é que todas compartilham o entendimento de que povo só se constitui perante algum processo político coletivo que o dote de agência. Ainda que ancoradas em distintas vertentes e avançando com diferentes debates teóricos, afasta-se aqui de uma concepção puramente formal de povo, que seria algo instituído pelo estado democrático de direito, assim como das discussões do populismo que carregam uma visão negativa de povo ancorada a uma ênfase no papel das lideranças populistas em uma construção problemática de povo.

#### **1.4. ASSUMINDO O CARÁTER CONSTRUÍDO DO “POVO”: A ESCOLHA POR UMA PERSPECTIVA PÓS-FUNDACIONAL SOBRE O CONCEITO**

As discussões abordadas na última seção possuem diferentes olhares para a categoria “povo”. Naquelas do povo formal, este é pensado dentro da estruturação do estado democrático de direito que o institui e lhe dota de poder; e, de modo geral, existe uma preocupação em buscar pela correspondência entre esse povo formal e o empírico, em uma forte aproximação com a questão da soberania popular e sobre como garantir que tal exercício se dê na realidade. O grande desafio parece ser, nessa ótica, diminuir essa distância, dentro do próprio jogo da política a partir de suas instituições. Por mais que se reconheça, indiretamente, o caráter construído de povo, a busca por tal correspondência entre o normativo e o empírico pode ter distintas implicações, inclusive no sentido de se buscar definir quem é o povo, ou mesmo em equivaler “povo” a população, implicando um esvaziamento do primeiro conceito e de seu potencial político.

Já nas discussões sobre povo negativo, há uma concentração na literatura sobre o populismo, em que a atenção dos autores sobre o povo recai apenas no sentido de discutir como as lideranças populistas o constroem e, nesse sentido, isso é feito na postulação do povo como

---

<sup>3</sup> Especialmente no que tange a uma perspectiva mais canônica do marxismo em Sodré (1962) na discussão classe/ideologia, enquanto em Badiou (2016) já é possível notar um diálogo com o pós-estruturalismo.

um ente unificado, homogêneo e virtuoso contra uma elite imoral e corrupta. Diante disso, ainda que não seja a literatura sobre populismo que construa o povo de tal forma, a sua não atenção a tal conceito tão central ao populismo (i) contribui para uma visão negativa do conceito, já que ele é lido muitas vezes como problemático e (ii) o deixa no vazio, possuindo forte limitação ao deixar que pertença apenas à liderança populista o esforço de se construir tal conceito.

A última categoria de povo que se identificou nas discussões sobre o tema é a que o constrói como um sujeito coletivo que é dotado de agência política justamente perante o compartilhamento de “algo” (como uma orientação ao mundo comum, um exercício performativo ou o pertencimento a algum setor específico da sociedade) que o unifique para a ação política e exercício de sua soberania. Nessas visões, cada autor(a) busca desenvolver a forma na qual tal coletividade é dotada de caráter político, seja com o mundo comum que Canovan (2002) destaca em Arendt, com as performances em assembleias de Butler (2016) ou com a orientação por uma tarefa progressista em Sodré (1962) e o chamado pela ascensão do povo marginalizado contra o Estado em Badiou (2016).

Ainda que todas essas categorias tenham sua relevância, a maioria delas compartilha, *implicitamente*, a seguinte percepção: a de que povo é inerentemente um sujeito construído. Seja na tentativa de aproximá-lo ao que estabelece a constituição, seja pelo olhar e discurso de uma liderança populista ou a partir de ações coletivas que unificam politicamente os sujeitos populares, em todo caso, povo não “está lá” pronto e imutável, e não há uma substância a ser encontrada.

Nesse sentido de que povo é um sujeito construído, cabe destacar discussão de Olson (2016a; 2016b), que busca entender a força do imaginário em torno do poder do povo na política contemporânea, ou compreender *como um povo se torna um povo*. Em um empreendimento simultaneamente crítico e histórico, o autor concebe “o poder do povo” como um “paradigma popular (*folk*) da crença política” revestido de força fundacional no discurso e na prática, de forma que “essas crenças possuem conteúdo tanto factual quanto normativo: elas postulam uma coletividade significativa a qual nos referimos como ‘o povo’, a dotando de formas particulares de poder” (Olson, 2016b, p. 6).

Ainda que o autor esteja particularmente interessado pela ideia da soberania popular, ou, pelos imaginários de soberania em torno de povo, é interessante destacar como ele aponta que a busca por um significado de “povo” e a tentativa de resolver a questão da soberania é um horizonte impossível. “Povo” em Olson (2016b) “não é uma entidade que ocorre naturalmente, mas um objeto de criação epistêmica e política” (Olson, 2016b, p. 19), e os seus fundamentos

estão associados às formas nas quais percebemos e valoramos tipos particulares de coletividade (Olson, 2016a, p. 123).

Quando perguntamos ‘O que é um povo?’ não estamos fazendo uma pergunta puramente sócio-ontológica: sobre sua formação no espaço social de nossa imaginação coletiva. A ontologia social das pessoas gira em torno de um elemento semântico constitutivo crucial. O que as pessoas são depende do que elas significam. Em outras palavras, o elemento mais crucial é a maneira como as pessoas assumem nuances de significado no processo contínuo de construção. Fazer perguntas sobre o lugar das pessoas em nossos imaginários compartilhados é, portanto, perguntar sobre a maneira como construímos visões das pessoas e damos significado a elas (...) O povo é importante na política porque possui essas valências normativas, que mudam com o tempo e o contexto, e são, portanto, ainda mais interessantes (Olson, 2016a, p. 121).

A discussão de Olson também ganha corpo e expressividade em seu exame empírico, ao discutir a ideia de povo na França iluminista e no Caribe revolucionário. O autor identifica e caracteriza a existência de imaginários de soberania nos períodos históricos citados, explorando as disputas conceituais e diferentes tensões em torno de sua definição.

Assim como Olson (2016a; 2016b), Ernesto Laclau desenvolve uma perspectiva marcadamente pós-fundacional sobre povo, calcada na impossibilidade de sua definição última, mas chamando a atenção para aspectos que tangem à sua construção discursiva. O próprio Olson (2016b) desenvolve diálogo com Laclau, mas possui uma limitação importante nesse diálogo ao considerar que, em Laclau, discurso se refere somente a palavra/texto.

Em uma passagem em que tenta estabelecer uma relação do Leviatã de Hobbes com o povo de Laclau, afirma que este “descreve um povo que, em uma inspeção mais próxima, é feito de... palavras” (Olson, 2016b, p. 23). Mas Laclau deixa absolutamente claro que sua definição de discurso equivale aos jogos de linguagem de Wittgenstein, o que “envolve a articulação de palavras e ações, de tal modo que a função nodal nunca é uma operação meramente verbal, mas inserida em práticas materiais que podem adquirir uma fixidez institucional” (Laclau, 2013, p. 168).

Além disso, Olson (2016a; 2016b) concentra seus esforços na compreensão do poder normativo da *soberania* popular, a partir da noção dos imaginários de soberania, algo que não é o interesse central deste trabalho. Diante desses pontos, considera-se importante retornar à teórica de Ernesto Laclau, que será mobilizada como a grande moldura analítica para a condução deste trabalho. Partindo da sua reflexão acerca de povo, Laclau (2005) sustenta que para tornar “povo” algo inteligível, é necessário (i) assumir algumas decisões teóricas e (ii) assinalar as condições históricas para seu surgimento.

As decisões teóricas estão estruturadas, basicamente, em três grandes conjuntos: a) “povo” é uma categoria política; b) o que torna o povo um sujeito histórico peculiar é justamente

uma combinação entre a universalidade do *populus* com a parcialidade da *plebs*, o que é construído por uma lógica denominada “razão populista”<sup>4</sup>; em decorrência, é necessário olhar para a universalidade do parcial e a parcialidade do universal, o que está associado à lógica do objeto *a* lacaniano e c) a relação entre nominação e contingência demonstra como se dá a construção do “povo”.

Com relação ao primeiro aspecto, “povo” ser uma categoria política significa que ele não está dado na estrutura social, não se referindo a nenhum grupo específico de antemão, mas sim se refere a um “ato de instituição que cria um novo ator a partir de uma pluralidade de elementos heterogêneos” (Laclau, 2005, p. 10). O autor sugere, portanto, para que não se olhe para a unidade “grupo” como forma preferencial de análise, mas sim para demandas sociopolíticas, já que seriam os discursos e as operações articulatórias em torno deles que expressariam a unidade do grupo.

Por sua vez, a peculiaridade do povo como sujeito histórico está relacionada à universalidade do parcial e à parcialidade da universalidade. O parcial ser universal indica não só uma relação da parte de um todo, ou seja, de diversas demandas particulares que se associam para serem articuladas em um significante vazio mais amplo; mas também de uma parte que é o todo, no sentido de uma inversão da relação parte/todo tomada pela lógica do objeto *a* lacaniano e da própria relação hegemônica, ou seja, a “possibilidade de que uma parcialidade se converta no nome de uma totalidade impossível (em outras palavras: a lógica hegemônica” (Laclau, 2005, p. 12).

Assim, é essa tensão da relação *populus/plebs* que “assegura o caráter político da sociedade, a pluralidade de encarnações do *populus* que não conduz a nenhuma reconciliação final (...) é por isso que não existe parcialidade que não mostre em seu interior as marcas do universal” (Laclau, 2005, p. 11).

Por sua vez, a universalidade estar presente na parcialidade não significa que a última seja eliminada, mas sim, demonstra uma operação constitutiva a partir da qual o povo não é resultado de “nenhum tipo de efeito ‘superestrutural’ de alguma lógica de uma subjetividade

---

<sup>4</sup> A discussão sobre a razão populista em Laclau faz parte de um debate amplo em que o autor busca tirar a discussão do populismo da marginalidade propondo uma interpretação alternativa e original sobre o fenômeno. Em breves palavras, o específico do populismo estaria em sua ênfase no momento da equivalência, no contexto de operação das lógicas políticas, que criaria uma fronteira no social que, por sua vez, representaria o outro lado da fronteira através da construção discursiva de um inimigo, sintetizado no “poder” que falhou em satisfazer as demandas do “povo”. Nessa construção de povo e poder como polos antagônicos se insere a dinâmica política do populismo, que depende da reprodução de tal fronteira interna (Laclau, 2005, p. 41). Nesse sentido, Laclau defende que o destino do populismo se relaciona com o destino de tal fronteira política, de forma que se ela entrar em colapso, o “povo” como ator histórico se desintegrará (Laclau, 2013, p. 145).

política, mas é o terreno primordial na construção de uma subjetividade política” (Laclau, 2005, p. 11).

A necessidade de constituir um ‘povo’ (uma *plebs* que reivindica ser um *populus*) surge somente quando esta plenitude não é alcançada e os objetos parciais existentes na sociedade (figuras, símbolos, etc) são investidos de tal modo que se tornam o nome de sua ausência (Laclau, 2013, p. 181).

É a unidade alcançada entre a parcialidade que se transmuta em uma universalidade que a transcende e, por sua vez, reflete uma plenitude alcançável, que representa um horizonte histórico final “que não pode cindir-se em suas duas dimensões, universalidade a parcialidade” (Laclau, 2005, p. 12). A história, portanto, não seria um “avanço contínuo infinito, mas uma sucessão descontínua de formações hegemônicas a qual não pode ser organizada de acordo com nenhuma narrativa universal que transcenda sua historicidade contingente” (idem). Assim, cabe destacar que “os ‘povos’ são apenas formações sociais reais, que resistem a ter sua inscrição em qualquer tipo de teleologia hegeliana” (idem).

A última decisão teórica a ser tomada para uma concepção inteligível de povo, para Laclau, diz respeito à relação entre nominação e contingência. A primeira é uma operação de construção do povo, já que a unidade dos atores sociais não é simplesmente um exercício arbitrário de atribuição de um rótulo para um objeto, mas sim é o resultado de uma operação na qual demandas plurais se unem por relações equivalenciais (Laclau, 2005, p. 12). E essa operação de nominação depende centralmente de uma história contingente: ou seja, os sentidos em torno de um significante como “nacionalismo”, tão central na constituição de diversas identidades populares, variam e não são definíveis a priori.

Os elementos constitutivos nada mais são do que significantes vazios, em torno dos quais o afeto ocupa um lugar de centralidade: dentro das operações substitutivas/equivalenciais, significação e afeto de imbricam. Temos, ainda, que o processo no qual uma formação hegemônica passa a outra envolve uma ruptura radical, que não significa que todos os elementos da configuração sejam inteiramente novos, mas sim que “o povo de articulação, o objeto parcial em torno do qual a formação hegemônica se reconstitui como uma nova totalidade não adquira seu papel central de nenhuma lógica que tenha operado na situação precedente” (Laclau, 2005, p. 14). Em síntese:

O que é decisivo para a emergência do ‘povo’ como novo ator histórico é que, como o momento equivalencial/articulador não procede de uma necessidade lógica, a partir da qual cada demanda se conectaria às outras, a unificação de uma pluralidade delas em uma nova configuração é constitutiva e não derivativa, isto é, é um ato no sentido estrito do termo, uma vez que não tem sua origem em nada externo a si mesmo. A emergência do ‘povo’ como ator histórico é, então, sempre uma transgressão com relação à situação precedente. E esse ato de transgressão constitui também a emergência de uma nova ordem (Laclau, 2005, p. 14).

Já com relação às condições históricas para o surgimento do povo, Laclau discute uma condição estrutural relacionada à multiplicação de demandas sociais que dependem de articulações políticas equivalenciais para atingirem certa unidade. E, refletindo sobre a constância da heterogeneidade mesmo frente às tentativas, em nossas sociedades contemporâneas, de incrementar a homogeneidade social a partir de mecanismos diversos, aponta para o capitalismo globalizado como um rótulo definidor desse aspecto.

Para o autor, o capitalismo, longe de ser uma totalidade fechada em si, é “um complexo no qual as determinações econômicas, políticas, militares, tecnológicas e outras – cada uma dotada de certa autonomia e de sua própria lógica – concorrem para a determinação do movimento do todo” (Laclau, 2005, p. 16), de forma que a “heterogeneidade pertence à essência do capitalismo e suas próprias estabilizações parciais são hegemônicas por natureza” (idem).

Nesse contexto, e, especificamente na construção discursiva da divisão social, a multiplicidade de demandas heterogêneas torna a cadeia de equivalências cada vez mais extensa, de forma que fica sempre difícil definir “o objetivo e contra quem se luta” (Laclau, 2005, p. 17), dotando o capitalismo globalizado de grande centralidade na medida em que ele reflete “uma multiplicação de efeitos de deslocamento e uma proliferação de novos antagonismos” (idem) que torna muito difícil exercícios paralelos de construção de hegemonia.

No entanto, na medida em que todo antagonismo seria político, operando na dialética entre lógica da diferença e da equivalência, e que toda demanda pressupõe uma heterogeneidade e exterioridade constitutiva, não se confinando a conteúdos específicos, “não existem sujeitos puros da interação; estes sempre estão sobredeterminados pelas lógicas equivalenciais. Isto implica que os sujeitos políticos sempre são, de uma maneira ou de outra, sujeitos populares” (Laclau, 2005, p. 17/18).

Diante dessa exposição, este trabalho mobilizará a teoria de Ernesto Laclau, em particular seu entendimento sobre o “povo” como uma categoria política que não está definida a priori, mas sim que é construída, instituída, através de discursos e operações articulatórias. O objetivo é compreender a operação de construção do povo, que Laclau (2005) desenvolveu como a relação entre nominação e contingência, mas sem tomar seu entendimento de que as demandas sociopolíticas sejam a unidade de análise preferencial<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Entende-se que há pouca clareza em Laclau em torno do que são demandas sociopolíticas e que, mesmo em um exercício interpretativo mais afinado ao funcionamento da razão populista, em que as demandas poderiam ser lidas como as reivindicações do “povo” não atendidas pelo “poder” que se inscrevem em uma cadeia de equivalências, tal perspectiva se torna limitada quando se busca conduzir um exercício empírico em que sujeitos políticos estão construindo o “povo”. É claro que tal construção pode levar em conta as “demandas” do “povo”, mas não necessariamente.

Entende-se que olhar para as articulações discursivas dos sujeitos políticos na tentativa de construção do povo, sem imputar de antemão que reivindicações populares precisem ser articuladas, é um ganho em potencial analítico, especialmente quando não se busca atestar se tais sujeitos políticos falharam ou não em sua tentativa de construção de um sujeito popular, algo que é especialmente analisado por Laclau em capítulo específico de *A Razão Populista*.

Mas, para desenvolver uma análise empírica sob a ótica da teoria de Ernesto Laclau, faz-se necessário compreender a lente a partir do qual Laclau interpreta os discursos, que é a do pós-fundacionalismo, e alguns conceitos-chave que serão mobilizados para a compreensão dos discursos dos sujeitos populares na construção do “povo” brasileiro no contexto da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, a próxima subseção dedica-se a tal desenvolvimento.

#### **1.4.1. Pós-fundacionalismo e conceitos-chave em Ernesto Laclau**

Laclau é considerado um dos principais nomes do pós-fundacionalismo na atualidade (Marchart, 2007), cujo debate moderno se constitui em “um questionamento constante de figuras metafísicas da fundação - como totalidade, universalidade, essência e base” (Marchart, 2007, p. 2). Esta corrente diferencia-se de outras por sua ancoragem na diferença política, expressa sobretudo pela diferença entre o político e a política.

De acordo com Marchart (2007), os termos dessa diferenciação são debatidos por diversos pensadores, como Hannah Arendt, que enfatiza o momento associativo da política; Carl Schmitt, que enfatiza o momento dissociativo do político e Chantal Mouffe, que preconiza o aspecto do político como antagonismo. Em linhas gerais, a diferença entre ambos os conceitos está no fato de que a política (*politics*) se refere fundamentalmente a práticas e instituições cotidianas, ou, à tentativa de estabelecer uma ordem e um fundamento último para a sociedade a partir delas; enquanto o político (*political*) é o momento de um movimento duplo de instituição e destituição da sociedade que demonstra seu terreno ausente.

Em uma ampla retomada histórica, Marchart (2007) destaca que, apesar da política (*politics*) ser separada de outras esferas de ação desde o pensamento de Maquiavel, isso não foi condição suficiente para ser tomada como um campo autônomo até a crise do paradigma fundacionalista, que “é o resultado de uma crescente não-correspondência entre um antigo paradigma conceitual e sua mudança institucional ou contexto social” (Marchart, 2007, p. 56). No terreno do social, crises, como as guerras mundiais, se apresentaram enquanto deslocamento de sedimentos do social e quebra da tradição.

A politização dos conceitos foi outro elemento que contribuiu para o deslocamento no horizonte fundacionalista e para que o político em si mesmo se tornasse o novo horizonte de



constituição de qualquer objeto, de forma a se ver a constituição da sociedade e do social através do espelho político (Marchart, 2007, p. 57).

Com relação à teoria política recente, a hipótese foi apresentada por nós de que a diferença conceitual entre a política e o político assume o papel de um indicador ou “sintoma” do terreno ausente da sociedade. Essa diferença representa nada além de uma cisão na ideia tradicional de política, onde um novo termo (o político) teve que ser introduzido para apontar para a dimensão 'ontológica', a dimensão da instituição/destituição da sociedade, enquanto 'política' foi mantido como um termo para as práticas “ônticas” da política convencional: as tentativas particulares e, eventualmente, sempre sem sucesso, de fundamentar a sociedade (Marchart, 2007, p. 57).

Ernesto Laclau compartilha o entendimento pós-fundacional do político, o definindo como “o momento de instituição/destituição do social ou da sociedade respectivamente” (Marchart, 2007, p. 135). Mas, para melhor compreender essa afirmação, faz-se necessário navegar por alguns conceitos-chave do pensamento laclauliano.

Ancorado no pós-fundacionalismo, Ernesto Laclau compartilha um entendimento básico sobre a impossibilidade de fixação última de significados. Seu pensamento também é fortemente influenciado pelos desenvolvimentos da linguística, a partir de Saussure, e pela psicanálise lacaniana.

Com relação ao primeiro aspecto, é necessário introduzir que, de acordo com Torfing (1999), o pensamento de Saussure representou uma importante virada no campo da linguística por sua ênfase no aspecto sincrônico da linguagem, quando sua análise passa a considerá-la enquanto um “sistema social de regras de combinação e substituição (la langue), que é tanto o instrumento quanto o produto de formas atuais, individuais de discurso e escrita (la parole)” (Torfing, 1999, p. 87). Um conceito central para Saussure seria o de signo, elemento básico da estrutura linguística, entendido como “uma entidade de dois lados que une uma imagem sonora específica (significante) a um conceito particular (significado)” (idem).

O signo, portanto, tem a função de representar algo, sendo composto pela imagem acústica da linguagem (o significante), como fonemas ou representações gráficas, e cujos elementos formam, quando articulados, um significado/conceito. Para Saussure, a linguagem é um sistema de signos com valores dependentes entre si. O significado dos signos só é possível se os últimos forem entendidos de forma relacional. Ou seja, a linguagem passa a ser estabelecida em termos de diferenças e os significados são estabelecidos sempre em relação a outros significados.

A contribuição de Saussure servirá para desenvolvimentos posteriores na linguística em direção a uma teoria do discurso. Conforme destacado por Torfing (1999), ocorreu uma formalização da linguística em princípios gerais que permitiu a expansão da análise a todos os sistemas de significado, e não apenas dentro do campo da própria linguística.

Laclau, por exemplo, entendeu a linguística como a disciplina que “postula o tipo de relação entre os elementos definidores [da sua teoria]” (Critchley e Marchart, 2004, p. 325), pois “as relações entre elementos que a linguística explora (combinações e substituições) não são regionais, mas, ao contrário, as relações mais universais que uma ontologia fundamental tem que desvelar” (idem). Dentro da linguística, Laclau compartilha da perspectiva anti-descritivista, na qual o significante (forma da palavra) não está sujeito ao significado (conceito), mas sim sustenta a identidade do objeto. Isso se dá de forma relacional, a partir de conexões entre significantes que compõem um significado.

Como exposto por Pinto (1999a), a virada teórica no conceito de discurso em Laclau se deu em seu trabalho conjunto com Chantal Mouffe, de 1985, que informa os fundamentos do conceito. O discurso é concebido como o resultado de uma relação de articulação: “Sistema de entidades diferenciais, isto é, de momentos (...) [que] só existe como limitação parcial de um ‘excesso de sentido’ que o subverte” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 186). É uma totalidade estruturada, precária e contingente, resultante de uma prática articulatória que estabelece relações entre elementos que ocupam posições diferenciais que, quando articuladas num discurso, constituem “momentos”. A totalidade discursiva não existe numa positividade (dada e delimitada), mas sim é regida por uma lógica relacional sempre incompleta e contingente. As identidades, por extensão, também são relacionais, e nunca podem ser plenamente constituídas, mas apenas construídas de forma discursiva e precária.

Ainda, em *A Razão Populista*, Laclau (2013) fortalece sua definição de discurso em uma exposição mais expressamente alinhada à noção de jogos de linguagem de Wittgenstein. Para Laclau, discurso “envolve a articulação de palavras e ações, de tal modo que a função nodal nunca é uma operação meramente verbal, mas inserida em práticas materiais que podem adquirir uma fixidez institucional” (Laclau, 2013, p. 168). Nesse sentido, “ponto nodal” é uma agrupação de sentidos/significados, é “uma palavra que, enquanto palavra, no nível do próprio significante, unifica um determinado campo, constitui sua identidade; é, por assim dizer, a palavra a que as ‘coisas’ se referem para se reconhecerem em sua unidade” (Žižek, 1989, p. 95, apud Laclau, 2013, p. 164).

Vários dos conceitos desenvolvidos por Laclau e Mouffe são complexos e demandam maior detalhamento. Nesse sentido, serão discutidos a seguir os conceitos a guiarem o desenvolvimento da análise empírica deste trabalho e que estão em conexão com as perguntas norteadoras apresentadas na Introdução, o que será feito em três breves partes: (i) práticas

articulatórias e pontos nodais; (ii) lógica política e significantes e (iii) antagonismo, heterogeneidade e criação de fronteiras políticas.

#### **1.4.1.1. Práticas Articulatórias e Pontos Nodais**

Como já desenvolvido, a teoria de Laclau está ancorada em uma perspectiva pós-estruturalista que rejeita as tentativas de definir horizontes ou fundamentos últimos no social para reconhecer o caráter dialético entre o parcial e o universal, entendendo as fixações de sentidos como sendo sempre precárias e parciais. Para sairmos do nível mais abstrato e conseguir chegar até uma forma de aplicação da teoria de Laclau, a noção de práticas articulatórias é um bom ponto de partida.

O autor desenvolve, junto a Chantal Mouffe, em *Hegemonia e Estratégia Socialista*, a noção de articulação como um importante passo na explicação da dinâmica de funcionamento dos discursos, que são justamente um resultado das práticas articulatórias, ou seja, um sistema de entidades diferenciais. A articulação nada mais seria do que “(...) qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 178).

Mas, para desenvolver essa definição, Laclau e Mouffe resgatam a discussão de Foucault sobre o princípio unificante do discurso, cujo entendimento da regularidade em dispersão é compartilhado por eles na compreensão do tipo de coerência que está presente em uma formação discursiva. A regularidade em dispersão é pensada como um conjunto de posições diferenciais. Ou seja, em todo discurso haveria um conjunto de elementos dispersos cujo valor é definido justamente por estarem sempre em relação uns aos outros. A identidade desses elementos só poderia ser definida, nesse sentido, dentro de uma relação específica, já que o princípio unificador de um discurso não decorre de alguma racionalidade inerente, mas sim a partir da regularidade de um sistema de posições estruturais (Laclau e Mouffe, 2015, p. 179). Nesse sentido, “o status dos ‘elementos’ é o de significantes flutuantes, impossíveis de ser totalmente articulados a uma cadeia discursiva” (idem, p. 188).

Em uma totalidade discursiva, os elementos, quando articulados, reduzem-se a momentos dessa totalidade. Mas, como pontuam Laclau e Mouffe, “a transformação dos elementos em momentos nunca é completa” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 180) e, “surge então uma terra-de-ninguém que torna possível a prática articulatória” (idem, p. 185). Isso porque, na perspectiva dos autores, a totalidade discursiva não é positiva, no sentido de ser dada/delimitada, mas sim incompleta na medida em que atravessada pela contingência. Ou seja: “Em todo caso, se a articulação é uma prática e não o nome de um complexo relacional dado,

ela deve implicar alguma forma de presença separada de elementos que aquela prática articula ou recompõe” (idem, p. 164).

Nesse desenvolvimento, Laclau e Mouffe introduzem outro conceito: o de pontos nodais, que são os pontos discursivos em torno dos quais as fixações parciais de sentido são feitas. Em sua teoria, nem a parcialidade nem a universalidade devem ser tomadas à última consequência, de forma que o que existe é sempre uma tensão entre as tentativas de fixação de sentido e os deslocamentos. Ou seja: “A impossibilidade de uma fixação última de sentido implica que deve haver fixações parciais, do contrário, o fluxo das diferenças seria impossível. Mesmo para que se possa diferir, subverter o sentido, há de haver *um* sentido” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 187).

Traduzindo essa discussão em uma pesquisa em torno dos sentidos de povo, pressupõe-se que, ao estabelecer que os sujeitos através de seus discursos ajudam a moldar e constituir certas relações sociais, os sentidos atribuídos a, por exemplo, um povo tido como soberano não configuram uma força a priori, mas modelam o próprio entendimento do que é povo, do que é soberania e da forma como as relações se dão dentro dessa prática. Nesse sentido, é relevante identificar, nas práticas discursivas, quais são os elementos em jogo e como eles se relacionam na tentativa de fixar entendimentos sobre o próprio significante do povo.

#### **1.4.1.2. Lógicas Políticas e Significantes**

A discussão sobre lógicas políticas e significantes em Laclau está fortemente conectada com a de práticas articulatórias no que diz respeito às dinâmicas entre elementos e momentos, fixações e deslocamentos. Em uma dada totalidade discursiva, é possível que a relação entre elementos se dê de forma a manter seu caráter diferencial, o que indicaria o predomínio de uma lógica da diferença; ou no sentido de buscar superar as diferenças particulares em nome de um comum que as una, o que seria a dinâmica do funcionamento da lógica da equivalência.

As atenções de Laclau são voltadas majoritariamente à operação da lógica da equivalência, por entender que seu predomínio é fundamental para a construção política. Para o autor, a primazia de uma lógica da diferença promoveria uma espécie de setorialização das demandas políticas que complexificaria demasiadamente o espaço político e impossibilitaria a construção de um sujeito popular.

O predomínio da lógica da equivalência, que implica na simplificação do espaço político, é lido como necessário para as disputas hegemônicas. No entanto, isso não significa que a lógica da equivalência prescindia a da diferença: a primeira só existe porque existem diferenças, ou seja: para duas coisas serem equivalentes, elas devem ser diferentes, caso

contrário seriam iguais; e, sendo equivalentes, o são devido às suas diferenças, mesmo que em determinado momento ambas possam parecer iguais umas às outras (Pinto, 2006, p. 100). Ou seja, o aspecto particular de tal lógica estaria no “ato de subverter o caráter diferencial” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 206) dos termos implicados numa totalidade discursiva.

Conforme vimos, o movimento que se desloca das demandas democráticas para as demandas populares pressupõe uma pluralidade de posições. As demandas, isoladas no início, emergem em diferentes pontos do tecido social, e a transição para uma subjetividade popular consiste em estabelecer um laço de equivalência entre elas (...) A luta popular envolve, porém, a equivalência entre essas lutas parciais (Laclau, 2013, p. 140/141).

Nessa operação entra em cena o significante, que, na operação de subverter as diferenças em nome de uma particularidade, acabaria também por criar uma fronteira política, de forma que a união dos elementos por equivalência se daria por sua comum diferenciação a um outro.

É evidente que captar esses processos em andamento é um grande desafio: na medida em que jamais podem ser definidos a priori, devem considerar as próprias dinâmicas discursivas em jogo na tentativa de uma definição diante da tensão irreduzível entre ambas as lógicas. Ou seja, por mais que, em algum momento, uma lógica tenha primazia sobre a outra, trata-se de operação sempre precária, porque contingente.

O entendimento mais apurado sobre a dinâmica dessas lógicas está fundamentalmente conectado à compreensão em torno dos significantes em Laclau. É nesse momento que o terreno se torna mais nebuloso, já que o autor não só usa alguns termos de forma intercambiante, como significante vazio, ponto nodal e significante flutuante, como também atribui a um mesmo conceito sentidos diversos.

É isso que sinaliza Zicman de Barros (2020) em *working paper*, ainda não publicado, apresentado à Rede Brasileira de Teoria do Discurso. Após explorar as raízes do conceito de significante vazio numa perspectiva psicanalítica que remonta às noções lacanianas de ponto de estofa e significante mestre, o autor identifica pelo menos cinco usos que Laclau dá à noção de significante vazio. Defendendo que Laclau parte da ideia de ponto nodal para a de significante vazio, Zicman de Barros afirma que não se trata de sinônimos perfeitos, sendo necessário explorar as formas como os conceitos se encontram trabalhados em Laclau.

No primeiro uso, significante vazio é tomado como um símbolo do puro ser (*pure being*) do sistema simbólico, ou seja, como um elemento que opera na unificação da ordem simbólica contra seus limites antagônicos; havendo, aqui, forte relação com a noção de equivalência: “Para Laclau, o significante vazio não é apenas um ponto nodal que serve como última referência de sentido, mas também representa a sistematicidade do sistema” (Zicman de Barros, 2020, p. 6).

Uma segunda forma apontada por Zicman de Barros na conceituação de Laclau em torno do *significante vazio* é como uma demanda particular que representa todas as outras lutas políticas particulares. Para o autor, Laclau empreende aqui uma busca de tradução política de conceitos abstratos, momento em que surge seu famoso diagrama que representa uma cadeia de equivalências, com um conjunto de demandas diferenciais sendo unificadas por um *significante* que as reúne na sua comum diferenciação a um inimigo comum.

Mas, nessa tentativa de tradução, o autor afirma que Laclau “passa de uma relação formal entre *significantes* para uma relação política entre demandas” (p. 8), tornando aqui sua definição de *significante vazio* mais limitada.

A relação antagonica entre o sistema e seu exterior constitutivo se torna uma luta política antagonica entre o povo e seus inimigos (...) Nessa linha, seríamos forçados a concluir que apenas em situações 'populistas' nas quais um antagonismo rígido está posto seria possível representar o puro ser do sistema, fixando as relações de significação (Zicman de Barros, 2020, p. 8/9).

Para Zicman de Barros, o terceiro uso do *significante vazio* seria como um símbolo negativo que nomeia o outro antagonista, o que consideramos, no entanto, que está contido no entendimento anterior, não os vendo como usos exclusivos, mas interdependentes. Ou seja, na medida em que o *significante vazio* confronta os limites antagonistas, ele o faz nomeando um outro inimigo.

Nesse aspecto, no entanto, a diferença entre *significante vazio* e ponto nodal fica mais clara, no sentido em que as formações discursivas teriam dois tipos de *significantes vazios*: “Como Stavrakakis bem notou, para Laclau há o ponto nodal que representa a coerência interna do discurso, e seu oposto, um *significante vazio* que representa os limites do discurso (Stavrakakis, 1998, 80-81)” (apud p. 9).

O *significante vazio* também foi usado, para o autor, como um símbolo cujo conteúdo é problematicamente pobre. Ainda que Laclau negue que a ambiguidade e a vagueza estejam presentes em um *significante vazio*, introduzindo uma discussão em torno do *vazio do significante* que se diferenciaria da pobreza de conteúdo característica da abstração<sup>6</sup>, Zicman de Barros aponta que Laclau reconheceria, em outro momento, a possibilidade de pobreza de conteúdo do *significante vazio* inclusive não a considerando problemática, já que ela seria a própria condição da eficácia política dos símbolos populistas.

---

<sup>6</sup> Enquanto na abstração buscar-se-ia por um denominador comum, nas operações em torno do *significante vazio* não haveria isso, mas sim "o que ocorre com o *significante vazio* é simples e precisamente a construção performativa de um símbolo para além dos particularismos (Laclau 2005a, 96-97)" (apud Zicman de Barros, 2020, p. 11/12). Ou seja, o *vazio do significante* estaria vinculado sobretudo no aspecto em que ele busca representar uma pluralidade de demandas.

O quinto e último uso identificado pelo autor é o de um “símbolo que aponta para um espaço simbólico não-saturado, para uma identidade aberta” (Zicman de Barros, 2020, p. 12), acepção que, em sua visão, seria mais heterodoxa e pouco consensual, na medida em que a interpretação mais comum do significante vazio tem sido como um significante de uma plenitude que está ausente.

Nessa perspectiva menos consensual haveria uma descontinuidade com o caráter mestre do significante em Lacan, por exemplo, para evocar que “o significante vazio não seria uma última referência de significado, mas precisamente o símbolo da contingência do significado, de uma abertura de significado” (p. 13). Ou seja:

Seguindo esse raciocínio, é possível concluir que enquanto significantes que não são verdadeiramente vazios tentam construir identidades fechadas, um significante genuinamente vazio apontaria para uma abertura, para certa indeterminação. Portanto, o significante “povo” num discurso populista autêntico seria um ponto de referência para uma identidade aberta que, em sua indeterminação, pode juntar várias demandas em largas cadeias de equivalência (Zicman de Barros, 2020, p. 13).

Um último ponto que se pretende acrescentar à discussão em torno dos significantes diz respeito àquele sobre nomeação e afeto. É importante apontar que a perspectiva anti-descritivista de Laclau é fundamental no entendimento de emancipar o significante do significado, de forma que o ato de nomeação teria a ver com a própria autonomização do significante (ou seja, do “nome”). Como afirma: “A identidade e a unidade do objeto resultam da própria operação de nomeação (...) [e, para isso], o significante tem de se tornar não apenas contingente, mas também vazio” (Laclau, 2013, p. 165), de forma que “o nome se torna o fundamento da coisa” (idem).

Ainda, na medida em que não há um processo lógico a priori que defina a nomeação, ela pode ter um efeito retroativo (o efeito retroativo da nomeação) cujo momento Laclau nomeia de investimento radical; e enquanto investimento, envolve afeto, recuperando a discussão da psicanálise para o estabelecimento do conceito.

Não existe possibilidade de uma linguagem na qual as relações de valor se estabeleceriam unicamente entre unidades formalmente especificáveis. Por isso, é necessário o afeto para que a significação venha a ser possível (...) O afeto não é algo que existe por si próprio, independentemente da linguagem. Ele se constitui somente através da catexia diferencial de uma cadeia de significação. É exatamente este o significado de ‘investimento (...) Assim, podemos concluir que qualquer todo social resulta de uma indissociável articulação entre dimensões significantes e afetivas’ (Laclau, 2013, p. 173).

Dessa discussão mais detida em torno dos variados usos dos significantes vazios, decorre-se que, nesta pesquisa, não se pretende superar a polissemia deste conceito, já que ela

é entendida como um resultado da própria diversidade de dinâmicas a que nos defrontamos quando buscamos aplicar tais conceitos abstratos a uma realidade empírica.

Seja analisando discursos históricos em torno dos quais já se há um consenso mais bem delimitado dos sentidos e significantes<sup>7</sup>, ou analisando práticas discursivas em curso, mais abertas a transformações recorrentes, em todos os casos não é trivial identificar as dinâmicas nas quais *elementos* se transformam em *momentos*, em que sentidos são fixados, em que significantes buscam assumir um caráter mais universal, porque estamos lidando sempre com um espaço político complexo, no qual existe não apenas uma cadeia de sentidos, mas diversas, e que podem inclusive afetar-se mutuamente.

Mas, na necessidade de ancorar um ponto que permita o desenvolvimento da análise empírica, entende-se que, apesar da complexidade dessas dinâmicas e das transformações que os próprios conceitos sofrem na tentativa de captá-las, é possível firmar um entendimento necessário e fundamental: a tensão irreduzível entre lógica da diferença e da equivalência que Laclau tanto menciona diz justamente sobre a dialética entre a parcialidade e a universalidade, sobre o fato de que sentidos buscam ser a todo momento firmados e, também a todo momento, sofrem deslocamentos de ordens diversas, porque inseridos dentro da própria contingência; sendo relevante, portanto, notar os significantes flutuantes que buscam apreender a lógica temporária da dinâmica fixação/deslocamento.

Diante disso, ainda que nesta dissertação não se busque mobilizar os significantes como categorias de análise, já que eles são constituídos historicamente e pressupõem a operação de engrenagens bem mais complexas do que seria possível captar neste trabalho, a ideia apresentada anteriormente de que é possível apreender uma lógica temporária da dinâmica fixação/deslocamento será mobilizada. Como ficará mais claro no Capítulo 2, para a análise dos discursos serão identificadas quatro “tipologias” de povo – soberano, nação, marginalizado e trabalhador - que buscam justamente dar sentido a um mesmo significante (povo) e que podem ser usados de formas muito parecidas ou muito diferentes entre os sujeitos políticos, inserindo-se em diversas práticas discursivas cuja identidade se transforma a partir das relações entre os diferentes elementos.

#### **1.4.1.3. Antagonismo, Heterogeneidade e Criação de Fronteiras Políticas**

Chegando em uma última frente de conceitos cujas ideias serão mobilizadas neste trabalho, estão antagonismo heterogeneidade e criação de fronteiras políticas. Quanto ao

---

<sup>7</sup> O que não significa que sejam os sentidos últimos e definitivos, já que podem ser sempre revisitados e subvertidos.



primeiro, sua noção é desenvolvida por Laclau dentro da lógica da equivalência, de forma que a operação equivalencial entre elementos se dá fundamentalmente por meio da oposição a um outro antagonico, processo no qual são estabelecidas fronteiras políticas. Para o autor, não existe lógica da equivalência que não crie antagonismos e fronteiras.

Já a noção de heterogeneidade pressupõe um espaço social menos simplificado do que aquele ditado por uma lógica mais bem definida que divide o campo político em dois, e inclusive antecede a própria noção de antagonismo. Para ele, a heterogeneidade implica necessariamente uma forma de exterioridade, não em relação a elementos do espaço da representação, o que seria simplesmente o caso de uma diferença, mas sim em relação ao espaço em si mesmo.

O antagonismo pressupõe a heterogeneidade porque a resistência da força que é antagonizada não pode derivar logicamente da forma da força antagonista. Isso só pode significar que os pontos de resistência à força que antagoniza sempre serão externos a ela. Assim, não existem a priori pontos privilegiados de ruptura e contestação. Pontos particularmente antagonistas só podem ser estabelecidos contextualmente, jamais deduzidos da lógica interna de uma das duas forças opostas, abordadas separadamente (Laclau, 2013, p. 222/223).

Tal noção de heterogeneidade remonta, para Laclau, justamente à impossibilidade de definição entre o vazio ou o flutuante (Laclau, 2013, p. 226), ou seja, à impossibilidade de definir a priori os pontos privilegiados de uma luta popular ou de ruptura e antagonismos (idem p. 223). Seria justamente tal guerra de posição, mencionando Gramsci, que constituiria a lógica de deslocamento das fronteiras políticas (idem, p. 226/227).

Assim, no mesmo sentido que foi apontado para os significantes, entende-se que é complexo mobilizar a noção de antagonismo em sua completude, especialmente por ser algo que acontece pontualmente na política. Ainda assim, é possível se valer da ideia que o autor trabalha, ou seja, de que pontos de oposição são constantemente criados pelos sujeitos políticos nas tentativas de definições, o que se dá também em relação com a própria constituição das cadeias e as distintas lógicas nelas implicadas.

Portanto, este trabalho se valerá de tal ideia para identificar os *pontos de divergência* criados pelos sujeitos políticos em seus discursos políticos e sobre como tal construção os ajuda a demarcar posições e sentidos, ou seja, é nomeando um “outro” que se facilita a construção de um “eu”/“nós”.

## **CAPÍTULO 02: DESENHO DE PESQUISA, PERCURSO METODOLÓGICO E ENQUADRAMENTOS FRENTE AO ACONTECIMENTO DA COVID-19**

Este capítulo, de caráter, metodológico-conceitual, inicia-se situando a pandemia da Covid-19, que atravessou o período de análise desta pesquisa, como um *acontecimento* (Quéré, 2005). Em seguida, apresenta-se o desenho e o percurso metodológico deste trabalho, para, então, conduzir-se uma breve análise de enquadramento dos sujeitos políticos investigados, situando-os no atravessamento do acontecimento da pandemia buscando apresentar como constroem suas narrativas diante da pergunta “o que está acontecendo com o Brasil?” (Figueiredo, 2018).

### **2.1. A PANDEMIA DA COVID-19 COMO ACONTECIMENTO**

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 (síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2) cujas principais características são a alta taxa de transmissão combinada com um menor índice de letalidade (de acordo com a OMS, tal índice varia entre 0,5% e 1%<sup>8</sup>).

A doença, cuja origem não encontra consenso na comunidade científica, ainda que a hipótese mais difundida seja a da transmissão através de morcegos<sup>9</sup>, teve seu primeiro caso registrado em Wuhan (China), em 31 de dezembro de 2019. Sua expansão global se deu imediatamente em janeiro de 2020, sendo que, ao fim do mês, 22 países já haviam confirmado casos da doença. Em 11 de março de 2020, foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em função do seu enorme potencial de espalhamento territorial.

O vírus, que até 15 de julho de 2021, infeccionou 188.128.952 pessoas, causando a morte de 4.059.339<sup>10</sup>, desencadeou uma crise global nas diversas esferas da vida, em um cenário de crises conectadas (Valencio e Valencio 2020), cujos desdobramentos ainda causarão impactos por anos.

Para Valencio e Valencio (2020), a pandemia enquanto crise é “um fenômeno social como [sic] o sinal trocado em relação à normalidade” (p. 428), no qual operam relações disjuntivas entre temporalidades, ou seja, “(...) a crise, aqui, se abre nas disjunções entre o

---

<sup>8</sup> De acordo com informações disponíveis em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/05/o-enigma-da-letalidade.htm>>.

<sup>9</sup> Segundo matéria disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-56587394>>.

<sup>10</sup> De acordo com consulta feita ao dashboard da OMS, em 15 de julho de 2021 às 18h. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>.

passado, o presente e o futuro, que podem tomar a microescala da vida doméstica quanto a macroescala do projeto civilizacional” (p. 430).

Nesse sentido, esta crise, em sua magnitude, constitui-se como *acontecimento*, ou seja, como um evento avassalador que provoca ruptura na continuidade da experiência. Adota-se aqui um entendimento de acontecimento afinado àquele trabalhado na sociologia francesa por Louis Quéré, que busca compreender justamente qual é o poder que têm as distintas categorias de eventos que irrompem em nossas vidas.

Na perspectiva do autor, o acontecimento é algo que *se passa* e é digno de conhecimento, possuindo amplo potencial de repercussão ao inserir uma descontinuidade que impacta tanto o passado, que passa a ser (re)criado frente à busca pelo que o causou, como o futuro, por jogar luz às diferentes possibilidades, ou, possíveis futuros. Ou seja, o agora que se irrompe frente ao acontecimento confere “sentido tanto ao que se passou como ao que pode vir a se passar. Ele institui, ao mesmo tempo, passado e futuro” (Mendonça, 2007, p. 121).

Quando Quéré (2005) afirma que o acontecimento “faz aparecer o passado”, é justamente porque ele possui um caráter inaugural, inserindo uma descontinuidade que diz sobre o fim de uma época e o início de uma outra no que o concerne. Por exemplo, podemos pensar que o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), como acontecimento jogou luz sobre um passado de forte fragilidade dos empreendimentos mineradores no cumprimento de requisitos de segurança de barragens, tornando possível o surgimento de novos possíveis futuros que dificilmente se concretizariam fora de tais circunstâncias; mas, ainda, quatro anos depois outro rompimento de barragem, dessa vez em Brumadinho (MG), inseriu nova descontinuidade, provocando reações ainda mais fortes e iniciativas mais robustas de órgãos reguladores no aprendizado desse acontecimento<sup>11</sup>.

Esse exemplo ilustra justamente a potencialidade do acontecimento que, para França e Lopes (2017), “reside no desafio de identificar, através dele, tendências que apontam para a preservação e/ou renovação da vida social” (p. 76). O acontecimento está inscrito na ordem hermenêutica, e, portanto, não consiste em objeto a ser *explicado*.

Sobre instituir possíveis futuros, Quéré afirma sobre a dialética da experiência no acontecimento expressa na articulação entre o suportar e o agir: o acontecimento acontece *a alguém* e, por isso, *se torna*. Ou seja, é frente a um exame do que se passou que os indivíduos

---

<sup>11</sup> Apenas para citar um exemplo no âmbito de ação institucional, ver Resolução nº 51/2020 da Agência Nacional de Mineração (ANM), que institui a necessidade de que os empreendimentos com barragens de mineração passem anualmente por uma auditoria de avaliação de conformidade e operacionalidade dos seus PAEBMs para que tenham renovada sua licença de funcionamento. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-51-de-24-de-dezembro-de-2020-296821959>>.

podem rever e organizar suas condutas. Trata-se da *passibilidade* do acontecimento, que para o autor contribui para compreender tal evento porque:

(...) é a passibilidade que faz com que a confrontação com um acontecimento assuma dimensões de provação, isto é, de travessia, na qual, aquele a quem o acontecimento acontece, seja um indivíduo seja um coletivo, se expõe, corre riscos, perigos, põe em causa a sua identidade. Mas essa travessia é, também, um factor de individualização do acontecimento que nela encontra uma parte da sua significação (Quéré, 2005, p.66).

O acontecimento possui, portanto, um “poder de revelação”, de forma que, ao mesmo tempo em que ele pede para ser compreendido, ele faz compreender as coisas. Mas, a sua significação é que faz com que ele possa ser apreendido por distintas perspectivas, de forma que, excedendo o momento da sua ocorrência, “o acontecimento continua, de facto, a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que afecta” (Quéré, 2005, p. 67).

Para além de um fato, o acontecimento implica uma *transação*: “o acontecimento e aquele a quem ele acontece são, ambos, coisas que «se tornam» no quadro de uma transacção, embora o seu «tornar» seja muito diferente” (Quéré, 2005, p. 68). Cada sujeito, com suas crenças e perspectivas reage ao acontecimento, incorporando-o em sua própria história e projetos, reconfigurando “o seu futuro e o seu passado a partir dele e à luz dele” (idem). Nessa transação, o acontecimento institui uma *experiência*, “aquilo pelo que um sujeito e um mundo se constituem, confrontando-se com acontecimentos, na articulação mais ou menos equilibrada de um saber e de um agir” (idem, p. 70).

O acontecimento é, portanto, dotado de uma concretude irredutível que necessariamente afeta a vida dos sujeitos, ao mesmo tempo em que os sujeitos, ao agirem, possuem o potencial de afetar a direção do acontecimento. O *poder hermenêutico* dos acontecimentos reside na capacidade de deslocamento das nossas estruturas de interpretação sobre o mundo.

Não é difícil aplicar essa discussão à pandemia da Covid-19, ainda que ela possa ser explorada em uma multiplicidade enorme de direções. Sob uma perspectiva específica, o acontecimento da pandemia pode jogar luz sobre o modo de criação em confinamento dos animais que contribui recorrentemente para a criação de cepas de vírus, e os sujeitos podem rever sua conduta de consumir alimentos de origem animal, instaurando, assim novos possíveis. Esta pesquisadora, por exemplo, viu-se nesse lugar justamente pela descontinuidade provocada por tal acontecimento.

Sob outra perspectiva mais generalista, o acontecimento da pandemia tem contribuído para uma revisão sistemática de comportamentos da vida cotidiana, com uma ressignificação das noções e práticas em torno de tempo, interação social e trabalho, somente para citar alguns

exemplos. *Home office*, desemprego e perda de familiares, conhecidos são alguns dos desdobramentos do acontecimento que tantos tiveram que *suportar* e a que tantos reagiram.

É possível destacar, ainda, as reações negacionistas em torno de tal acontecimento: frente a um exame dos possíveis que a pandemia instauraria, outros indivíduos sentiram o seu poder de ação ameaçado, buscando negar a própria descontinuidade provocada por tal acontecimento, indo em direções contrárias à da reorientação de condutas, optando por insistir numa continuidade que, todavia, já não existia mais.

Frente a essa exposição, entende-se que compreender a pandemia da Covid-19 como um acontecimento possui forte potencial analítico e que se conecta com a perspectiva pós-estruturalista adotada no trabalho, em que se busca compreender como os sujeitos políticos investigados, atropelados por esse acontecimento, buscam construir sujeitos populares, ou, o “povo”, dotando-o de sentidos atravessados por este contexto, porque fundamentalmente revistos e/ou atualizados frente à descontinuidade instituída pelo acontecimento.

Este capítulo guia-se por tal lente conceitual do acontecimento como forma de apresentar os sentidos, que esses sujeitos políticos inscrevem ao próprio cenário, mobilizando a perspectiva dos enquadramentos para tal apresentação. Ou seja, busca-se ir além de um entendimento da pandemia simplesmente como um contexto que situa tais sujeitos para entender como o acontecimento os situa, e como eles situam o acontecimento na busca pelas causas e soluções sobre o que está acontecendo com o Brasil.

Antes de iniciar tal percurso interpretativo, contudo, a próxima seção apresenta como o desenho da pesquisa foi organizado, navegando pelas justificativas que sustentam as escolhas metodológicas e tornando claro o processo de análise.

## **2.2. PERCURSO E DESENHO DE PESQUISA**

Esta pesquisa foi, assim como muitas outras, atropelada pelo acontecimento da pandemia. Inicialmente dedicada a compreender as articulações discursivas de “povo” nos protestos contemporâneos de direita em Belo Horizonte, a continuidade da pesquisa, naquele desenho, foi inviabilizada pela pandemia não só perante a necessidade do isolamento social e do risco à vida que a observação em tais manifestações, que continuaram a ocorrer, implicaria, mas também pelo entendimento de que o contexto político do momento em que a decisão foi tomada, ou seja, no primeiro semestre de 2020, estava tão radicalizado e permeado por tanta incerteza política que traria ganhos analíticos questionáveis na interface com o público pretendido de análise.

Esta contextualização se faz necessária para apresentar a trajetória desta pesquisa, que foi construindo seus próprios sentidos e justificativas na medida em que este acontecimento se desdobrava. Como pano de fundo permanecia o interesse, numa vertente pós-estruturalista, em interpretar as construções discursivas de uma categoria tão central à história política das democracias: povo.

Dessa forma, a interpretação da pandemia como acontecimento passou a ser vista como uma oportunidade singular para tal investigação, pela possibilidade de observar um processo radical de deslocamentos em andamento.

Além disso, um mundo que já era, em boa medida, informatizado, entregou-se de vez à primazia das tecnologias de informação e comunicação (TICs), de forma que o uso das mídias sociais se constituiu como espaço privilegiado de comunicação e construção dos discursos e seus sentidos, especialmente no cenário político.

Levando em conta a centralidade, maior ainda, dessa arena para o debate político, a escolha dos perfis a serem analisados levou em consideração dois fatores prévios: (i) que fossem considerados, prioritariamente, perfis políticos e (ii) que tais perfis tivessem relevância, ou, popularidade digital.

Para definir esses fatores, esta seleção guiou-se por metodologia de análise de popularidade digital, desenvolvida pela empresa Quaest Pesquisa e Consultoria: o Índice de Popularidade Digital (IPD). Este índice usa dados coletados no Twitter, Facebook, Instagram, Youtube, Wikipedia e Google, que, totalizando aproximadamente 153 variáveis, são processados por meio de algoritmo de inteligência artificial.

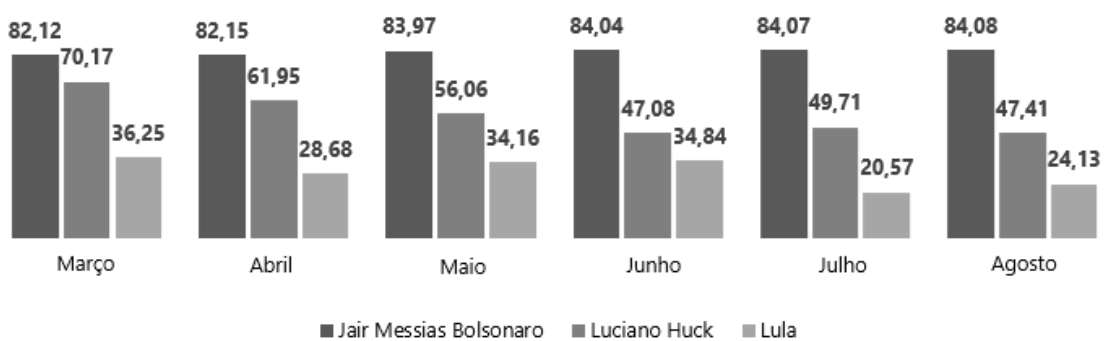
Para a construção do índice, as personalidades analisadas são agregadas em seis dimensões analíticas, que buscam captar o ciclo completo de formação de popularidades nas redes: (1) Presença digital, que mensura o número de redes sociais ativas; (2) Fama, que mensura o público total (audiência nas redes sociais); (3) Engajamento, que mensura o volume de reações e comentários ponderados por número de postagem nas redes sociais; (4) Mobilização, que mensura o total de compartilhamentos de conteúdos nas redes sociais; (5) Valência, que mensura a proporção de reações positivas por reações negativas e (6) Interesse, que mensura quão buscada ou procurada é uma determinada personalidade.

A partir de um modelo de *machine learning*, é determinado o peso de cada dimensão e feito o cálculo do IPD. Ao fim, as personalidades são comparadas e posicionadas em uma escala de 0 a 100, na qual 100 indica o máximo de popularidade positiva no meio digital.

Cabe destacar que, em função da ferramenta ser desenvolvida por empresa privada, os perfis submetidos à análise de popularidade digital são aqueles que têm demanda de mercado. Como forma de esclarecimento, os 12 perfis classificados como personalidades políticas pela Quaest<sup>12</sup>, entre os meses de março e agosto de 2020, que passaram por análise de popularidade digital foram: Alessandro Molon, Álvaro Dias, Ciro Gomes, Fernando Haddad, Flávio Dino, Guilherme Boulos, Jair Messias Bolsonaro, João Amoêdo, Luciano Huck, Lula, Marina Silva e Rodrigo Maia.

Diante deste corpo, portanto, foram selecionados os três perfis com maior popularidade no período: Jair Bolsonaro (presidente do Brasil), Luciano Huck (apresentador de TV e, na época, tido como potencial presidenciável) e Lula (ex-presidente do Brasil), respectivamente, como demonstrado pelo gráfico abaixo<sup>13</sup>:

**Figura 1: Índice de Popularidade Digital do Top 3 Personalidades Políticas (Quaest, 2020)**



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao período de análise, que se dá entre os meses de março e agosto de 2020, ele se justifica da seguinte forma: (i) março é o mês que potencialmente marca o entendimento, no Brasil, da magnitude da Covid-19, com sua classificação de pandemia pela OMS no mesmo mês e com as primeiras adoções generalizadas de distanciamento social, dentre outras medidas e (ii) tomando março como ponto de partida, seis meses de análise (ou seja, até agosto), foram considerados suficientes para observar variações nas produções e deslocamentos de sentido, além de ser uma escolha pragmática em função do pouco tempo de análise que restaria para o volume de dados implicado.

A mídia social escolhida para tal análise foi o Twitter, diante de uma combinação de elementos que definem sua importância, como o grande número de usuários, que chegou a 353

<sup>12</sup> Meu agradecimento especial ao professor da UFMG e diretor da Quaest, Felipe Nunes, por ter compartilhado os dados.

<sup>13</sup> A tabela completa com o ranking do Top 12 personalidades políticas no IPD compõe anexo deste documento.

milhões em 2021<sup>14</sup>; a limitação de caracteres que estimula um uso mais estruturado, pelos usuários, das palavras escolhidas; e sua capacidade de agendamento de outros espaços comunicativos, como a grande mídia, algo já identificado em trabalhos como o de Gadini e Hrenechen (2018). Mas, também, tratou-se de uma escolha pragmática, em função da facilidade e confiabilidade na coleta automatizada de dados através do software R.

Por fim, quanto à coleta de dados, ela seu deu através do pacote *rtweet* do R e do operador *get.timelines*, para cada perfil político<sup>15</sup>. A primeira coleta foi no dia 07 de junho de 2020<sup>16</sup>, e capturou retrospectivamente, com sucesso<sup>17</sup>, os meses de março, abril e maio do mesmo ano. A partir de então, foram realizadas mais três coletas nos dias 02 dos meses de julho (capturando junho completo); agosto (capturando julho completo) e setembro (capturando agosto completo). As coletas foram exportadas no formato .xlsx e, para cada perfil, foi criada uma única planilha excel com todos os meses de análise (março a agosto de 2020).

Portanto, foram coletados, entre os meses de março e agosto de 2020, 1.597 tweets de Jair Bolsonaro; 552 de Luciano Huck e 964 de Lula, totalizando **3.113 tweets**. A análise do conteúdo foi feita buscando captar, majoritariamente, os sentidos de povo construídos por essas personalidades políticas, mas a partir de referencial teórico de Ernesto Laclau, apresentado no capítulo 01, em que, adicionalmente aos sentidos, buscou-se identificar, de forma orientativa, mas não como categorias de análise: reivindicações, sujeitos populares, lógica política, significantes e fronteira política. Ainda, nessa perspectiva, os discursos enquanto unidade de análise tomam um sentido mais amplo para contemplar não apenas texto, mas também imagens, vídeos etc. Cabe destacar, por fim, que as imagens que ilustram a capa deste trabalho são uma seleção de imagens feita pela autora a partir de imagens publicadas pelos sujeitos políticos nos tweets analisados.

Pelo interesse fundamental da pesquisa se orientar pelos discursos que constroem o sujeito popular “povo”, foi feita uma escolha a guiar a análise: refletiu-se que, ainda que o termo povo seja privilegiado do ponto de vista da construção do sujeito popular, é razoável afirmar que esta não é a forma exclusiva a partir da qual tal construção opera. Portanto, foi feito um

---

<sup>14</sup> De acordo com informações que se encontram disponíveis no seguinte site: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>>.

<sup>15</sup> O script dessa coleta encontra-se no anexo.

<sup>16</sup> Como explicitado no percurso da pesquisa, o antigo desenho de pesquisa foi abandonado por volta de maio de 2020, e apenas em junho foi tomada tal decisão e feito o desenho da nova proposta de pesquisa que esta dissertação desenvolveu.

<sup>17</sup> O pacote do *rtweet* captura um limite de 3.200 tweets para cada perfil, e não considera períodos de análise, ou seja, esse limite é retrospectivo a partir do dia que se inicia a coleta. Em nenhum momento da coleta o limite foi excedido para tais perfis, o que significa que todos os tweets foram coletados com sucesso. Mais informações sobre o pacote estão disponíveis no link: <<https://cran.r-project.org/web/packages/rtweet/rtweet.pdf>>.



recorte do banco de dados considerando outros termos nos quais poderia se observar essa construção em andamento, sendo eles: povo; cidadão; sociedade; população; pessoas; comunidade; humanidade; nação e brasileiro<sup>18</sup>. Ressalta-se que tais termos não constituem categorias de análise, mas possuem o único objetivo de privilegiar um recorte dos dados orientado às operações de construção do sujeito popular.

Portanto, foram as postagens com esse recorte que compuseram arquivo (ARQ1) a ser não apenas analisado, como também codificado, no software Atlas Ti. Ao todo foram: 527 tweets para Bolsonaro; 236 para Huck e 423 para Lula. Esses tweets foram copiados do excel para tabela no word, sendo acompanhados da data de postagem, salvos em PDF e submetidos ao ATLAS.ti versão 7.5.7, de onde se iniciou a codificação. O universo de conteúdos (ARQ2) também foi inteiramente analisado, ainda que não tenha sido codificado no ATLAS.ti, já que, por não conter os termos chave, não constituiria foco privilegiado de análise.

Com o ARQ1 no ATLAS.ti, o primeiro passo foi codificar automaticamente todas as postagens que continham: povo; sociedade; cidadania; comunidade e população, termos tomados como categorias de análise provisórias. O segundo passo foi analisar apenas os tweets que continham tais termos, codificando os sentidos construídos nos discursos e já construindo as operações de relações entre os termos.

**Tabela 1: Distribuição de tweets do ARQ1 com as categorias provisórias, para cada sujeito político**

	<i>Huck</i>	<i>Lula</i>	<i>Bolsonaro</i>	<i>Total</i>
<i>Povo</i>	15	81	36	<b>132</b>
<i>Cidadania</i>	28	12	19	<b>59</b>
<i>População</i>	9	12	41	<b>62</b>
<i>Sociedade</i>	26	28	3	<b>57</b>
<i>Comunidade</i>	10	5	15	<b>30</b>
<b>Total</b>	<b>88</b>	<b>138</b>	<b>114</b>	

Fonte: Elaboração própria

O terceiro passo foi preencher documento em word nomeado “Ficha Metodológica”, no qual foi feita uma descrição detalhada dos achados para essas categorias. O quarto passo foi continuar a análise e codificação do restante do documento, como forma de potencializar o entendimento dos sentidos. Nesse momento, usando duas telas de computador, a análise dos tweets recortados (ARQ1) foi feita cronologicamente acompanhando o banco completo

<sup>18</sup> Também foram consideradas as variações linguísticas de gênero e número, bem como outras variações de afinidades como nação-nacional; cidadão-cidadania etc.

(ARQ2), fazendo com que todos os tweets tenham sido analisados, mas apenas o recorte tenha sido codificado.

Também é importante ressaltar que, para todo o universo de análise (ARQ2), todos os links que acompanhavam as postagens foram abertos e pré-analisados. Do ARQ1, todas as fotos foram salvas em pastas e analisadas, assim como os vídeos assistidos<sup>19</sup>. Adicionalmente, vídeos postados em texto que continha o termo “povo” foram transcritos<sup>20</sup>, assim como vídeos do tipo *statement*, como pronunciamentos oficiais de Bolsonaro à nação; e vídeos dedicados a declarações específicas, como a declaração de Bolsonaro sobre a cloroquina; de Huck convocando a sociedade civil a engajar em ações de solidariedade; de Lula sobre a Covid-19, dentre outras. Quanto a links de notícias, foram lidas apenas as do ARQ1 que eram de autoria própria das personalidades, o que ocorreu apenas para Huck e Lula.

Especialmente no caso de Bolsonaro, eram comuns os vídeos dele sendo recepcionado por multidões e de seu encontro com apoiadores na parte externa do Palácio da Alvorada antes das declarações à imprensa. Pela riqueza de tal interação diante do objetivo de pesquisa, todos os vídeos desse tipo foram assistidos, para todo o universo de postagens.

A partir de tal análise dos discursos, foi possível identificar quatro “tipos” de povo como a forma preferencial de construção do sujeito popular por parte dos sujeitos políticos analisados: “Soberano”, “Nação”, “Marginalizado” e “Trabalhador” são tipos de povo mobilizados por tais sujeitos (i) como forma de dar sentido a um mesmo significante (povo) e (ii) podem ser usados de formas muito parecidas ou muito diferentes entre esses sujeitos, inserindo-se em diversas práticas discursivas cuja identidade se transforma a partir das relações entre os diferentes elementos; mas, todos eles, buscam definir um sujeito popular seja ele fundamentalmente soberano, pertencente a um determinado território, ou compartilhando uma característica particular que o defina (marginalizado) ou o atribua a um segmento específico da população (trabalhador).

No entanto, diante da própria lógica das operações de fixação/deslocamento, em que “a dissolução do caráter diferencial das posições dos agentes sociais por meio da condensação equivalencial nunca é completa” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 207), existe um horizonte aberto para que novas articulações ocorram e construam novos sentidos e significantes, de forma que essa operação é assumidamente precária e contingente.

---

<sup>19</sup> Exceto as lives.

<sup>20</sup> Novamente, exceto lives.

Portanto, o Capítulo 03 debruça-se sobre os discursos que constroem cada tipo de povo acima apresentado, análise essa que se desdobra na identificação de conceitos laclaulianos, desenvolvidos no Capítulo 01, com o objetivo de compreender as tentativas de fixação do sentido de “povo” pelos diferentes sujeitos políticos. Mas, antes de adentrar no Capítulo 03, faz-se necessária uma última parada: com o objetivo de *situar os sujeitos políticos* que compõem o corpo de análise deste trabalho, será empreendida uma breve análise de enquadramento em torno da forma como constroem seus sentidos para a seguinte pergunta: o que está acontecendo com o Brasil?

Entende-se que a mobilização dos quadros como ferramenta de *análise situacional* ajuda a entender como o acontecimento da pandemia situa os sujeitos políticos e como eles situam o acontecimento nas tentativas de traçar causas e soluções para o que está acontecendo com o Brasil, o que terá grande valor para a compreensão, no Capítulo 03, dos seus discursos em torno da ideia de “povo”. Ou seja, ainda que não se trate da análise central deste trabalho, mesmo assim faz-se como um percurso elucidativo e situado dos sujeitos e das nuances que os atravessam em suas tentativas de construir um sujeito popular.

### **2.3. “O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O BRASIL?”: UMA BREVE ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO DOS SENTIDOS CONSTRUÍDOS PELOS SUJEITOS POLÍTICOS FRENTE AO ATRAVESSAMENTO DO ACONTECIMENTO DA PANDEMIA**

Em trabalho que busca compreender as convergências e divergências valorativas do campo da nova direita brasileira, Figueiredo (2018) mobiliza proposta de análise de enquadramento para entender como sujeitos desse campo ideológico reagem a um contexto político de “mal-estar” no Brasil, organizando seus quadros diante da seguinte pergunta de pano de fundo: “o que está acontecendo com o Brasil?”.

Noção originalmente formulada por Gregory Bateson e desenvolvida por Erving Goffman (Mendonça e Simões, 2012), foi mobilizada por uma diversidade de teóricos, dos quais se destaca Entman (1993), para quem enquadrar “é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado” (Entman, 1993, p. 52 apud Mendonça e Simões, 2012, p. 193).

Tendo em vista essa noção, Entman desenvolve que os enquadramentos poderiam ser analisados através dos seguintes passos: (i) identificação do problema; (ii) delimitação de causas que motivam a problemática; (iii) identificação dos atores envolvidos no caso; (iv) indicação

de soluções apontadas para a resolução dos problemas e os atores aos quais é creditado o poder de solução e (v) avaliação moral da construção social (Dos Santos, 2010).

Em diálogo com essa proposta, buscamos aqui introduzir os perfis políticos com um enfoque mais analítico, e menos descritivo, guiado por essa ideia de organizar os quadros interpretativos dos sujeitos diante da pergunta “o que está acontecendo com o Brasil?”, tal como proposta em Figueiredo (2018). Acreditamos que esse exercício analítico-contextual ajuda a compreender os próprios sentidos que são atribuídos à categoria povo.

Apesar da análise a ser conduzida já utilizar as informações primárias da pesquisa, destaca-se que não possui relação *direta* com o tema do “povo”, mas sim é uma forma situada de apresentar e contextualizar os sujeitos políticos, por se compreender que o conhecimento acerca de suas narrativas mais amplas é fundamental para dotar de sentido suas construções discursivas em torno de “povo”, o que é especificamente trabalhado no capítulo 03. Portanto, trata-se de objetivo complementar a esta dissertação e, como forma de priorizar a apresentação dos perfis, a discussão se dará para cada sujeito individualmente.

Como já desenvolvido, o acontecimento da pandemia da Covid-19 atravessa as construções discursivas de todos os sujeitos políticos considerados: durante os seis meses de análise, grande parte dos discursos, e seus sentidos, se produzem em diálogo direto ou como desdobramento de tal acontecimento, ou seja, de forma que “o agora confere, portanto, sentido tanto ao que se passou como ao que pode vir a se passar” (Mendonça, 2007, p. 121). Também para todos os sujeitos, o acontecimento é sobretudo negativo, mas a forma como ele é dotado de sentido, suas causas, soluções e os atores envolvidos nessas construções variam potencialmente.

### **2.3.1. Jair Bolsonaro**

Jair Messias Bolsonaro é um político da extrema-direita brasileira com amplo tempo de vida política, já tendo sido deputado federal por sete mandatos (entre os anos de 1991 e 2018). Ganhou a presidência da República para o exercício 2019-2022 se construindo como um *outsider*, em um contexto marcado por forte polarização política e pelo afastamento de Lula da competição eleitoral. Porta-voz de discursos conservadores e negacionistas, especialmente no atravessamento do acontecimento da pandemia, tem exercido uma presidência marcada por isolamento político e institucional, com fortes ataques às instituições do judiciário e à imprensa

brasileira, e pela manutenção de uma comunicação privilegiada via mídia social, com foco no uso do Twitter<sup>21</sup>.

No período de análise, foi possível notar uma predominância do quadro da liberdade nos discursos de Bolsonaro. Para desenvolver esse ponto, inicia-se mobilizando uma sequência de tweets feitos no contexto da quebra de sigilo, autorizado pelo STF, de parlamentares aliados a Bolsonaro<sup>22</sup>, em um cenário de aproximadamente três meses de pandemia. Essa sequência é uma boa síntese da narrativa política geral de Bolsonaro no período: a de que seu governo é legítimo, porque eleito pelo povo, que está tratando com seriedade a “questão da Covid-19”, e que quaisquer narrativas contrárias e as coberturas midiáticas de casos de corrupção envolvendo a família, ou pessoas ligadas a Bolsonaro, são tentativas de promover pânico, histeria e manipular o povo, ameaçando sua soberania. Os ataques à imprensa são, inclusive, recorrentes em vídeos postados por Bolsonaro, em que debocha, inflama, grita e até silencia jornalistas que o aguardam para declarações no Palácio da Alvorada.

Assim, a sequência de tweets abaixo introduz a mobilização da liberdade como um dos valores centrais que constrói em interação com o acontecimento da pandemia:

- Em janeiro 2019, após vencermos nas urnas e colocarmos um fim ao ciclo PT-PSDB, **iniciamos uma escalada do Brasil rumo à liberdade**, trabalhando por reformas necessárias, adotando uma economia de mercado, ampliando o direito de defesa dos cidadãos.
- Queremos, acima de tudo, preservar a nossa democracia. E fingir naturalidade diante de tudo que está acontecendo só contribuiria para a sua completa destruição. **Nada é mais autoritário do que atentar contra a liberdade de seu próprio povo.**
- Só pode haver democracia onde o povo é respeitado, onde os governados escolhem quem irá governá-los e **onde as liberdades fundamentais são protegidas**. É o povo que legitima as instituições, e não o contrário. Isso sim é democracia.
- **Luto para fazer a minha parte, mas não posso assistir calado enquanto direitos são violados e ideias são perseguidas. Por isso, tomarei todas as medidas legais possíveis para proteger a Constituição e a liberdade do [sic] dos brasileiros.**  
BRASIL ACIMA DE TUDO; DEUS ACIMA DE TODOS! (Bolsonaro, 17/06/2020).

No contexto da pandemia, a liberdade como macro quadro cumpre um lugar muito decisivo, pois ajuda Bolsonaro a tecer uma narrativa de que a não adoção das suas soluções para essa crise são autoritárias e ameaçam a soberania do povo. É nesse sentido que soluções contrárias às de Bolsonaro constituem *problemas*, como a defesa de um isolamento social mais

<sup>21</sup> Nessa direção, cabe destacar tweet de Bolsonaro, do dia 04/08/2021, em que publica inquérito policial sigiloso e em andamento da Polícia Federal, em uma alegação de violação do sistema eleitoral e em uma defesa do voto impresso. Mas informações disponíveis no link: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/08/04/bolsonaro-compartilha-inquerito-da-pf-e-diz-que-sistema-eleitoral-e-violavel.htm>>.

<sup>22</sup> Mais informações disponíveis no link: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/stf-quebra-sigilo-de-parlamentares-aliados-de-bolsonaro-em-inquerito-que-apura-atos-antidemocraticos,b91c97708501f948ef7048139c967949svuowskr.html>>.

amplo e medidas de quarentena, como o fechamento de comércio, são lidas sobretudo como autoritárias, por, supostamente, impor o “fique em casa” sobre o direito das pessoas.

- **Além do vírus, agora também temos o desemprego, fruto do ‘fecha tudo’ e ‘fica em casa’, ou ainda o ‘TE PRENDO’.**

- Para toda ação desproporcional a reação também é forte. O Governo Federal busca o diálogo e solução para todos os problemas, e não apenas um (Bolsonaro, 12/04/2020).

Temos 2 problemas que não podem ser dissociados: o vírus e o desemprego. Ambos devem ser tratados com responsabilidade. **Mas se o remédio for demasiado o efeito colateral será muito mais desastroso** (Bolsonaro, 30/03/2020).

A narrativa de Bolsonaro é que seu governo está fazendo de tudo para combater a crise gerada pela pandemia do Covid-19, mas que tem encontrado obstáculos entre “aqueles que atrapalham a governar”, identificando *atores* como a mídia, que pretenderia promover o caos, e nos governadores e prefeitos, que tomariam medidas autoritárias contra a liberdade do povo através de seus decretos.

B. **Apesar** da responsabilidade diante do trabalhador na pandemia ser dos estados e municípios, **o @govbr desenvolve programa preservando até então mais de 8,1 milhões de empregos no país (...)** (Bolsonaro, 31/05/2020).

4- Com muito sacrifício, o Governo Federal já utilizou mais de R\$600 bilhões na luta contra o covid-19 e manutenção de empregos. Em breve não haverá mais recursos para durar por muito tempo (...) (Bolsonaro, 09/04/2020).

- Gilberto Barros denuncia a onda de desemprego em massa, mortes, saques, extrema pobreza e definhamento da sociedade **diante de medidas autoritárias de alguns governadores:**

Link no youtube: <https://t.co/lophgTYdF0> (Bolsonaro, 17/05/2020).

- O desemprego, a fome e a miséria será o futuro **daqueles que apoiam a tirania do isolamento total.** <https://t.co/3xniiWMdmM> (Bolsonaro, 16/05/2020).

CAOS: povo quer trabalhar e passa fome. Decretos de governadores e prefeitos. <https://t.co/7s3JZ2c0Ss> (Bolsonaro, 14/05/2020).

- Lembro à Nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia (fechamento do comércio e quarentena, p.ex.) ficaram sob total responsabilidade dos Governadores e dos Prefeitos

(...)

- Ao lado disso **forças nada ocultas, apoiadas por parte da mídia**, açoitam o Presidente da República das mais variadas formas para deslegitimá-lo ou atrapalhar a governança.

- Com fé em Deus e no povo seguirei meu destino de melhor servir ao meu país. (Bolsonaro, sequência de tweets, 08/06/2020).

Tais críticas integram uma narrativa mais coesa diante da maior *solução* definida por Bolsonaro para a pandemia: o tratamento com o hidroxiclороquina. Os esforços de seu governo em sua defesa são expostos em todo o período de análise, a partir de diversas frentes de ação, como retirada de impostos em sua importação, o aumento de sua produção por laboratórios do Exército, as cooperações internacionais para facilitar sua aquisição, o compartilhamento de depoimentos e vídeos de médicos fazendo sua defesa, entre outras. E, também aqui,

estabelecem-se *fronteiras* com os principais atores que vão contra esta solução, incluindo a própria Organização Mundial da Saúde (OMS).

- Isso se chama precaução. O medicamento é barato e caso venha a ser comprovada a eficácia no combate à Covid-19, estaremos preparados para atender a todos os brasileiros rapidamente.

- **Enquanto uns seguem buscando o caos, seguimos buscando soluções para proteger a nossa nação!** <https://t.co/yfl2tBbEck> (Bolsonaro, 22/03/2020).

- Ainda não existe comprovação científica, mas sendo monitorada e usada no Brasil e no mundo. **Contudo, estamos em Guerra: “Pior do que ser derrotado é a vergonha de não ter lutado.”**

- Deus abençoe o nosso Brasil. <https://t.co/E0cu23id8g> (Bolsonaro, 20/05/2020).

D- 3,4 milhões de unidade de Hidroxicloroquina enviadas para todo Brasil. **Lamentavelmente alguns estados tem [sic] recusado tais procedimentos.** Desenvolve-se maneiras de maior ampliação na produção e compra do medicamento, hoje utilizado em todo mundo (Bolsonaro, 15/05/2020).

-**Após pedirem desculpas pela Hidroxicloroquina, agora a OMS conclui que pacientes assintomáticos (a grande maioria) não têm potencial de infectar outras pessoas.** Milhões ficaram trancados em casa, perderam seus empregos e afetaram negativamente a Economia. <https://t.co/2scNmgLL9P> (Bolsonaro, 09/06/2020).

Mas para compreender a continuidade dessa narrativa, destaca-se como o próprio uso dos termos para se referir à pandemia por Bolsonaro revela sua construção mais ampla sobre o que está acontecendo com o Brasil. A primeira menção ao termo “pandemia” é em 18 de março de 2020, uma semana após tal classificação pela OMS, que já deixa clara uma postura de diminuição da gravidade que tal termo implicaria, como exposto pelo seguinte tweet:

Pandemia é o termo usado em referência a um aumento de casos de uma doença em uma ampla área geográfica. **Não podemos deixar isso se transformar em histeria e desespero!** Calma, serenidade, prevenção e ações eficazes são armas importantes para superarmos o coronavírus. 🇧🇷🍷 <https://t.co/Xsy5DHRRMa>. (Bolsonaro, 18/03/2020).

Não obstante, mesmo posteriormente a esse entendimento, há uma concentração do uso do termo “epidemia” no mês de março e início de abril, como forma preferencial de enquadrar a situação, em uma operação que, na mesma linha do tweet anterior, busca depreender uma menor gravidade àquela que o termo pandemia poderia provocar. Destaca-se esse movimento em um período que inaugura o posicionamento negacionista de Bolsonaro diante desse acontecimento, o que é expresso também em seus pronunciamentos à nação e demais declarações.

Mas, superado esse momento inicial, o termo pandemia volta a surgir, só que agora concentrado em postagens do tipo prestação de contas sobre as ações do Governo Federal de combate à pandemia. No tweet abaixo, por exemplo, temos uma disputa narrativa de que o

Governo Bolsonaro já lidava com a situação muito antes dela ganhar essa gravidade de “pandemia”.

Acompanhe as publicações em nossa timeline e tenha conhecimento do **trabalho do Governo Bolsonaro muito antes do coronavírus ser considerado pandemia**: <https://t.co/mezeGb30iW> (Bolsonaro, 27/03/2020).

Mas, se o termo pandemia é usado 42 vezes no universo de postagens, os termos Covid-19 e coronavírus são a escolha mais frequente em acepções sinônimas<sup>23</sup> à de pandemia: 106 vezes. Esse fato, aliado à ideia mais recorrente associada ao termo ser a de combate/enfrentamento mostra a necessidade de Bolsonaro em materializar um *inimigo*: o coronavírus. Não por acaso, outras acepções usadas para compreender a Covid-19 são guerra e mal.

- Não queremos descaso com **a questão da Covid-19**. Apenas buscamos a dose adequada para **combater esse mal sem causar um ainda maior**. Se todos colaborarem, poderemos cuidar e proteger os idosos e demais grupos de risco, manter os cuidados diários de prevenção e o país funcionando (Bolsonaro, 26/03/2020).

(...) Desejo, também, muita força para sua família [de Boris Johnson] e para todo o grande povo britânico, ao qual **estamos unidos no combate ao covid-19 e aos seus efeitos malignos** (Bolsonaro, 07/04/2020).

Ainda nessa questão, outro destaque interessante é que em muitos momentos em que o termo “guerra” é mobilizado, ele acompanha o sentido da ação militar:

- **Nossas Forças Armadas**, sempre lembradas em tempos difíceis, estão à disposição p/ dar todo apoio possível aos Estados e Municípios do país na **guerra contra o coronavírus**, com logística, transporte de profissionais de saúde e materiais, postos de triagem, etc. **JUNTOS VENCEREMOS!** (Bolsonaro, 23/03/2020).

E, ao se referir a momentos históricos passados em que uma guerra era travada para libertar um povo, o macro quadro da liberdade auxiliar a construção da narrativa da pandemia como uma guerra:

- Celebramos hoje o Dia da Vitória, que marca **o triunfo dos Aliados e da causa da liberdade na II Guerra**.  
 - Celebramos também os **heróis da Força Expedicionária Brasileira**.  
 - **A FEB simboliza o melhor de nosso povo: a união na adversidade e a coragem diante de qualquer desafio**. <https://t.co/hdip7vO4Dm> (Bolsonaro, 09/05/2020).

25 mil brasileiros foram à 2ª Guerra e garantiram a nossa Liberdade e Democracia. Na Itália, para surpresa de outros Exércitos, viram a nossa tropa composta de negros, brancos e mestiços vivendo de forma harmônica e integrada. **A COBRA FUMOU e derrotamos o NAZISMO e o FASCISMO**. <https://t.co/ZyN1eSai5P> (Bolsonaro, 07/06/2020).

---

<sup>23</sup> Ou seja, desconsiderando as situações em que se trata de referências à doença ou ao vírus em si, como em referências de saúde, como contaminados e curados, leitões, vacina, testagem e tratamento, além das vezes em que acompanha o termo “pandemia”.



A materialização do coronavírus como um inimigo a ser combatido se insere em uma narrativa mais ampla, na qual se torna necessário definir os aliados de quem luta do lado do bem (o governo Bolsonaro) e os contra aliados, que lutam do lado do mal (o coronavírus). Aqui opera não apenas a colocação de novos atores na fronteira, como os governadores e prefeitos favoráveis à quarentena, como os *deslocamentos de sentido* em atores já construídos como inimigos, tal qual sinalizado em Figueiredo (2018), como os tweets já expostos em torno da imprensa, e sobre o comunismo, que aparece como um mal equivalente ao coronavírus.

**As duas grandes desgraças do mundo: o comunismo e o Coronavírus!** (Bolsonaro, 01/04/2020).

E, ao serem colocados em equivalência como o mal a ser combatido, o efeito “rotineiro” do comunismo como inimigo se soma com o efeito “atípico” do coronavírus como inimigo para inscreverem uma narrativa muito potente de que o “mal” está sempre à espreita e se aproveita inclusive de crises como a provocada pela Covid-19, de forma que o macro quadro da liberdade funciona como o grande elemento de sustentação dessa narrativa.

Por fim, é interessante notar o processo de deslocamento de sentidos a partir de uma menção ao trabalho de Figueiredo (2018) no que diz respeito aos quadros de Jair Bolsonaro no ano de 2018. Naquele período, o trabalho chamava a atenção para uma convergência valorativa entre atores da nova direita brasileira a partir da mobilização dos macro quadros do liberalismo econômico e do conservadorismo moral em suas narrativas para a crise brasileira. No caso de Jair Bolsonaro, seu conservadorismo era expresso sobretudo pelo diagnóstico de uma “questão ideológica” exposta em uma inversão de valores, diante da qual seria necessário operar uma transformação cultural, colocando-se como defensor da família e da propriedade, contrário ao aborto, defendendo o armamento da população, entre outros aspectos. No liberalismo econômico, propunha a diminuição do tamanho do Estado.

Diagnosticando um quadro caótico no país, Bolsonaro também traçou culpados, identificando o Partido dos Trabalhadores (PT), o comunismo e a velha imprensa como atores responsáveis pela situação, se colocando como o único agente moral capaz de reverter o cenário ao se desidentificar com a casta política. Como escreveu em postagens analisadas pelo trabalho, “estamos entre [o] lado do crime e o lado correto”, e “(...) o povo tem que mostrar que o patrão são vocês e não os políticos” (Figueiredo, 2018, p. 47).

É interessante ressaltar esses aspectos que estavam em jogo no ano de 2018, em um período de campanha eleitoral que culminaria na vitória de Bolsonaro para a presidência, para notar como a pandemia enquanto acontecimento contribuiu, no caso de Bolsonaro, não só para

a *atualização* de quadros em novas produções de sentido, mas, também, na medida em que novas camadas de sentido e novos atores iam sendo articulados, operava uma *nova composição* de quadros.

Para a atual pesquisa, ainda que o conservadorismo e o liberalismo econômico se façam presentes, quase que exatamente nos mesmos termos<sup>24</sup> identificados por Figueiredo (2018), trata-se de algo que é pontual e difuso, perdendo centralidade diante do atravessamento do acontecimento da pandemia, dando lugar para *outro quadro*: o da liberdade, em uma reação ao acontecimento como limitador dessa liberdade. Ainda, é possível notar também uma centralidade na delimitação dos mesmos inimigos, com grande destaque para a imprensa, mas também para o rótulo esquerda-comunismo-PT.

### 2.3.2. Luciano Huck

Luciano Huck é um apresentador de televisão consolidado, que dá grande visibilidade a questões e iniciativas da sociedade consideradas exemplares. Em seu programa de televisão, “Caldeirão do Huck”, que está ao ar na emissora Globo desde o ano 2000, possui quadros que exploram questões sociais diversas, com bastante enfoque em vulnerabilidades<sup>25</sup>.

Sujeito de grande visibilidade pública e afeito às discussões sociais, tem entrado no mundo político sendo cotado à concorrência de cargos políticos. Nas eleições presidenciais de 2018, por exemplo, foi especulado como um dos prováveis nomes e, ao negar sua candidatura, afirmou estar resistindo aos “sons dos chamados quase irresistíveis”<sup>26</sup>. Da mesma forma, desde o ano de 2020 voltou a ser cotado para a disputa presidencial de 2022, tendo chegado a discutir a possibilidade de uma aliança com o ex-ministro da Justiça Sergio Moro<sup>27</sup>, mas, novamente, desistiu.

Não por acaso, Huck é considerado uma personalidade política pelo IPD da Quaest, ocupando a segunda posição nesse ranking. No momento de escolha de seu perfil para compor esta pesquisa, havia grande expectativa de que Huck viria a ser presidencial.

---

<sup>24</sup> Ou seja, também nas postagens analisadas na atual pesquisa, Bolsonaro se coloca contrário ao aborto, defende a família e o armamento do cidadão, assim como a diminuição do Estado.

<sup>25</sup> Para mais informações, ver matéria que explora o “lado social” do Caldeirão do Huck. Disponível no link: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2018/04/huck-completa-18-anos-de-globo-e-reforca-lado-social-do-caldeirao.shtml>>.

<sup>26</sup> Matéria completa disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/luciano-huck-confirma-que-nao-sera-candidato-presidencia-em-2018-22117183>>.

<sup>27</sup> Matéria completa disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/08/interna\\_politica,1202532/moro-e-luciano-huck-estudam-candidatura-para-as-eleicoes-de-2022-diz.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/11/08/interna_politica,1202532/moro-e-luciano-huck-estudam-candidatura-para-as-eleicoes-de-2022-diz.shtml)>.

Mesmo diante da não concretização de uma candidatura, entende-se que esse sujeito não deixa de ter relevância política para a análise, não apenas por sua popularidade, mas também por sua tentativa de posicionar-se entre Jair Bolsonaro, no espectro ideológico da extrema-direita e Lula, no espectro da esquerda. Além disso, o fato de ele não ser uma liderança, ainda que seja uma personalidade política, é interessante para compreender como suas construções discursivas do sujeito popular operam em um cenário em que ainda havia a possibilidade de candidatura.

Inicialmente, cabe apontar que Huck constrói seu lugar no debate público como uma pessoa que apanha dos extremos políticos, ancorando-se na sociedade civil para se posicionar enquanto um cidadão, um defensor do diálogo e da democracia e uma pessoa utópica, com sonhos por uma vida comum mais fraterna.

Nos últimos anos, tenho ampliado minhas áreas de interesse em políticas públicas e venho garimpando boas idéias em todo o país para questões que considero necessárias (Huck, 26/04/2020).

Apanho dos extremos político [sic]. Deixo a minha zona de conforto quando me posiciono e enfrento a polarização. Mas está valendo. Pq as soluções não vão vir por geração espontânea. Todos precisam participar. E como cidadão cá estou (Huck, 14/06/2020).

Fortalecer o contrato social democrático e a cidadania é nosso ato de fé numa vida comum. É o que nos dá identidade coletiva em meio à diversidade que precisamos respeitar (Huck, 27/06/2020).

No final, revelei minha utopia: um governo + amoroso, capaz de tratar as pessoas com + carinho. É disso q precisamos p/ voltar a sorrir. Pode parecer ingênuo. E é. Mas s/ sonhos e esperanças não avançamos (Huck, 14/06/2020).

Partindo desse lugar geral, o macro quadro que Huck mobiliza no período de análise é o da solidariedade: volume considerável de suas postagens é dedicado a divulgar iniciativas de solidariedade e convocar a sociedade civil para se engajar nelas. Em um certo sentido, o acontecimento da pandemia é lido como um *problema*, mas que, ao dar uma “lição”, constrói-se como uma *oportunidade* para que redes e iniciativas de solidariedade se solidifiquem em um mundo pós-Covid-19.

**Covid19 é um problema mas está nos dando uma lição.** Ideologia não combate vírus. É necessária uma articulação dos diversos níveis de gov, poderes e sociedade. **Isso só acontece c/ o diálogo. E solidariedade.** A maioria dos nossos problemas só pode ser enfrentada eficazmente assim (Huck, 17/03/2020).

**A solidariedade sendo mais contagiosa que o vírus. A sociedade civil mostrando a sua força.** Em poucos meses dobramos as doações do ano passado inteiro (...) **Que sigamos + solidários e fraternos qdo este pesadelo da Covid19 passar** <https://t.co/THDdNcIY6> (Huck, 22/07/2020).

**Doar é um ato solidário e de consciência cívica.** Na pandemia, quem pode mais m, deve ajudar mais. E fortalecer a ciência no Brasil é fundamental. P/ progredir, temos de

manter esse espírito de doação. **Dias melhores só virão c/ mais engajamentos individuais em ações coletivas.** <https://t.co/siOYPb2ibK> (Huck, 06/07/2020).

Cabe destacar, ainda, que, em entrevista que fez do historiador Yuval Harari sobre a pandemia, Huck selecionou alguns trechos para destacar que a situação em torno da Covid-19 não se trata de uma guerra e que pensar assim é perigoso, pois daria a entender que existe um inimigo humano a ser combatido.

Huck busca situar *problemas mais amplos* do Brasil, como a desigualdade social e o racismo, na discussão em torno da pandemia, defendendo que tal acontecimento evidenciou ainda mais os contrastes na sociedade brasileira e levantando agendas específicas, como a defesa de uma renda básica universal e da tributação dos mais ricos. Ou seja, trata-se aqui de uma *atualização* de estruturas de interpretação que lhe são caras, frente ao acontecimento: a pandemia ilumina “como nunca nossas desigualdades”.

**Não estamos todos no mesmo barco. A pandemia iluminou como nunca nossas desigualdades.** Sondagem do @IBOPE\_In mostra q pandemia chegou em momentos ≠s em cada comunidade do Rio. Ainda não há condições de relaxar o isolamento, alerta Gilmar Azevedo da @ABRASCO. Concorde. <https://t.co/4H0uLJIT8o>. (Huck, 23/06/2020).

Temos de sair da pandemia como um país + solidário e fraterno. Temos q fortalecer a cultura da doação. **A reforma tributária é uma boa oportunidade p/ isentar doações ao 3º setor e elevar a tributação de heranças.** O Brasil é um dos raros países q ainda cobra imposto sobre doações. <https://t.co/4ZAnMg7URf> (Huck, 23/07/2020).

Venho ouvindo e aprendendo p/ poder contribuir e fortalecer. Este manifesto tem as cores da cidadania. Nós brancos e privilegiados temos de somar na luta antirracista. Há décadas, os movimentos negros militam nesta causa democrática, que se fortalece. <https://t.co/2In7sPhiWi> (Huck, 20/08/2020).

Causa indignação esse extermínio de jovens pobres e negros nas comunidades país afora. Não é só no Rio. **Isso é uma doença nacional que exige responsabilidade social de todos nós em busca da cura.** Uma tristeza. Causa revolta (Huck, 19/05/2020).

Mas, ao mesmo tempo, os *problemas específicos* da pandemia são evidenciados e fortemente atrelados a uma acusação de incompetência política por parte do governo do Brasil. Apesar de haver apenas duas menções diretas ao Bolsonaro (uma é sobre ter empatia quando ele testou positivo para Covid-19 e outra é uma crítica ao seu incentivo de ataque a jornalistas), são múltiplas as referências centralizadas em uma narrativa que constrói de negacionismo, incompetência e autoritarismo em sua gestão durante a pandemia.

**Assustador. Duas das principais autoridades do país seguem frias na semana que vms chegar a 20 mil mortos. Sensibilidade zero.** Nenhuma palavra de carinho c/ as famílias vítimas da pandemia. Um preocupado c/ o tamanho do Estado. O outro c/ a tubaína. **O Brasil está descoordenado** (Huck, 20/05/2020).

**Muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas com uma coordenação melhor entre as três esferas de governo.** Perdemos muito tempo discutindo política e não política pública. Fato (Huck, 04/06/2020).

100 mil famílias em luto. 100 mil saudades. O número choca + qdo a gnt pensa em cada vida perdida, uma a uma. **Tragédias evitáveis, consequência do negacionismo e incompetência.** Democracia requer responsabilidade. Cidadania exige respostas. Meu carinho a todos que estão sofrendo (Huck, 08/08/2020).

Lendo e pensando antes de ir dormir...O Brasil levou 4 meses pra chegar a 1 milhão de infectados com a Covid19. Depois, em apenas 24 dias, o país registou 2 milhões. A velocidade não diminui a gravidade dos fatos. **Não dá p/ normalizar o anormal. Nem terceirizar responsabilidades** (Huck, 19/07/2020).

Mas, ao traçar *soluções*, aposta com força nas ações de filantropia e de solidariedade já expostas, e também se dedica, em muitas postagens, a uma defesa bastante firme do agronegócio associado ao desenvolvimento sustentável como o grande horizonte de solução pós-pandêmico para o Brasil, sem perder a oportunidade de evidenciá-lo como um dos grandes protagonistas positivos *evidenciados* diante da crise gerada pelo coronavírus.

A sociedade civil está se movimentando p/ q comida chegue na mesa dos mais afetados e **a filantropia deu um salto – já doamos, em poucas semanas, mais do q no ano inteiro de 2019.** Mas a situação é trágica, inclusive pq mts dessas pessoas não conseguem entender a gravidade dela (Huck, 12/04/2020).

Em meio às notícias difíceis e dolorosas, vale celebrar as boas. O Brasil dá show na produção de alimentos de novo. **Da agricultura familiar aos grandes produtores, o agronegócio faz história nesta pandemia** (Huck, 18/04/2020).

Para registro das poucas boas notícias que estamos tendo ultimamente; **o agro enfrenta a pandemia dando um show de produtividade. Parabéns às mulheres e aos homens do campo, que se superam nesta crise sanitária.** O Brasil agradece (Huck, 30/04/2020).

**A porta de saída desta pandemia deve se abrir pro desafio de transformar o Brasil numa potência verde global com uma agroindústria sustentável,** capaz de ajudar ainda mais a alimentar o mundo. O Congresso parece que decidiu aprofundar esse diálogo. Ótima notícia. @Estadao. <https://t.co/fw3XXL8x0T> (Huck, 30/07/2020).

O Brasil nasceu com o pensamento de que a riqueza viria da destruição da natureza. **Nossa maturidade se dará pela mentalidade oposta: a da potência verde, baseada na riqueza inclusiva e sustentável e na restauração do meio ambiente.** Te convido a ler meu artigo de hoje na @folha. <https://t.co/kQvAP6I6Ph> (Huck, 20/07/2020).

Assim, ancorado no macro quadro da solidariedade, Huck constrói uma narrativa de um país que está vivendo uma crise, que é grave, que joga luz sobre problemas anteriores do Brasil, como a desigualdade, mas que teria como soluções a coordenação e liderança por parte do Poder Público, e a solidariedade por parte da sociedade, além do desenvolvimento do potencial sustentável do agronegócio como porta de saída para a crise. Mas, de forma emergencial, enquanto diagnostica a ausência desse Poder Público, as ações de filantropia ocupam a centralidade.

### 2.3.3. Lula

Luís Inácio Lula da Silva foi presidente do Brasil por dois mandatos consecutivos (entre 2003 e 2011), em um período da onda rosa, que se refere à ascensão de governos de esquerda ao poder na América Latina. Sua sucessora, Dilma Rousseff, exerceu o mandato de 2012 a 2014 e, eleita, para mais um mandato sofreu um impeachment que, para grande parte da literatura, teve motivação política, sendo mais bem compreendido como um golpe parlamentar (Jinkings, Doria e Cleto, 2016; Miguel, 2019).

O golpe contra Dilma marcou um período no país de maior fortalecimento da nova direita brasileira, que se uniu fundamentalmente sob a bandeira da luta contra a corrupção e do anti-petismo, em reação ao Partido dos Trabalhadores (PT) ao qual Lula e Dilma são afiliados. Em um contexto de grande polarização política, os “lados” passaram a ficar mais marcados: sob a égide do ódio como política, para mencionar trabalho de Solano (2018), Lula foi construído como o grande inimigo da nação e sua prisão em 2018, protagonizada pelo juiz Sérgio Moro, coroou a vitória dessa nova direita que pintou os novos heróis da nação: Jair Bolsonaro e o juiz Sergio Moro que condenou a Lula e se tornou Ministro da Justiça no governo Bolsonaro<sup>28</sup> (Singer 2018; Nobre, 2020).

A narrativa apresentada nos últimos dois parágrafos é bastante simplificada e não capta – nem pretende – as diversas dinâmicas envolvidas nesse contexto. Não se pretende aqui afirmar que a nova direita é homogênea, mas fato é que, naquele contexto, a equivalência entre tais reivindicações unificou um campo político contra o petismo no país e teve como efeito principal a eleição de Bolsonaro. O que se pretende com ela é contextualizar o *lugar* que Lula ocupa no período de análise para melhor compreender como esse sujeito político nele se posiciona para construir suas próprias narrativas.

No período de análise, ou seja, entre março e agosto de 2020, Lula já havia deixado a prisão, diante de decisão em ano anterior do Supremo Tribunal Federal (STF) contrária à prisão em segunda instância, mas seu processo ainda tramitava. Essa referência é importante pois suas postagens do período são permeadas por acusações contra Moro e Deltan Dallagnol<sup>29</sup>, e de forte defesa do caráter político de sua prisão. Poucos meses após o período de análise, em fevereiro de 2021, o STF suspendeu o processo contra Lula e as acusações na Lava Jato, e, em abril do

<sup>28</sup> Em abril de 2020, Moro deixou o cargo em um clima de grande animosidade entre ele e Bolsonaro com grandes repercussões políticas.

<sup>29</sup> Dallagnol foi procurador da república e, junto de Moro, ganhou notoriedade na condução da operação Lava Jato. Especificamente no caso de Lula, ficou conhecido pela apresentação de Power Point na qual denuncia Lula por crimes de corrupção. Conhecido como “caso do Power Point”, rendeu acusação na justiça por desvio funcional em acusação com fins midiáticos e políticos.

mesmo ano decidiu por parcialidade de Moro no julgamento, colocando Lula oficialmente de volta à disputa presidencial para o ano de 2022.

Diante desse contexto, o macro quadro de Lula é o saudosismo humanista. Mobilizando um saudosismo, ao se referir a um mundo anterior, ele era fundamentalmente mais fraterno, solidário e humano. E, nesse sentido, são recorrentes as menções ao tempo de governo PT, que combateu a fome, que promoveu o desenvolvimento social, que cuidou do povo em primeiro lugar. Em conexão a esse diagnóstico, o governo PT seria justamente a tentativa de tornar o mundo mais fraterno e humano.

**Bastaram 13 anos de governos que olharam o povo em primeiro lugar, para começarmos a reverter a doença secular da desigualdade em nosso país.** Foram passos ainda pequenos para a dimensão do desafio, mas estávamos no caminho certo, porque 36 milhões saíram da pobreza extrema (Lula, 02/03/2020).

Nós não fizemos no Brasil uma revolução. Não fizemos sequer distribuição de riqueza. **O que fizemos foi fazer com que o pobre tivesse direito a um pedaço do bolo. Pudessem fazer três refeições. Ter um diploma universitário. Um emprego. Luz para sair da escuridão do candieiro** (Lula, 10/03/2020).

Hoje o mundo está assustado com o corona vírus. Quantas crianças morrem de fome todos os dias no planeta terra e nós não ficamos comovidos com isso?! **Estamos perdendo a solidariedade? Quando vamos reagir e voltar a ser humanos outra vez?** (Lula, 02/03/2020).

**Em nome do humanismo nós temos que radicalizar. E radicalizar não significa virar sectário. É ir na raiz dos problemas.** Temos que convocar as personalidades mundiais a se comprometerem contra a desigualdade. **Não podemos mais admitir a fome** (Lula, 01/07/2020).

E, para Lula, parte do que está acontecendo com o Brasil está relacionado aos *problemas* do ataque à democracia e do ódio ao PT, postos aqui em algum grau de equivalência; e, nisso, a elite brasileira aparece como um *ator* central em protagonizar esse processo.

A triste situação em que se encontra meu país e o sofrimento do nosso povo são consequência de repetidos ataques, maiores e menores, ao estado de direito, à Constituição e à democracia (Lula, 02/03/2020).

Eu achava que as pessoas ficariam felizes de ver uma menina pobre chegando à universidade. **Mas a sociedade, infelizmente, fomenta preconceito. E eu tenho certeza que foi por isso que deram o impeachment na @dilmabr** (Lula, 03/03/2020).

Tenho lido muito sobre escravidão desde que fui preso. **O preconceito está na medula da elite brasileira.** Uma elite que não permitia entrar um livro no país porque as pessoas não podiam ler sobre revolução e independência. **Hoje compreendo melhor o ódio contra o PT** (Lula, 19/05/2020).

**A elite branca não suportou ver doméstica com carteira assinada.** As madames gostavam de falar que a empregada era quase que da família, mas você não via a empregada no testamento. **Tenho orgulho da transferência de renda que fizemos nesse país. E é por isso que eles nos odeiam** (Lula, 27/05/2020).

E um caso chave dessa narrativa de Lula é sua prisão. São recorrentes as postagens em que ele busca construir uma visão de que a Lava Jato foi uma operação com lado político

definido e que envolveu muitos atores unidos contra ele. Aqui aparecem não apenas parte do Judiciário, homogeneizado nas figuras de Moro e Dallagnol, como também a Rede Globo e atores internacionais como o FBI dos Estados Unidos.

**1 - A Lava Jato poderia ter sido um grande instrumento de combate à corrupção** (...)

**2 - O problema é que eles transformaram a Lava Jato em um partido político.** Pesquisem como vivem hoje os delatores. O que eles fizeram foi legalizar a corrupção. Quebraram as empresas e ao invés de punirem os donos, puniram os trabalhadores ((Lula, sequência de tweets, 09/07/2020).

O Jornal Nacional deu matéria de 8min41seg sobre a delação de Palocci com acusações contra Lula. **Notem a semiótica: quando Bonner fala em "com recursos ilícitos", jorra atrás dele dinheiro do duto da corrupção.** E agora que a PF disse que a delação de Palocci não tem provas? <https://t.co/5aCgcxOVC> (Lula, 16/08/2020).

**Eu tenho mais de 400 horas de Jornal Nacional contra mim. E se pesquisar o Moro tem 400 horas a favor.** Basta ver que a Globo só citou duas matérias do Intercept, e pra se explicar porque foi citada (Lula, 09/07/2020).

Essa reportagem de hoje da Vaza Jato mostra que a “teoria da conspiração” que apresentamos desde 2016 sobre a cooperação “informal” dos EUA para construir casos no Brasil, usar o FCPA para “entrar” em empresas brasileiras, etc estava absolutamente correta. <https://t.co/G2lgyXqCvs> (Lula, 01/07/2020).

E essa narrativa constrói um cenário mais amplo, de um “grande pacto”, como menciona Lula, que teve a operação da Lava Jato como um instrumento político central que o tirou de cena e teve como resultado a eleição de Bolsonaro.

**Não podemos olhar o Brasil apenas na fotografia que estamos vendo hoje.** É preciso ver porque chegamos até aqui.” Ao El País, o advogado de @LulaOficial @czmartins explica como a #LavaJato nos trouxe até o governo Bolsonaro, “do qual Moro foi aliado de primeira ordem”. <https://t.co/ZiV1gEneDv> (Lula, 01/07/2020).

**Esse é o resultado do grande pacto com Bolsonaro após a prisão de Queiroz.** Ele fala menos, fica no cargo e a direita liberal com suas mídias aliviam nas críticas. A vida do povo vira detalhe e os negócios dominam o jogo da política. Macabro! <https://t.co/Uals9a2gha> (Lula, 05/08/2020).

**Dizer que o PT é responsável pelo Bolsonaro é uma heresia.** Lembro sempre que no dia seguinte da eleição do Trump muita gente foi pra rua protestar. E o Trump disse: por que essas pessoas não foram votar na Hillary? O dado é que 8 milhões de americanos deixaram de votar (Lula, 09/07/2020).

E, no atravessamento do acontecimento da pandemia, ou, a fotografia de “hoje”, a antítese do governo PT é centralizada na imagem de Bolsonaro, que é caracterizado de muitas formas negativas: como egóico, maluco, ignorante, antimessias, mas, fundamentalmente, como negligente; como aquele que *não cuida* da pandemia, do povo e nem da economia e envergonha o Brasil, sendo posto em equivalência com o próprio coronavírus.

**E o PT sabe porque quer tirar o Bolsonaro. A gente quer tirar o Bolsonaro pra defender a vida.** Porque ele não gosta de mulher, não gosta de preto, não gosta de índio, não gosta do povo trabalhador. É por isso que estamos dizendo Fora Bolsonaro (Lula, 01/06/2020).



Nós não temos um presidente. **O Bolsonaro faz tão mal para o Brasil quanto o coronavírus** (Lula, 08/05/2020).

**Meu problema com o Bolsonaro é que ele não está cuidando da pandemia.** Não cuida do povo, não cuida da economia. Ou a gente encontra um jeito de tirar ele com base nos crimes de responsabilidade que já cometeu, ou ele vai acabar com esse país (Lula, 30/04/2020).

Estamos vivendo um tempo que não imaginava viver. **A humanidade está ficando desumana. Falta solidariedade. E temos um presidente que vende o ódio.** O Bolsonaro faz a política da confusão, ele vive a teoria do "quanto pior melhor". Porque ele não tem proposta para a sociedade (Lula, 20/04/2020).

Diante da incompetência de Bolsonaro, a figura do PT e de Lula ganham centralidade e ele entra em cena dando *soluções*, sugerindo como a gestão dessa crise deveria estar ocorrendo. Em um vídeo, “Lula diz tudo o que pensa sobre a crise do Coronavírus”, publicado no início da pandemia, Lula analisa o cenário que o país estava enfrentando e diagnostica a incompetência de Bolsonaro, orientando sobre o que ele deveria estar fazendo. As próximas citações são trechos que foram transcritos desse vídeo:

**Eu não gosto muito de ficar fazendo julgamento de governo**, sabe, porque eu já fui presidente eu sei como é que, sei a dificuldade sei o que você pode fazer, **mas depois de ontem eu não me conformei e resolvi falar.** Porque ontem eu imaginava que o presidente da república e seu staff, portanto o seu ministério, fossem fazer uma entrevista coletiva para bem orientar o povo brasileiro de como melhor se comportar para combater o coronavírus e como o governo iria fazer para minimizar possíveis sofrimento da sociedade brasileira. Olha, e o que eu vi foi o governo fazer um show de narcisismo, ou seja na verdade o governo não tava preocupado em orientar a população (...) **O que era importante era o governo ter avisado o povo brasileiro o que ele vai fazer** de investimento para minimizar os efeitos do coronavírus aqui no Brasil (...) **Eu esperava então que o presidente fizesse uma entrevista coletiva** tentando, “nós vamos fazer isso, nós vamos cuidar disso, não vai acontecer isso, nós vamos cuidar das pessoas mais pobres, vamos cuidar dos moradores de rua, vamos cuidar dos mais velhos, nós vamos colocar mais dinheiro a disposição (Lula, em vídeo publicado no Twitter<sup>30</sup>, 19/03/2020).

E, diante dessa ausência, Lula fala com o povo e o orienta, ativando o macro quadro do saudosismo humanista, cumprindo a função de liderança diante do diagnóstico dessa *ausência*. Ou seja, o acontecimento da pandemia atualiza os sentidos construídos por esse sujeito, iluminando como nunca suas percepções de que foi sob sua figura que o povo brasileiro era cuidado:

Eu queria que vocês compreendessem a necessidade do cuidado porque tem uma coisa que depende do governo tem uma coisa que depende do hospital, **mas tem uma coisa que depende de nós: é evitar que o vírus chegue até cada um de nós**, cada criança, cada homem, cada pessoa mais idosa, que são as pessoas mais vulneráveis (...) **Porque quem gosta de você é você mesmo, quem se ama é você mesmo**, você gosta de você, você gosta da sua mulher, você gosta do seu pai, da sua mãe, do seu filho, **então vamos todos nos cuidar** e isso sinceramente nós temos que fazer independentemente das

<sup>30</sup> O conteúdo do tweet é o seguinte: “👍👍👍👍👍👍👍👍👍 Lula diz tudo o que pensa sobre a crise do Coronavírus. Em vídeo, ex-presidente crítica descaso de Bolsonaro, elogia intensa cobertura da imprensa e convoca os brasileiros à reagirem contra a pandemia que assola o mundo. <https://t.co/0c27XmGdKq>”.

loucuras que o governo tenha feito (...) Eu sinceramente me manifestei porque não era possível ficar quieto. **E queria dizer a vocês que eu tô me cuidando e quero que vocês se cuidem, eu quero que vocês se cuidem com carinho, por favor** (...) (Lula, em vídeo publicado no Twitter<sup>31</sup>, 19/03/2020).

E, nessa atualização, a construção de possíveis futuros se dá no apontamento da possibilidade de um horizonte futuro mais fraterno e humano, onde “o amor prevaleça sobre o ódio”.

E cada um de nós individualmente, cuidar de si, da sua família, e não esquecer nunca que **nós estamos precisando que o amor prevaleça sobre o ódio**. Que a solidariedade prevaleça sobre o desprezo, sobre o ódio, sobre a raiva e **essa é a grande chance da gente mostrar para o Brasil que a gente vai vencer o coronavírus. Lembre-se que a hora é de solidariedade, essa palavra que estava caindo um pouco da moda no Brasil**. Agora é hora da gente ser solidário, cuidar dos outros. Não apenas dos nossos, dos outros. **Ser humano cuidando do ser humano, com muito carinho, com muito amor e com muita solidariedade. Esse é o maior antídoto para vencer o coronavírus**. Por isso, gente, **conto com vocês**. Espero, se for necessário poder voltar a participar de muitas atividades públicas com vocês, mas com muita saúde, **até porque se tem uma coisa que eu quero é recuperar a democracia no meu querido Brasil** (Lula, em vídeo publicado no Twitter<sup>32</sup>, 19/03/2020).

Ou seja, é através do macro quadro do saudosismo humanista que Lula sustenta sua narrativa sobre o que está acontecendo com o Brasil, construindo em interface com eles os problemas e, em torno dele, as soluções para a superação da crise.

Esta seção pretendeu *situar* os sujeitos políticos em seu atravessamento com o acontecimento da pandemia, buscando compreender os deslocamentos de sentidos inseridos por tal descontinuidade, as atualizações de suas perspectivas e as suas apropriações desse “agora” como forma de suportá-lo, reagir a ele e construir possíveis futuros.

Esse acontecimento situou Bolsonaro nos deslocamentos de sentido, com uma perda de centralidade de quadros que eram protagonistas nas suas construções anteriores de sentido, como o do conservadorismo, para a mobilização do quadro da liberdade como forma de reagir ao acontecimento, sustentando uma narrativa negacionista; mas, também, há uma atualização de sua construção política de inimigos, agora a inserindo na narrativa mais “concreta” de uma guerra, de uma luta entre bem e mal.

No caso de Huck, o acontecimento da pandemia teve grande centralidade em atualizar suas perspectivas ao jogar luz, marcar, problemas que já lhe eram caros e que agora se mostram ainda mais evidentes, como a desigualdade; mas ele situa a pandemia ao mesmo tempo como uma crise que reforça a urgência de tais problemas e como uma oportunidade para a erradicação desses problemas, buscando construir possíveis futuros na aposta do fortalecimento de uma

<sup>31</sup> Trata-se do mesmo tweet anterior.

<sup>32</sup> Trata-se do mesmo tweet anterior.

sociedade civil atuante, fundada na filantropia e rede de solidariedade, de um Poder Público com capacidade de liderança e sensibilidade e com o agronegócio como a porta de saída principal a guiar esse desenvolvimento.

Por fim, em Lula, o acontecimento da pandemia também sustentou um forte processo de atualização de perspectivas, por evidenciar sua narrativa mais ampla do “grande pacto” construído no Brasil que sinaliza um enfraquecimento democrático e que se equivale às tentativas de tirar a ele e o “governo PT” do jogo político. Nesse sentido, ao tecer como a situação passada a tal acontecimento continua a se reproduzir, diagnostica certa *continuidade*; mas, também, o acontecimento evidencia e agrava os problemas da situação passada, e, através da mobilização do macro quadro do saudosismo humanista, Lula constrói possíveis futuros em uma direção mais fraterna.

Relembrando o percurso até aqui, tem-se que no fim do Capítulo 01, foi firmado um entendimento pós-fundacional acerca de “povo”, com ênfase na abordagem de Ernesto Laclau em torno da categoria, tendo sido desenvolvidos, também, alguns conceitos-chave dessa teoria que guiaram a análise dos discursos. Já no Capítulo 02, foi necessário apresentar o desenho de pesquisa e o atravessamento do acontecimento da pandemia que, com seu poder hermenêutico, atropelou as condições de produção desta pesquisa assim como as estruturas interpretativas dos sujeitos analisados, que construíram seus sentidos em interface direta com as tentativas de apreensão do acontecimento. *Situadas* em tal percurso, podemos adentrar com maior clareza no Capítulo 03 que, a seguir, se dedicará à análise dos discursos de “povo” construídos por Bolsonaro, Huck e Lula.

## **CAPÍTULO 03: AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE “POVO” EM BOLSONARO, HUCK E LULA**

Este capítulo dedica-se à análise empírica acerca das construções discursivas de “povo” entre os sujeitos políticos analisados, identificando e mobilizando alguns dos conceitos desenvolvidos por Laclau apresentados Capítulo 01. Cada seção apresenta um tipo de povo – sendo eles povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador – destacando os elementos e sentidos em torno deles e promovendo leituras comparativas entre os sujeitos políticos, apresentando, ao fim, um esquema visual resumo da discussão. Este capítulo é encerrado com uma discussão geral dos tipos trabalhados, desta vez explorando as relações entre eles para cada sujeito político e finalizando com a discussão de um “caso” (uma situação de racismo vivenciada por um entregador de aplicativo, evento que foi tematizado por todos os sujeitos) para uma leitura comparativa final.

### **3.1. POVO SOBERANO**

A análise dos discursos que constroem um povo soberano permitiu identificar três elementos que buscam fixar seu sentido: o do contrato social/democrático; o da maioria; e o dos direitos. A seguir, será apresentada uma discussão detida em cada um desses elementos, procurando identificar os conceitos laclaulianos discutidos anteriormente.

O primeiro é o de que há um contrato social, democrático e institucional que corroboraria essa soberania. Para Huck, por exemplo, esse contrato envolve uma interação entre povo e instituições, cuja legitimidade define a identidade popular, e tal proferimento faz parte de uma sequência de tweets em que ele pede licença para falar sobre a democracia como cidadão, a partir de reflexões que construiu em um evento do “Direitos Já! Fórum Pela Democracia”.

O contrato social democrático nos permite viver juntos numa sociedade livre, dentro dos limites da **Constituição**, c/ **liberdade de imprensa, transparência, pluralidade** e tendo a **melhora da qualidade de vida de todos como norte**.

**A democracia é também um contrato entre todos nós, cidadãos, e as instituições. Nossa identidade como povo gira em torno da legitimidade desse contrato.** As instituições democráticas necessitam, por isso, se aperfeiçoar constantemente, num processo de melhoramento contínuo.

**A história das democracias não tem fim. É uma obra aberta, que experimenta todo dia novas emoções. O Brasil que o diga.**

**Mas é o único arranjo político que dá mais certo do que errado.** (Huck, 27/06/2020).

Para Bolsonaro, o povo é que legitima as instituições e, quando é respeitado, esta é a definição autêntica de democracia. Mas esse respeito está associado, no contexto do proferimento do seu discurso, sobretudo a um respeito à Constituição e à liberdade dos

brasileiros, mas que se conectam a um contexto mais amplo em que Bolsonaro reage à decisão do STF de quebra de sigilo de políticos a ele ligados, afirmando que ele não assistirá calado a tal “violação de direitos”. Assim, se “é o povo que legitima as instituições” e se a reação à decisão do STF é encarada como uma violação de direitos e perseguição de ideias, cria-se um ponto de antagonismo com essa instituição.

- Queremos, acima de tudo, preservar a nossa democracia. E fingir naturalidade diante de tudo que está acontecendo só contribuiria para a sua completa destruição. **Nada é mais autoritário do que atentar contra a liberdade de seu próprio povo.**

(...)

- **Só pode haver democracia onde o povo é respeitado**, onde os governados escolhem quem irá governá-los e onde as liberdades fundamentais são protegidas. **É o povo que legitima as instituições, e não o contrário. Isso sim é democracia.**

- **Luto para fazer a minha parte, mas não posso assistir calado enquanto direitos são violados e ideias são perseguidas.** Por isso, **tomarei todas as medidas legais possíveis para proteger a Constituição e a liberdade do dos brasileiros.**

BRASIL ACIMA DE TUDO; DEUS ACIMA DE TODOS! (Bolsonaro, sequência de tweets, 17/06/2020).

Já Lula, diagnostica um cenário em que as instituições da democracia seriam usadas contra a própria democracia e o povo, reforçando uma perspectiva de que há um contrato que pode ou não ser legítimo. Também constrói nesse diagnóstico um cenário de despolitização, sendo possível interpretar que isso afeta a soberania do povo, na medida em que ele foi bombardeado de mentiras, e a própria eleição de Bolsonaro, que teria sido fraudulenta e um resultado desse processo de enfraquecimento democrático.

Então eu chego à conclusão de que, mesmo que tenhamos feito quase que uma **revolução silenciosa no Brasil para mudar a vida do povo, não conseguimos impedir que as instituições da democracia fossem utilizadas contra a democracia e o povo, mais uma vez em nossa história** (Lula, 26/06/2020).

Eu acho que a sociedade brasileira continua um pouco adormecida. **O povo foi bombardeado de notícias falsas e, mesmo quando as mentiras são esclarecidas, a verdade não é noticiada com o mesmo vigor. A despolitização do país levou ao que nós temos hoje** (Lula, 29/04/2020).

**E importante falar do processo da eleição do Bolsonaro, que hoje se mostra fraudulento e baseado em fake news.** A quantidade de mentiras contra o @Haddad\_Fernando e contra a @ManuelaDavila... **e hoje o povo paga o preço disso** (Lula, 18/06/2020).

E, na medida em que Lula diagnostica esse enfraquecimento da democracia, Bolsonaro ocupa o outro lado da fronteira, fundamentalmente como uma força antidemocrática, mas não só ele. Aqui é construída uma narrativa de um cenário mais amplo que tem no uso político da operação Lava Jato, em articulação com a mídia e com os EUA, um ponto chave: trata-se de um “grande pacto”. E, como fica claro em um tweet que reproduz a fala de um político alemão, a vontade popular não seria suficiente para sustentar a democracia.

**O Bolsonaro é resultado da negação da política nesse país.** Assim nasceu o fascismo. Assim nasceu Hitler (Lula, 21/05/2020).

2 - Meu conceito de democracia é um pouco mais preciso. **Essas pessoas que estão defendendo a democracia agora estão dispostas a tirar o Bolsonaro?** Estão dispostas a pedir desculpas pelo que fizeram com a @dilmabr? Estão dispostas a admitir filho de empregada na universidade? (Lula, 18/06/2020).

**Se Lula tivesse sido candidato, Bolsonaro não teria sido eleito.** É preciso ter em mente que **o que sustenta a democracia não é só a vontade popular, mas também a vontade da mídia**, que está disposta a sacrificar a democracia em nome de seus interesses - @MartinSchulz #equipeLula <https://t.co/sGra4YAL1X>” (Lula, 11/03/2020).

**Se o que foi feito por Moro e Dallagnol não for julgado, pagaremos um preço histórico muito caro.** A sociedade já não acredita em parte da justiça. Moro foi um desastre para o poder Judiciário. É um paradoxo. Fui absolvido em todos os processos em que fui julgado fora de Curitiba (Lula, 20/08/2020).

“Questões pessoais devem ser deixadas [sic] de lado”, disse Moro.

**Impedir a candidatura de @LulaOficial, continuando o golpe dado em @dilmabr, e apoiar um governo pró-ditadura militar não é uma "questão pessoal", é um ataque à democracia.** Não esqueceremos. <https://t.co/GZpkDrE7f9>” (Lula, 07/06/2020).

O presidente @LulaOficial acompanhou o meu pronunciamento, quando pedi, a criação de uma CPI para investigar os crimes cometidos pela Lava Jato. Desde a **perseguição ao @PTBrasil, à destruição da indústria nacional, passando pela relação de subserviência da força-tarefa aos EUA.** <https://t.co/LwgajBIWfu> (Lula, 31/07/2020).

Esse é o resultado do **grande pacto com Bolsonaro** após a prisão de Queiroz. Ele fala menos, fica no cargo e **a direita liberal com suas mídias aliviam nas críticas. A vida do povo vira detalhe e os negócios dominam o jogo da política.** Macabro! <https://t.co/Uals9a2gha><sup>33</sup> (Lula, 05/08/2020).

De modo geral, em todos esses trechos também é possível mobilizar as narrativas mais amplas desses sujeitos construídas no capítulo anterior: enquanto Huck faz uma discussão mais focada na perspectiva do diálogo e do comum, pautando-se na abertura da democracia e na necessidade de aprimoramento contínuo, Bolsonaro e Lula estruturam seus discursos num tipo de endereçamento que explicita pontos de antagonismo: para Bolsonaro, é como se o mal estivesse à espreita na tentativa de deslegitima-lo como presidente e, para Lula, existiria um grande pacto daqueles que agiram contra a democracia, como Moro e a mídia, e, por extensão, contra os governos PT e o próprio povo. Esse ponto fica ainda mais explícito em sua conexão com o elemento dos direitos, que será trabalhado mais ao fim desta seção.

O elemento da maioria é trabalhado de duas formas (maioria numérica e mandante), provocando distintos desdobramentos. A visão de uma maioria numérica é explorada predominantemente por Bolsonaro, que busca se legitimar no fato de que a maioria votou nele, além de usar uma votação majoritária na Câmara para indicar que isso seria algo que o povo deseja.

---

<sup>33</sup> Link para matéria do UOL: “Em uma semana, cobertura da pandemia no JN encolhe de 30 para 10 minutos”.

**Sou Presidente porque a maioria do povo confiou em mim**, assim como estou vivo porque Deus assim o permitiu. <https://t.co/YKsOtn3jJM> (Bolsonaro, 26/05/2020).

**-Por 398 x 2 a Câmara dos Deputados manteve os vetos ao Orçamento.**  
 - Independência entre os Poderes e respeito à democracia **é o que o povo deseja no Brasil.** BR (Bolsonaro, 05/03/2020).

Ainda na construção de uma maioria numérica, ela é preenchida sobretudo com conteúdo que conecta a soberania do povo ao seu armamento, situação tida como uma expressão da liberdade, um macro quadro central à narrativa de Bolsonaro. Quando este afirma, no contexto do tweet abaixo, que acredita na maioria do povo do Brasil, argumenta-se aqui que há uma conexão com a maioria eleitoral que o elegeu, ou, fundamentalmente que o apoia.

**- Povo armado legalmente jamais será ultrajado, roubado ou escravizado.**  
 - Acredito em Deus, no Brasil e **na maioria do seu povo.** <https://t.co/BhjT340CMU> (Bolsonaro, 03/06/2020).

**- A garantia de um povo livre.** <https://t.co/kRXrJ7d9aC><sup>34</sup> (Bolsonaro, 25/05/2020).

**Antes de chamar alguém de ditador ou autoritário, veja se ele tem a intenção de desarmar seu povo. Ninguém em sã consciência armaria a mesma população que quer controlar.** Na foto, mensagem que deixamos exposta em Brasília, no início dos anos 2000. <https://t.co/g4AbEYdPYd> (Bolsonaro, 23/05/2020).

**Figura 2: Foto Publicada no Tweet Acima<sup>35</sup>**



Fonte: Twitter.

<sup>34</sup> O link se trata de vídeo em que o ator norte-americano Charlton Heston defende o armamento como forma de garantir da liberdade e a dignidade humana.

<sup>35</sup> Na segunda foto, o texto do cartaz é: “Entregue sua arma, os vagabundos agradecem”.

Outro sentido associado à “maioria do povo” é o do conservadorismo, defendido como um dos valores do povo brasileiro, e que, portanto, será explorado mais detidamente dentro de povo nação. De toda forma, cabe referenciar que tal postagem faz parte de uma mesma sequência daquela em torno do contrato democrático, o que ajuda a dar um contorno mais claro a qual povo é esse que legitima as instituições e que deve ser respeitado: a maioria conservadora que votou em Bolsonaro.

- O que adversários apontam como "autoritarismo" do governo e de seus apoiadores não passam de **posicionamentos alinhados aos valores do nosso povo, que é, em sua grande maioria, conservador. A tentativa de excluir esse pensamento do debate público é que, de fato, é autoritária** (Bolsonaro, 17/06/2020).

E se referendar uma maioria necessariamente exclui um outro, que não faz parte desse grupo, na narrativa de Bolsonaro a esquerda/socialismo ocupa com centralidade esse lugar, especialmente por sua oposição a essa maioria soberana que é conservadora.

- **Vale lembrar que, há décadas, o conservadorismo foi abolido de nossa política, e as pessoas que se identificam com esses valores viviam sob governos socialistas que entregaram o país à violência e à corrupção, feriram nossa democracia e destruíram nossa identidade nacional** (Bolsonaro, 17/06/2020).

-Não tenho relação com nenhum desses<sup>36</sup>. Inclusive, por diversas vezes, sou alvo de suas críticas. **Mas no Brasil formou-se um cenário onde não ser radicalmente crítico a um governo conservador/liberal já é motivo para ilações e perseguições. A esquerda não respeita a democracia!** (Bolsonaro, 11/07/2020).

- Enquanto **a esquerda busca meios de descriminalizar a pedofilia**, transformando-a em uma mera doença ou opção sexual, apresentei um PL que aumenta em 50% a pena para esses crimes.

- Parabéns @DHumanosBrasil @DamaresAlves pela iniciativa do PL e **defesa da família**. <https://t.co/GALBhG76z6> (Bolsonaro, 14/07/2020).

Uma segunda forma de construção da maioria se mostra na forma como Bolsonaro se coloca na relação com esse povo soberano, reforçando um sentido dele como mandatário do povo para além da conotação numérica da maioria: ele se posiciona como um mero servo do povo, e, nessa construção, explora uma narrativa épica, que o coloca como um herói do povo brasileiro. Aqui, o sentido da maioria está fortemente vinculado a um laço afetivo a esse sujeitos que se constrói como merecedor da confiança do povo brasileiro.

**Nunca abandonarei o povo brasileiro, para o qual devo lealdade absoluta!** Boa noite a todos (Bolsonaro, 19/03/2020).

Em um dos vídeos postados, por exemplo, vários recortes de falas de Bolsonaro durante algo que parece uma reunião ministerial são organizados em quadros diferentes que sustentam

<sup>36</sup> O seguinte tweet antecede este: “-Luís Lacombe, Leandro Narloch, Caio Coppolla e Rodrigo Constantino possuem algo em comum, que é opinião própria e independência. Isso já é suficiente para serem considerados nocivos dentro de grande parte da mídia, hoje completamente dominada pelo pensamento de esquerda radical”.



suas falas. Por exemplo, quando aparece o texto “Com um governo submisso ao povo”, surge a seguinte fala:

Vamo [sic] ter que reagir pessoal, é outra briga. Tem que ser um governo [inaudível]. **Se expor, mostrar que nós temos o povo do nosso lado. Que nós somos submissos ao povo.** Nós queremos realmente, como disse Margaret Thatcher ou Reagan, não sei, **tem que ser conduzido pelo povo brasileiro e ponto final. Onde o povo está, vamos estar juntos**” (Fala de Jair Bolsonaro em Vídeo<sup>37</sup>).

Todo o vídeo possui um som de fundo que lembra instrumentais épicos de guerra e suas falas são proferidas em tom bastante alterado, tanto marcando com firmeza suas posições políticas como explorando pontos de antagonismo. Como menciona: “eu tô me lixando pra reeleição (...) eu quero ter paz no Brasil, mais nada, porque se for na esquerda, eu e uma porrada de vocês aqui tem que sair do Brasil, porque vamos ser preso [sic]”.

**Figura 3: Prints de Vídeo em que Bolsonaro se Coloca como Submisso ao Povo**



Fonte: Elaboração própria.

Ainda nessa construção, também emergem os pontos de antagonismo, cristalizados em um significante esvaziado das “forças nada ocultas”, que aparece em outras postagens de Bolsonaro na figura de “aqueles que...”<sup>38</sup>, estando aqui relacionado sobretudo à mídia, que estaria a serviço dessas forças.

- Ao lado disso, forças nada ocultas, apoiadas por parte da mídia, açoitam o Presidente da República das mais variadas formas para deslegitimá-lo ou atrapalhar a governança.
- **Com fé em Deus e no povo seguirei meu destino de melhor servir ao meu país** (Bolsonaro, 08/06/2020).
- **Se estivesse pensando em mim, lavaria as mãos e jogaria para a platéia [sic], como fazem uns. Penso no povo**, que logo enfrentará um mal ainda maior do que o vírus se tudo seguir parado. **NÃO CONDENAREI O POVO à MISÉRIA P/ RECEBER**

<sup>37</sup> Disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=pCKggJAJ4C4>>.

<sup>38</sup> São orações mobilizadas em postagens de Bolsonaro: Aqueles que assaltavam o país, aqueles interessados no poder, aqueles que atrapalham a governar, alguns que tentam nos dividir.

**ELOGIO DA MÍDIA OU DE QUEM ATÉ ONTEM ASSALTAVA O PAÍS!**  
(Bolsonaro, 26/03/2020).

Em Huck e Lula, o principal sentido de maioria não carrega conotação numérica, mas sim está conectado ao último sentido explorado por Bolsonaro, de um povo mandante. No primeiro sujeito, tal sentido aparece de forma indireta, em uma citação que ele traz de uma fala de Fernando Henrique Cardoso que reforça a ideia de que o povo “manda no Brasil”.

‘Vejo agora o presidente xingar os governadores. Uma loucura. Não tem sentido’, avaliou @FHC. Ele sugeriu ‘tratar como representantes do povo’ os governadores. **‘Quem manda no Brasil é o povo brasileiro’** (Huck, 27/05/2020).

Em Lula, por sua vez, isso aparece em uma narrativa em torno da necessidade de “salvar vidas” que cria ponto de antagonismo com Bolsonaro, construído como um “antimessias” por sua condução considerada irresponsável durante a pandemia. Para Lula, proteger as vidas nesse momento significa uma oportunidade futura de reconstrução, dotando, portanto, o povo de grande protagonismo nesse processo. Ainda nessa interface, evoca a soberania do povo a quem deve ser dada a chance de “escolher um representante civilizado”, em forte relação com sua narrativa do enfraquecimento democrático que levou o Brasil ao cenário atual. E, nesse sentido, também estabelece alguma relação com o sentido de construir uma nova maioria eleitoral, já que a que elegeu Bolsonaro como presidente é considerada fraudulenta.

É simples: **se você salvar o povo, você pode, com a ajuda dessas pessoas, reconstruir a economia.** Hoje estamos assistindo passivamente as pessoas morrerem (Lula, 13/05/2020).

**Seria muito mais fácil resolver essa situação se o Bolsonaro não se sentisse dono do Brasil** e entendesse que ele é apenas um administrador. Todo mundo quer colaborar: especialistas, médicos, governadores, prefeitos. **Todo mundo quer salvar a vida do seu povo** (Lula, 01/04/2020).

**Não precisam ter medo do Lula, porque estou inegável nesse momento. Mas é preciso dar a chance do povo escolher um representante civilizado** (Lula, 11/06/2020).

Por fim, outro elemento do povo soberano é o do povo que tem direitos, algo que aparece expressivamente em Lula e que representa a maioria das suas postagens categorizadas em torno do povo soberano. Em vários momentos, Lula identifica um cenário em que o povo vem perdendo direitos, buscando não apenas tecer explicações para esse processo como também buscando definir suas soluções, algo que já foi explorado em capítulo anterior. Nessa narrativa, a afetação da soberania do povo é cristalizada fundamentalmente no cenário de perda de direitos.

**O que está ocorrendo no Brasil é o resultado de um processo de enfraquecimento do processo democrático, estimulado** pela ganância de uns poucos e **por um desprezo mesquinho pelos direitos do povo;** desprezo que tem raízes profundas, fincadas em 350 anos de escravagismo. (Lula, 02/03/2020).

Eu queria dizer nessa Páscoa que nós temos condições de construir um mundo mais justo. **É muito barato para um governo garantir que o povo tenha direito a tomar café, almoçar e jantar.** E lamentavelmente não temos mais isso no Brasil. Nós temos que repartir o pão de cada dia (Lula, 10/04/2020).

URGENTE: Corremos o risco de ficar sem VACINA, **precisamos lutar por acesso. @RodrigoMaia paute o PL 1462/20 já! Não deixe o povo sem medicamentos e vacinas para Covid-19.** #VacinaParaTodosPL1462 <https://t.co/Z3zZ8C5VBp> (Lula, 16/07/2020).

É na interface com a perda de direitos do povo que fica mais claro o processo de enfraquecimento da democracia que menciona, que é conectado com outros discursos que já foram explorados no elemento do contrato, mas que, aqui, ganham uma nova camada interpretativa com a atuação do governo Bolsonaro, especialmente no combate à pandemia da Covid-19, que estaria agravando tal processo.

Aos 74 anos já assinei tanto manifesto... Mas vamos lembrar que tem 35 pedidos de impeachment na Câmara e esse manifesto não cita nem Bolsonaro, nem o Guedes. **Nós vamos fazer um manifesto claro exigindo restituir os direitos que o povo brasileiro perdeu?** (Lula, 04/06/2020).

Em artigo escrito com outros ex-ministros, em pauta os 60 dias de omissão na pasta da saúde. **Ao invés de reforçar o #SUS, Bolsonaro o destroi falhando no que devia ser sua obrigação: proteger o povo brasileiro dessa enorme crise que vivemos.** Confira: <https://t.co/vgPxNSd8WE> (Lula, 17/07/2020).

**Passamos de dez mil casos confirmados e mais de 400 mortes entre indígenas causadas pela covid-19,** segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. **Ainda assim, Bolsonaro vetou diversos artigos** do Plano Emergencial para Enfrentamento à Covid-19 nos Territórios Indígenas (Lula, 08/07/2020).

**Bolsonaro ainda vai ser criminalizado pelo genocídio que está promovendo.** O papel do presidente da República era orientar diariamente a população de como se cuidar e dar força aos profissionais de saúde. Eu nunca vi ele fazendo isso (Lula, 25/06/2020).

E se existem inimigos nessa narrativa, no outro lado da fronteira surge com intensidade o quadro do saudosismo já explorado em capítulo anterior: na sua época, como afirma Lula, o Brasil era o país mais feliz do mundo; e, no atual contexto, o PT continuaria atuando como forma de resguardar a soberania do povo na defesa de seus direitos.

**Em 2010 o Brasil era o país mais feliz do mundo.** O povo comia pelo menos 3 refeições. O pobre tava entrando na universidade. Empregada doméstica tinha carteira assinada. Esse é o fato. (Lula, 21/05/2020).

**E o PT sabe porque quer tirar o Bolsonaro. A gente quer tirar o Bolsonaro pra defender a vida. Porque ele não gosta de mulher, não gosta de preto, não gosta de índio, não gosta do povo trabalhador. É por isso que estamos dizendo Fora Bolsonaro** (Lula, 01/06/2020).

**O Brasil só não está em colapso financeiro porque os governos do PT acumularam US \$ 370 bilhões em reservas internacionais.** Bolsonaro e Guedes estão queimando rápido essa herança pra alimentar especuladores. O dólar dispara porque ninguém confia nesse governo. <https://t.co/dl0vxyQQ1> (Lula, 07/03/2020).

(...) **O PT precisa fazer muita campanha de solidariedade e ajudar o povo da periferia** (Lula, 15/04/2020).

Estudo da UFMG mostra que redução/extinção do auxílio emergencial terá efeitos dramáticos, ã só do pto de vista social, mas sobre consumo, agravando queda do PIB. **O PT quer estender por + 12 meses, e não apenas por 2, como Bolsonaro quer. É hora de pensar no povo e na economia!** (Lula, 22/06/2020).

Também cabe explorar como, nessa narrativa, Lula faz reviver seu lugar enquanto liderança, não apenas por constantemente orientar o que deveria ser feito pela figura do presidente do país, como também buscando estabelecer uma relação de aproximação e de criação de vínculo afetivo ao se colocar no lugar do povo.

**Eu morei numa casa de 35 metros quadrados em cinco pessoas e com a minha sogra ainda. A população vai ficando irritada. O povo precisa do mínimo de recurso** e de ter a tranquilidade de que, se ficar doente, vai ter médico para atender (Lula, 01/04/2020).

**Eu posso falar porque com 7 anos de idade andava quilômetros até um açude pra poder tomar água com caramujo dentro.** Nenhum empresário vai escolher ter prejuízo. No Brasil 63% dos leitos são do SUS. Como é que você pode aceitar a privatização de uma coisa ligada à saúde do povo? (Lula, 25/06/2020).

**Água é vida. É saúde. Água tratada é responsabilidade do Estado brasileiro.** Qual é o empresário que vai fazer isso sem rentabilidade? Eles vão levar água encanada pra favela sem ter lucro? **Eu sou contra privatizar porque a saúde do povo depende disso** (Lula, 25/06/2020).

Ainda nessa construção, Lula também se constrói como alvo desse processo amplo de perda de direitos, materializado em sua prisão inconstitucional, inserindo-se na narrativa como um cidadão.

**Se hoje estou num estado provisório de liberdade e ainda sem direitos políticos, é porque em novembro o STF reconheceu, para todos os cidadãos, o direito constitucional à presunção de inocência que havia sido negado ao cidadão Lula, às vésperas de minha prisão** (Lula, 02/03/2020).

Nesse último elemento central a esse sujeito político, é interessante notar como mantém-se a narrativa mais ampla de um contexto de enfraquecimento das instituições democráticas. Esse processo não só (i) afeta a legitimidade do contrato social/democrático e (ii) o processo eleitoral, já que a prisão de Lula é construída como um evento de injustiça, como (iii) culmina no enfraquecimento dos direitos desse povo, e dos seus próprios direitos como cidadão, cuja soberania é atacada aqui de todas as formas em que é construída. Nesse sentido, ainda que o elemento dos direitos sustente mais fortemente a soberania desse povo, ele poderia ser interpretado como, atualmente, *em suspensão* para Lula, na medida em que fortemente atacado.

Por fim, em Huck aparece isoladamente um reforço à construção de Lula de cenário de perda direitos centralizado no *direito à saúde*, em uma reação às 100 mil mortes pela Covid-19. No contexto de um tweet anterior em que fala que “Democracia requer responsabilidade. Cidadania exige respostas”, constrói uma narrativa de não atendimento ao contrato democrático que, através da Constituição, institui o direito à saúde.

Mais de 100 mil vidas perdidas pra Covid19. O @jornalnacional lembrou que a **Constituição no seu artigo 196 garante a todo cidadão brasileiro direito à saúde e todos os governantes têm a obrigação de proporcionar aos cidadãos este direito.** <https://t.co/SQIINgUTP9> (Huck, 09/08/2020).

Em Bolsonaro, por sua vez, o elemento dos direitos está associado sobretudo à liberdade de expressão e à defesa, em conexão os aspectos que caracterizam seu povo majoritário de soberania, inclusive com uma expressão mais clara de aproximação de tal sentido com o do “cidadão de bem”.

**- Ver cidadãos de bem terem seus lares invadidos, por exercerem seu direito à liberdade de expressão, é um sinal que algo de muito grave está acontecendo com nossa democracia** (Bolsonaro, 28/05/2020).

- Estamos trabalhando para que se faça valer o **direito à livre expressão** em nosso país. **Nenhuma violação desse princípio deve ser aceita passivamente!** (Bolsonaro, 28/05/2020).

- Em janeiro 2019, após vencermos nas urnas e colocarmos um fim ao ciclo PT-PSDB, **iniciamos uma escalada do Brasil rumo à liberdade, trabalhando por reformas necessárias, adotando uma economia de mercado, ampliando o direito de defesa dos cidadãos** (Bolsonaro, 17/06/2020).

Por fim, cabe ressaltar que, assim como em Huck, também aqui o termo “cidadão” é a forma preferencial de construir um sujeito popular soberano na perspectiva dos direitos, diferentemente de Lula em que há uma clara referência a “povo”.

Esta seção construiu três elementos (contrato, maioria e direitos) que foram tomados como a forma preferencial de fixação de sentidos em torno do povo soberano entre os sujeitos políticos analisados. Do processo conduzido, ficou evidente a multiplicação de elementos diferenciais não articulados em uma cadeia de equivalências, sendo possível, portanto, ressaltar o destaque da lógica da diferença nas distintas tentativas de fixação do caráter soberano do povo. De toda forma, foi possível observar que Huck e Lula, ainda que com narrativas e diagnósticos do contexto brasileiro diferentes, se aproximam em uma concepção mais universal da ideia de um povo soberano.

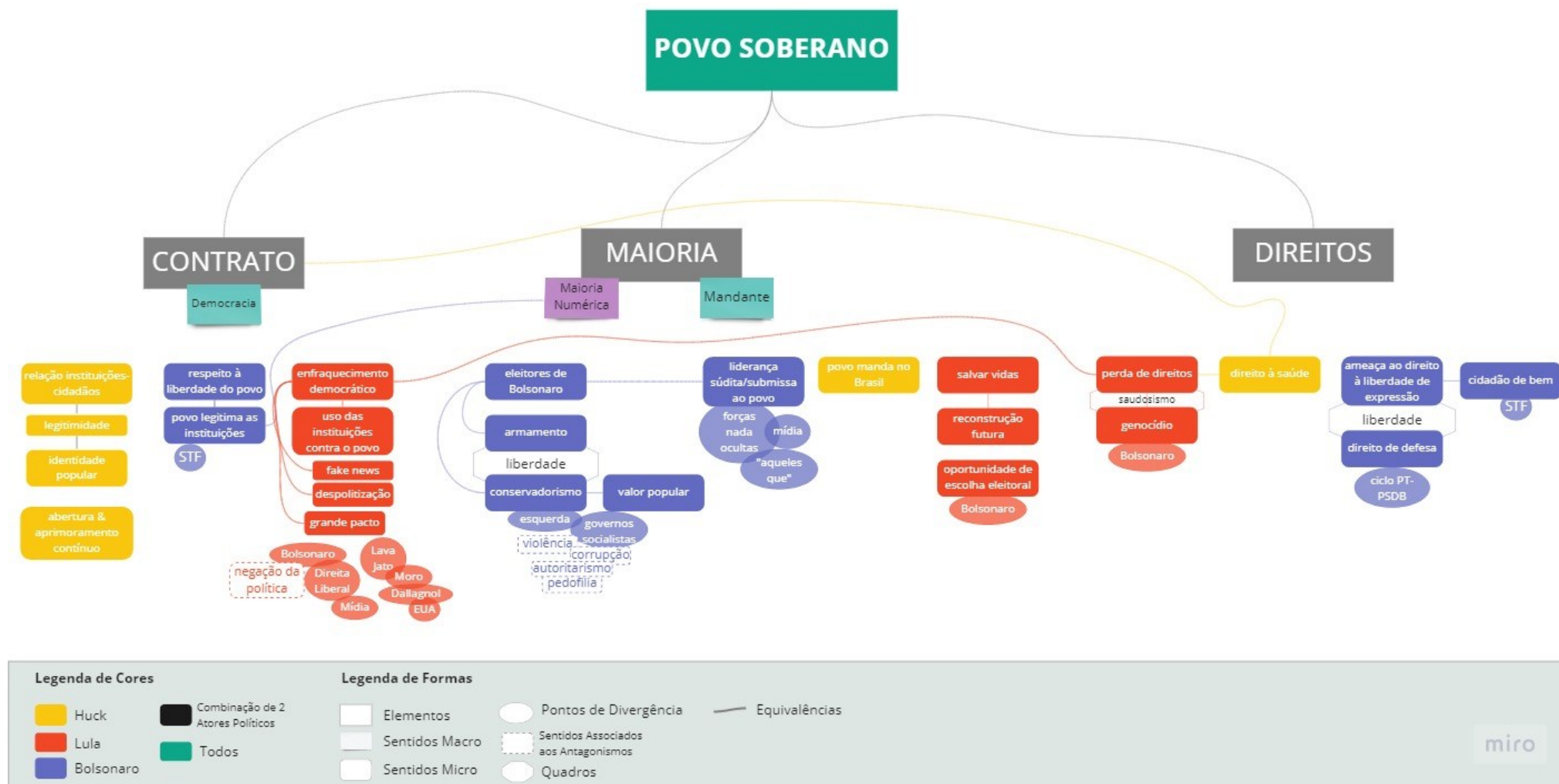
Já Bolsonaro, construiu uma concepção mais restritiva de um povo soberano, especialmente por sua aproximação à ideia da maioria que o elegeu, buscando traçar seus contornos, como a defesa do armamento e o conservadorismo, o que pode ser cristalizado em um significante do “cidadão de bem”.

Com relação aos pontos de antagonismo, Huck não os cria explicitamente, ainda que marque a sua posição de defesa democrática pautada por certos valores. Já em Bolsonaro e Lula há diversos pontos de antagonismo. Ademais, ambos criam um mesmo antagonista – a mídia – mas com construções completamente diferentes: se, em Bolsonaro, a mídia está a serviço de

*forças nada ocultas* que buscam deslegitimá-lo, em Lula, um grande *pacto* entre Moro e a mídia favoreceu a ascensão de Bolsonaro.

Por fim, cabe ressaltar a importância do afeto na significação que Lula busca fazer na defesa dos direitos do povo, construindo-se também como um cidadão que teve seus direitos atacados, e que Bolsonaro constrói na defesa da maioria do povo, colocando-se como um mero servo e súdito.

Figura 4: Quadro Síntese das Articulações Discursivas de Povo Soberano



Fonte: Elaboração própria

### 3.2. POVO NAÇÃO

Nas construções discursivas do povo também foi possível observar sua expressão em uma ideia de pertencimento territorial, ou, nação. Em diversos momentos, os sujeitos políticos falaram sobre o Brasil e os brasileiros, sobre o que os une, sobre os seus valores, sobre a sua identidade. Nessas construções, três elementos figuraram como as formas evidentes de fixação do povo nação: cidadania, unidade e patriotismo.

Esta seção busca apresentar, primeiramente, como o Brasil-nação é imaginado e construído, para então evidenciar como o povo brasileiro é dotado de sentido fundamentalmente através da reivindicação de um “comum” que se expressa nos três elementos mencionados.

O Brasil é construído como um país essencialmente desigual entre Huck e Lula. Para Huck esse é não só o maior problema do país, como aquele ao qual ele mais dedica seus esforços de reflexão. Como afirma, “como enfrentar as inaceitáveis desigualdades do BR é o q me motiva, como cidadão, estar no debate público”. E, para combater esse problema, aposta com tudo na ideia de taxaço de grandes fortunas e na criação de uma renda básica universal como o caminho para um Brasil mais justo.

**Uma conversa sobre o maior problema deste país: as nossas inúmeras desigualdades (...)** (Huck, 31/05/2020).

**A desigualdade é o problema histórico e estrutural do país a ser enfrentado já —** porque abrevia vidas, extermina oportunidades e trava a justiça social.  
(...)

**Por entender a desigualdade social como a maior barreira pra transformação do Brasil, defendemos o debate sobre uma renda básica universal** capaz de garantir dignidade a todas as famílias brasileiras (Huck, sequência de tweets, 04/06/2020).

No bate-papo, ficou claro q **a desigualdade é o nosso maior problema**. Todos temos q buscar juntos uma saída estruturada p/essa injustiça histórica. **O 1% mais rico pode, deve e quer fazer muito + por esta causa** (Huck, 14/06/2020).

Em Lula, o ataque à desigualdade se inscreve em uma elaboração mais ampla, de um sintoma que afeta o próprio conceito de humanidade. Assim como Huck, evoca a necessidade de uma renda básica e diagnostica como a pandemia iluminou nossas desigualdades. A saída passaria por radicalizar em nome do humanismo, não tolerando tais desigualdades, como a existência da fome, e advogando pela defesa de um Estado forte no cuidado do povo.

Aqui na Europa, quero me encontrar e agradecer a todos que nos apoiaram nesses momentos tão duros. **Mas quero especialmente dialogar com os que trabalham para enfrentar a desigualdade, essa doença criada pelo homem e que está corroendo o próprio conceito de humanidade.**  
(...)

Quero propor aos dirigentes políticos, aos governantes e à sociedade civil dos mais diversos países que promovam, não apenas o debate, mas ações concretas em conjunto, para reverter a desigualdade” (Lula, sequência de tweets, 02/03/2020).



**Em nome do humanismo nós temos que radicalizar.** E radicalizar não significa virar sectário. É ir na raiz dos problemas. Temos que convocar as personalidades mundiais a se comprometerem contra a desigualdade. **Não podemos mais admitir a fome** (Lula, 01/07/2020).

A humanidade está discutindo a renda básica. **A pandemia só fez aprofundar a desigualdade e o avanço da tecnologia tem deixado uma parte dos trabalhadores do mundo à margem. O mundo inteiro agora começa a entender a importância do Estado no cuidado do povo** (Lula, 24/07/2020).

O racismo também é tocado entre Huck e Lula como um problema fundamental do Brasil, e aproveitam a data da abolição da escravidão no Brasil (13 de maio de 1888) para promover uma reflexão de que se tratou de ato puramente formal, que não resolveu as questões raciais e que contribuiu para a perpetuação do racismo até o momento presente. Ainda, em Lula, o racismo estrutural conecta-se ao tipo de pensamento da elite brasileira, construindo um ponto de antagonismo nessa interface.

No dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a chamada Lei Áurea. Uma abolição apenas cartorial da escravidão. Pois **não significou liberdade pra negras e negros, que permaneceram sem acesso à cidadania plena** com o ato imperial. <https://t.co/Wn6LVgPs5F>.

**A verdade é que o Estado brasileiro não tomou então medidas pra integração dos ex-escravos, expondo brasileiras e brasileiros à fome, miséria e exclusão social.** Não é uma data, portanto, de celebração.

Por amor ao Brasil, espero que algum dia a gente amanheça num 13 de maio e olhe em volta enxergando uma sociedade mais justa e igualitária social e racialmente. Por enquanto, nada há pra agradecer nesta data.

**É um dia de protesto por terem sido negras e negros largados à própria sorte depois de três séculos de escravidão.** É também uma lembrança da nossa cruel herança escravocrata, que não pode jamais ser esquecida ou acobertada pelo mito da democracia racial (Huck, sequência de tweets, 13/05/2020).

**O Brasil é historicamente racista, mas hj ocorre algo ainda mais grave. É a primeira vez na História em que o país sofre a ameaça de incorporar de maneira ativa o discurso da supremacia branca.** Diz o professor da Universidade de Duke nos EUA Silvio de Almeida. @JornalOGlobo (Huck, 06/06/2020).

Uma sociedade que mata, encarcera, subemprega e discrimina negros e negras **segue presa em seu passado escravocrata.** 132 após a abolição da escravatura, a luta continua! 🗨️ <https://t.co/TXQyLYXz7P>

(...)

Hoje completamos 132 anos da abolição. Se mostrou pouco tempo pra sociedade compreender uma relação escravagista de 300 anos. **O racismo é estrutural e está enraizado na cabeça da elite brasileira. Um povo que não conhece seu passado, tem pouca chance de aprender no futuro** (Lula, sequência de tweets, 13/05/2020).

E, em seus desdobramentos discursivos, ganham força novamente os quadros de cada um nas tentativas de enquadramento dessa situação. Para Huck, se a pandemia evidenciou as desigualdades desse país, de forma que não seria correto falar que “estamos juntos”, existiria um Brasil que avança mesmo durante a pandemia, com sinais de recuperação de um senso de solidariedade.

**Estávamos experimentando, mesmo antes da pandemia, a perda da solidariedade. E, agora que a pandemia chegou, vemos que somos todos mutuamente dependentes. Nós somos contagiosos um para o outro.**

O slogan "Estamos todos juntos nisso" soa vazio porque ele se insere no contexto de profundas desigualdades. **Não é verdade que todos estamos nos sacrificando na mesma medida.**

Alguns de nós podem trabalhar em casa. Outros estão em contato físico uns com os outros, precisam disso para sobreviver economicamente e são expostos de forma mais direta e imediata ao risco.

**Precisamos repensar nossas sociedades e nossas economias para reconstruir um senso de genuína solidariedade**, para que as vozes autoritárias não sejam as únicas que expressam o sentimento de raiva, ressentimento e frustração (Huck, sequência de tweets, 26/04/2020).

**Sim, há um Brasil q avança msm na pandemia. Liderado por um debate sério sobre nossos problemas.** E há tb uma sociedade civil organizada atenta a isso. O auxílio emergencial surgiu deste diálogo com o Congresso. João Gabriel de Lima ilumina bem hj no @Estadao. <https://t.co/ikfpfy0jll> (Huck, 04/07/2020).

Para Lula, se o Brasil é um país desigual e racista, isso vai contra o que o seu governo buscou fazer durante seu mandato e o de Dilma, mobilizando o macro quadro do saudosismo humanista.

**Bastaram 13 anos de governos que olharam o povo em primeiro lugar, para começarmos a reverter a doença secular da desigualdade em nosso país.** Foram passos ainda pequenos para a dimensão do desafio, mas estávamos no caminho certo, porque 36 milhões saíram da pobreza extrema (Lula, 02/03/2020).

**Do tempo em que o Brasil fazia Conferência Nacional e debatia igualdade racial e legislação para a superação do racismo:** Há 15 anos, governo @LulaOficial realizava a 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Conapir) <https://t.co/rASgnzmfsl> #VidasNegrasImportam <https://t.co/xY7Z9l41fD> (Lula, 30/06/2020).

Além disso, é forte o atravessamento da narrativa de Lula sobre o caráter político da operação Lava Jato e da interferência dos EUA como algo que interferiu a soberania da nação. E, no contexto dessa construção, afirma-se o papel das instituições policiais e de justiça em fortalecer a democracia, servindo ao povo brasileiro, marcando aqui um atravessamento com o elemento do contrato trabalhado no tipo do povo soberano.

**A Lava Jato destruiu o sistema produtivo do Brasil.** A quem interessa isso?

**A tentativa dos EUA de bloquear a soberania brasileira não é teoria. É constatação.** Hoje fartamente documentada (Lula, 11/08/2020)

A Polícia Federal, as Forças Armadas e o Ministério Público Federal tem que ser instituições fortes para servir ao povo brasileiro e não a um presidente. Eles tem que saber que estão lá pra consolidar o funcionamento do processo democrático (Lula, 27/05/2020).

Mas os pontos de equivalência entre Lula e Huck diminuem na medida em que o último também constrói o Brasil como o país do agronegócio, se distanciando de Lula e se aproximando de Bolsonaro, ainda que com diferenças. Para o primeiro, há centralidade na ideia de tornar o Brasil uma potência verde mundial, com um discurso que é sempre articulado em

torno do mesmo sentido: sua conexão com o agronegócio. Este é enquadrado como a maior força da economia do Brasil e como aquele que tem cuidado do dia a dia dos brasileiros atuando com eficiência e produtividade durante a pandemia.

**O lugar do Brasil no mundo deve ser o de maior potência verde do planeta.** Uma respeitada nação agroindustrial sustentável. Uma pátria forte na produção de alimentos e referência global na proteção ambiental (...) Somos um país que nasceu com o pensamento de que a riqueza viria da destruição da natureza. **Nossa maturidade se dará pela mentalidade oposta: a da potência verde, baseada na riqueza inclusiva e sustentável e na restauração ambiental** (Trecho de Matéria Publicada na Folha por Huck em seu Twitter<sup>39</sup>, 20/07/2020).

Em Bolsonaro, não existe um enquadramento que conecte a perspectiva ambiental ao agronegócio, sendo o último o seu foco, como afirma em publicações que “o Agro é Brasil”, mas também constrói, de forma separada ao agronegócio, que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente.

- **Somos o País que mais preserva o meio ambiente do mundo.**

- Injustamente o mais atacado <https://t.co/yVDunNEqfY> (Bolsonaro, 05/06/2020).

- **O AGRO é Brasil, é a locomotiva da nossa Economia.**

- Parabéns Pernambuco (Bolsonaro, 20/07/2020).

1- Do Brasil para o mundo! Agro brasileiro cresce e bate recordes gerando empregos e desenvolvimento (Bolsonaro, 25/07/2020).

(...) **O BR está vocacionado a ser a maior potência agroambiental do mundo** (Bolsonaro, 28/06/2020).

Ainda em Bolsonaro, é recorrente também a construção do Brasil como o país que mais investe no combate à pandemia. E, no contexto da maioria das suas postagens, que são feitas prestações de contas de ações executadas pelo governo, frases de efeito ajudam a construir essa nação durante a pandemia, como “O Brasil tem pressa”, “O Brasil não pode parar”, “Mais Brasil, Menos Brasília”.

D- **Em meio à crise mundial, o Brasil dá sinais de retomada**, trabalhando para atrair investimentos mundiais e empregos. Assim como em 2019, quando retomamos a confiança e investimentos recordes. **Somos um dos países que + investiu na pandemia e um dos que + salvam vidas** (Bolsonaro, 06/07/2020).

D- **O Brasil é um dos países que mais investe contra o coronavírus no mundo.** Em média, duas vezes mais que os países emergentes e superior a maioria das nações desenvolvidas do mundo (5,8% do PIB). @MinEconomia @secomvc @govbr (Bolsonaro, 11/06/2020).

O @govbr atua em todas as frentes possíveis de ajuda aos Estados e Municípios com o trabalho de todos os Ministérios, mesmo que muitos governantes trabalhem abertamente

<sup>39</sup> O tweet na íntegra, com link para a matéria: “O Brasil nasceu com o pensamento de que a riqueza viria da destruição da natureza. Nossa maturidade se dará pela mentalidade oposta: a da potência verde, baseada na riqueza inclusiva e sustentável e na restauração do meio ambiente. Te convido a ler meu artigo de hoje na @folha. <https://t.co/kQvAP6I6Ph>”.

contra nós! **Queremos um futuro rapidamente melhor para os cidadãos de nosso país! Menos Brasília, Mais Brasil!** (Bolsonaro, 01/03/2020).

O Governo investe na diminuição do Estado para diminuir a dívida pública, gerar empregos e desenvolvimento. As Desestatizações seguem e temos muito a avançar. Em janeiro foram R\$ 29,5 bilhões e o objetivo é vender mais de 300 ativos ainda em 2020.

**O Brasil tem pressa!** (Bolsonaro, 13/03/2020).

- COMO MOSTRADAS DIARIAMENTE NAS REDES SOCIAIS, AS AÇÕES DO GOVERNO FEDERAL SEMPRE FORAM NA LINHA DE PRESERVAR VIDAS E GARANTIR A MÍNIMA DIGNIDADE AOS BRASILEIROS NESTE PERÍODO EXCEPCIONAL!

**- O BRASIL NÃO PODE PARAR!**

. Detalhes no vídeo: <https://t.co/xAsqNMITBv> (Bolsonaro, 22/06/2020).

Enquanto para Bolsonaro o Brasil caminha com excelência na gestão da crise contra o coronavírus, para Huck e Lula não faltam críticas, sendo possível notar mais uma equivalência entre ambos na comum diferenciação à condução da crise sob a figura de Bolsonaro.

**Assustador. Duas das principais autoridades do país seguem frias na semana que vms chegar a 20 mil mortos. Sensibilidade zero.** Nenhuma palavra de carinho c/ as famílias vítimas da pandemia. Um preocupado c/ o tamanho do Estado. O outro c/ a tubaína. **O Brasil está descoordenado** (Huck, 20/05/2020).

**Nas ruas a Covid já tinha causado quase 3 mil mortes e a doença crescia rápido no BR. Enquanto nos palácios rolava um show de descaso c/ a saúde.** Pontuado por falas desconectadas, grosseiras, com interesses pessoais, completamente alheias às reais necessidades do país. **Chocante** (Huck, 23/05/2020).

Quando vejo quantas vidas foram salvas na Argentina, **me dói muito ver meu próprio país desgovernado**, com ministros incapazes de agir para proteger nosso povo e um presidente da República que chega a fazer piada com a tragédia (Lula, 26/06/2020).

**3 - Uma doença que no Brasil foi desprezada por quem deveria cuidar do povo.** Pela arrogância e prepotência de um presidente que escolheu chamar um vírus cruel de gripezinha, desafiando a ciência e até a morte, e que carregará na alma a responsabilidade por milhares de vidas (Lula, 08/08/2020).

**São 91 mil mortes pelo coronavírus. É um verdadeiro genocídio.** Isso não pode ser naturalizado. A morte não pode doer só quando chega na casa da gente. Enquanto isso o presidente da República cumprimentando as pessoas sem máscara (Lula, 31/07/2020).

Em publicações de relações internacionais, em que divulga ações com lideranças de algumas nações, como Estados Unidos, Paraguai e Índia, Bolsonaro afirma que o Brasil compartilha com elas alguns valores que refletem a própria construção do país, como liberdade e democracia, reforçando também aqui o macro quadro da liberdade.

- Gostaria de parabenizar o Presidente @realDonaldTrump e o povo dos EUA pelo 244º aniversário de sua Independência. **Como líderes das duas maiores democracias ocidentais, trabalhamos para avançar os ideais de liberdade, democracia e dignidade humana que esta data representa** (Bolsonaro, 04/07/2020).

- Amanhã terei novo encontro com meu amigo @realDonaldTrump.

- Discutiremos ações para aprofundar a cooperação entre Brasil e EUA nas áreas comercial, econômica e de defesa. **Trataremos também de novos passos p/ fortalecer nossa aliança na busca por um mundo mais seguro e livre** (Bolsonaro, 06/03/2020).

2- Acordo foi possível graças a aliança e a boa relação que temos construído com os Estados Unidos, **pautada na defesa da segurança dos povos, da liberdade, e da democracia** (Bolsonaro, 09/03/2020).

Portanto, existem pontos de equivalência entre Huck e Lula na construção do Brasil nação, especialmente no que concerne à abordagem, aos sentidos dados e às soluções a tópicos como desigualdade, racismo e à crença em um mundo humanizado e fraterno. Huck se afasta de Lula, aproximando-se de Bolsonaro, na construção da vocação brasileira ao agronegócio, ainda que o primeiro possua uma abordagem claramente conectada à perspectiva de preservação ambiental. Bolsonaro, por sua vez, nutre pontos de diferença com os demais sujeitos, especialmente pela forma como constrói o Brasil na crise gerada pela pandemia, como um país que caminha na direção correta. Para os demais, são recorrentes as críticas ao governo nessa condução.

É nesse contexto que ficam mais claras as narrativas dos sujeitos na tentativa de construir a identidade de um povo nação no Brasil, reivindicando um “comum” que se expressa fundamentalmente sob os elementos da cidadania, da unidade e do patriotismo. Cabe ressaltar, de antemão, que enquanto Lula e Bolsonaro mobilizam explicitamente o termo “povo” nessa construção, Huck opera a construção do sujeito popular preferencialmente através do termo “cidadão”.

Na mesma linha de muitas de suas publicações, Huck dá continuidade à perspectiva do diálogo e da pluralidade para construir a identidade desse sujeito popular brasileiro, que seria sobretudo um *cidadão*, parte da maioria democrática do país, compartilhando valores diversos alinhados à democracia. Esse elemento figura com centralidade em Huck na construção de um sujeito popular com vínculos territoriais, não tendo peso nas articulações discursivas de Lula e Bolsonaro. A sequência de tweets abaixo faz parte de sua divulgação do Manifesto Juntos<sup>40</sup>, em reação à crise da pandemia da Covid-19 no Brasil, sendo sua publicação na íntegra por Huck:

Hora de agir. Estamos mobilizados pela democracia do Brasil e lançamos hoje o manifesto #juntos, que compartilho aqui. Participe também: <https://t.co/iPyKvNTSCx>. **Somos muitos. Somos cidadãs, cidadãos, empresas, organizações e instituições brasileiras e fazemos parte da maioria que defende a vida, a liberdade e a**

<sup>40</sup> Tal Manifesto faz parte do Movimento Estamos Juntos, que se declara como suprapartidário e que conta com uma diversidade de políticos signatários, como Fernando Haddad, Fernando Henrique Cardoso, Flavio Dino, Guilherme Boulos, Luciano Huck, Manuela D’Ávila e Marcelo Freixo. Para mais informações, acessar o site: <<https://movimentoestamosjuntos.org/>>.

**democracia.** Como aconteceu no movimento Diretas Já, **é hora de deixar de lado velhas disputas em busca do bem comum.**

**Esquerda, centro e direita unidos para defender a lei, a ordem, a política, a ética, as famílias, o voto, a ciência, a verdade, o respeito e a valorização da diversidade, a liberdade de imprensa, a arte, a preservação do meio ambiente e a responsabilidade na economia.**

**Somos a maioria** e exigimos que nossos representantes e lideranças políticas exerçam com afinco e dignidade seu papel diante da devastadora crise sanitária, política e econômica que atravessa o país. **Somos a maioria que apoia a independência dos poderes da República.**

**Somos mais de dois terços da população do Brasil** e invocamos que partidos, seus líderes e candidatos agora deixem de lado projetos individuais de poder em favor de um projeto comum de país. **Com ideias e opiniões diferentes comungamos dos mesmos princípios éticos e democráticos.**

Defendemos uma administração pública **reverente à Constituição**, audaz no **combate à corrupção e à desigualdade**, verdadeiramente comprometida com a educação, a segurança e a saúde da população. **Defendemos um país mais desenvolvido, mais feliz e mais justo.**

E clamamos que lideranças partidárias, prefeitos, governadores, vereadores, deputados, senadores, procuradores e juízes assumam a **responsabilidade de unir a pátria e resgatar nossa identidade como nação.**

**Vamos juntos sonhar e fazer um Brasil que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro.**

**Queremos combater o ódio e a apatia c/ afeto, informação, união e esperança.**

**Estamos juntos, e formamos uma frente ampla e diversa, suprapartidária,** que valoriza a política e trabalha p/ q a sociedade responda de maneira consciente e eficaz aos crimes e desmandos de qq governo (Huck, sequência de tweets, 30/05/2020).

É interessante notar aqui a proximidade da construção de Huck do elemento do contrato, no povo soberano, em torno da relação entre instituições e povo que sustenta a legitimidade da democracia com o seu chamado ao resgate da identidade da nação, que é resultado justamente da legitimidade de tal contrato. Ainda, nessa construção opera um esvaziamento do significante do cidadão para fazê-lo contemplar uma pluralidade de sujeitos e, não por acaso, tal manifesto reúne a assinatura de personalidades de distintos espectros ideológicos. Nele, são defendidos valores considerados “universais”, como democracia, liberdade, ética, justiça e combate à corrupção, que são construídos como alinhados àquilo que a maioria dos brasileiros também acredita.

A unidade por sua vez, é um elemento que figura entre todos os sujeitos políticos. Em Huck, essa unidade é expressa sobretudo pela união em ações de solidariedade, com a sociedade civil ocupando um lugar central. Esse apelo pela unidade via solidariedade é um ponto de semelhança com Lula, que considera que a pandemia resgatou a empatia do brasileiro, ainda que crie aqui um ponto de antagonismo com posturas egoístas e de desprezo pela vida, em uma referência direta ao comportamento de Bolsonaro.

Gratidão é uma palavra insuficiente para agradecer tanta coragem. **É com exemplos de cidadania assim que o Brasil confirma: a solidariedade [sic] é mais contagiosa do que o vírus** (Huck, 07/04/2020).

**4 - Se o coronavírus revelou e resgatou a empatia do brasileiro, também mostrou um lado cruel do egoísmo, do desprezo pela vida de nossos mais velhos e vulneráveis.** Que sofrem com o medo e o isolamento, **abandonados à própria sorte pela desorientação do presidente da República** (Lula, 08/08/2020).

É no contexto de uma narrativa mais ampla de descuido na condução da pandemia, que Lula clama por uma unidade no cuidado, no salvar vidas, como o momento fundamental de construção de um Brasil, e do brasileiro, que possa superar a pandemia.

**1 - 100 mil vidas. Em 144 dias, o coronavírus levou embora precocemente 100 mil pais, mães, filhos, irmãos, avós (...)**

Homens e mulheres que dedicaram a própria vida a salvar a de seus companheiros. **Eram parte do povo brasileiro.**

**3 - Uma doença que no Brasil foi desprezada por quem deveria cuidar do povo.** (...)

(...)

**6 - Peço ao povo brasileiro, do fundo coração, que se cuidem. Lembrem-se que a vida é o dom mais precioso do ser humano.** Usem máscara, lavem as mãos, evitem aglomerações desnecessárias, ajudem aqueles que mais precisam. Cuidem dos seus (Lula, sequência de tweets, 08/08/2020).

**O povo brasileiro, mesmo quem apoiou Bolsonaro, não merece essa irresponsabilidade com a contagem das vítimas do coronavírus.** O desprezo do Bolsonaro pela vida não pode ser confundido com a responsabilidade do estado de prestar informações reais para combater esse vírus terrível (Lula, 08/06/2020).

Criando, novamente, ponto de antagonismo com Bolsonaro, Lula questiona fortemente a ideia, tão defendida por Huck, de uma frente ampla democrática, especialmente por sua incapacidade de criar fronteiras com Bolsonaro: o atravessamento do acontecimento da pandemia pede pela construção de uma nova narrativa com relação à democracia que permita a construção clara de fronteiras não só com Bolsonaro, mas com qualquer um que defenda seu governo.

**1 - Sobre essa questão de formar uma frente pela democracia... Queria deixar uma coisa clara: pra construir a democracia a gente tem que tirar o Bolsonaro. E eu quero saber se essas pessoas vão ter coragem de fazer isso.**

**2 - Meu conceito de democracia é um pouco mais preciso.** Essas pessoas que estão defendendo a democracia agora estão dispostas a tirar o Bolsonaro? Estão dispostas a pedir desculpas pelo que fizeram com a @dilmabr? Estão dispostas a admitir filho de empregada na universidade? (Lula, 18/06/2020).

“Eu me coloco em qualquer luta que seja pra reconquistar a democracia nesse país. Eu só não vou aderir à hipocrisia. **Gente que fala em frente, em democracia de forma abstrata, mas não quer a saída do Bolsonaro porque está adorando a política do Paulo Guedes.**

(...)

Minha vida foi negociar. Sou um cara que sempre conversou, ouviu, dialogou. Mas não vou fazer papel de palhaço. **Quem quiser falar em democracia, tem que defender o impeachment do Bolsonaro** (Lula, 25/06/2020).

Além disso, quando Lula busca dar contornos mais bem definidos aos valores do “povo brasileiro”, ele o faz através de um investimento afetivo. No Dia do Amigo, por exemplo,

constrói o povo brasileiro como seu amigo, o desejando um feliz dia; em outra oportunidade, do Dia do Folclore, fala-se em resgate das origens do “nosso povo” e de celebração da “nossa cultura”, divulgando fotos suas. Em outras postagens, homenageia personalidades públicas que morreram e que expressavam o “nosso povo”, como Aldir Blanc e Moraes Moreira.

Aldir Blanc foi um compositor brilhante, autor de canções que emocionam gerações de brasileiros. **O Brasil, sua cultura e democracia devem muito ao seu talento e generosidade.** Torcíamos pela sua recuperação. Meus sentimentos e solidariedade aos familiares, amigos e fãs de Aldir Blanc <https://t.co/wUKDwbRPjq> (Lula, 04/05/2020).

**Uma pessoa muito querida que tanto bem fez para nossa cultura, tanta alegria deu aos brasileiros e tantas contribuições para a imagem do nosso país no exterior.** Nesse momento de tristeza e luto, junto-me aos familiares, amigos e fãs de Moraes Moreira (Lula, 13/04/2020).

**Figura 5: Foto que ilustra o retweet de Lula “Feliz #DiaDoAmigo, povo brasileiro! ❤️”<sup>41</sup>**



Fonte: Twitter

**Figura 6: Foto que ilustra o Retweet “🇺🇲 22 de agosto é #DiaDoFolclore! Uma data para resgatarmos as origens de nosso povo e celebrarmos a riqueza de nossa cultura”<sup>42</sup>.**



Fonte: Twitter

Por fim, cabe destacar o atravessamento do macro quadro do saudosismo humanista em toda a narrativa, especialmente com relação à nova narrativa criada do cuidado. Se Bolsonaro não cuida do povo e da pandemia, “na hora do vamo ver, quem defende você é o PT”, como afirmado em vídeo institucional do partido publicado em seu perfil.

Se, para Huck e Lula, Bolsonaro não tem cuidado da pandemia<sup>43</sup>, este constrói uma contranarrativa, buscando apontar como sua gestão tem feito de tudo para proteger o povo brasileiro, defendendo desde os incentivos à cloroquina e os repasses do auxílio emergencial até o fechamento da fronteira com a Venezuela. Nessa narrativa, aparece o principal ponto de

<sup>41</sup> Crédito da foto: Ricardo Stuckert, retweet disponível no link: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1285340903687757825>.

<sup>42</sup> Crédito da foto: Ricardo Stuckert, retweet disponível no link: <https://twitter.com/LulaOficial/status/1297192124107100161>.

<sup>43</sup> Cabe destacar que Huck também constrói a narrativa de que Bolsonaro não cuida da pandemia, só que sem implicações para a construção do tipo do povo nação.



antagonismo: a imprensa brasileira, que buscaria gerar pânico, mentira e prestaria um desserviço ao povo brasileiro.

**São inúmeras as ações do Governo Federal para continuar cuidando dos brasileiros.** Mais de 5,5 milhões de empregos preservados, auxílio emergencial chegando a quem mais precisa e doações de equipamentos e insumos aos mais vulneráveis. Confira as ações da semana. <https://t.co/p6GMuvM7nE> (Bolsonaro, 10/05/2020).

**BR ❤️ BR Todas as vidas importam: as que vão e as que ficam.**

Lamentamos as mortes por Covid, assim como por outras doenças. **Nossas orações e nossos esforços têm a força de um Governo que dá tudo para salvar vidas.**

**Toda a assistência possível à saúde [sic] dos brasileiros foi dada.** <https://t.co/000t49Ts1q> (Bolsonaro, 08/08/2020).

- Ainda não existe comprovação científica, mas sendo monitorada e usada no Brasil e no mundo. **Contudo, estamos em Guerra: “Pior do que ser derrotado é a vergonha de não ter lutado.**

- **Deus abençoe o nosso Brasil.** <https://t.co/E0cu23id8g> (Bolsonaro, 20/05/2020).

- "Moderação na defesa da verdade é serviço prestado à mentira." **Seguimos lutando pelo Brasil e pelo povo brasileiro.** Boa noite a todos! 🇧🇷 (Bolsonaro, 22/05/2020).

- No mais, essa mesma rede de TV desdenhou, debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina que, mesmo não tendo ainda comprovação científica, **salvou a minha vida e, como relatos, a de milhares de brasileiros** (09/08/2020, Bolsonaro).

- Considerando a incapacidade do regime ditatorial venezuelano de responder à epidemia do Covid-19, **o governo brasileiro adotará medidas restritivas na fronteira com a Venezuela, de modo a garantir a segurança e a saúde do nosso povo**, em especial da região Norte do país. <https://t.co/szyhEweetT> (Bolsonaro, 18/03/2020).

O elemento da unidade também ganha outro sentido expresso no apelo pela igualdade em Bolsonaro. Reagindo a um episódio de racismo sofrido por um entregador de aplicativo, Bolsonaro afirma que o “ocorrido” deve ser repudiado, especialmente porque a miscigenação é uma marca do Brasil e só prova que somos todos iguais, “um só povo”, ainda que “alguns trabalhem para nos dividir”.

- Independentemente das circunstâncias que levaram ao ocorrido, atitudes como esta devem ser totalmente repudiadas.

- **A miscigenação é uma marca do Brasil.** Ninguém é melhor do que ninguém por conta de sua cor, crença, classe social ou opção sexual. <https://t.co/GapthQ2o3Y>.

- **Que a indignação dos brasileiros sirva de lição para que atos como esse não se repitam. Todos somos iguais! Embora alguns trabalhem para nos dividir, somos um só povo!**

- Meus votos de solidariedade e sucesso ao entregador Matheus, bem como a toda sua família. Deus os abençoe! (Bolsonaro, sequência de tweets, 07/08/2020).

Ainda em torno da unidade do povo brasileiro, é possível notar uma construção equivalente entre Lula e Bolsonaro da resiliência (na superação de dificuldades) como um traço definidor desse povo. Em Lula, ainda, outras características entram em cena, como generosidade, tolerância e solidariedade. É interessante notar, ainda, como o atravessamento do

acontecimento da pandemia contribui para essa construção ao jogar luz sobre características fortemente definidoras desse povo nação brasileiro.

**O Brasil sempre foi uma terra de esperança, apesar das extremas dificuldades, nós que nascemos e vivemos aqui soubemos enfrentá-las e soubemos nos reinventar para crescer. O ódio e a ignorância se alimentam um do outro e são o oposto do que vai na alma brasileira.** Como brasileiro tenho a certeza que sairemos dessa tragédia para um mundo melhor, para um Brasil melhor. **E é agora, em plena tempestade, que os brasileiros revelam o que são, o que somos: generosos, tolerantes, solidários.** E é com esse espírito, essa alegria e essa criatividade que estamos todos lutando para sair das trevas e **fazer chegar o mais depressa possível o amanhar da justiça social e da igualdade e da liberdade.** Espero que a tragédia do coronavírus seja parteira do verdadeiro mundo que sonhamos (Trecho de fala de Lula em vídeo<sup>44</sup>, 01/05/2020).

- **Nós somos acostumados a superar as adversidades. Na tempestade, ajudamos uns aos outros. Somos uma nação de irmãos. Nenhum vírus é mais forte do que o nosso povo. Estamos lutando e faremos o que for necessário para proteger a vida de cada brasileiro!** (Bolsonaro, 17/03/2020).

É nesse sentido que Bolsonaro clama pela união na superação do acontecimento da pandemia:

- **Superar este desafio depende cada um de nós.** O caos só interessa aos que querem o pior para o Brasil. Se, com serenidade, população e Governo, junto com os demais poderes, **somarmos os esforços necessários para proteger nosso povo, venceremos não só este mal como qualquer outro!** (Bolsonaro, 17/03/2020).

**Todos juntos! Com a união dos Poderes Executivos, Legislativo, Judiciário e população, venceremos!** Governo Federal libera mais R\$432mi a estados p/reforçar ações contra o Covid19. Veja como gestores podem usar o recurso p/ proteger a saúde dos brasileiros. <https://t.co/2HFacHX81C> (Bolsonaro, 17/03/2020).

Em Bolsonaro, essa construção da resiliência se desdobra no elemento do patriotismo, que está nele exclusivamente presente. Na interface direta com o acontecimento da pandemia, esse povo também se mostra corajoso e unido, tal qual a Força Expedicionária Brasileira (FEB), em um tweet em que comemora o “Dia da Vitória” na Segunda Guerra Mundial. E, até mesmo a realização de lives por cantores sertanejos ganha destaque como uma atitude louvável, que poderia ser interpretada como patriótica.

- Celebramos hoje o Dia da Vitória, que marca o triunfo dos Aliados e da causa da liberdade na II Guerra.
- Celebramos também os heróis da Força Expedicionária Brasileira.
- **A FEB simboliza o melhor de nosso povo: a união na adversidade e a coragem diante de qualquer desafio.** <https://t.co/hdip7vO4Dm> (Bolsonaro, 09/05/2020).
- Minha solidariedade ao cantor @gusttavo\_lima, que vem sendo injusta e covardemente atacado após a grande live que fez dentro de sua própria casa. **Ele e**

<sup>44</sup> O vídeo foi publicado como link do seguinte tweet: “1º DE MAIO: Está nas nossas mãos, nas mãos dos trabalhadores, a tarefa de construir o novo mundo que vem aí. Vídeo: Ricardo Stuckert <https://t.co/fBD49Ggz27>”.

**outros artistas sertanejos e de demais gêneros, têm sido grandes heróis nessa luta contra a COVID19 e merecem aplausos!**

**- Tomaram uma iniciativa espontânea louvável, demonstrando amor pelo seu povo e país, levando entretenimento e conforto para a casa de milhões de famílias neste momento de estresse, além de arrecadarem toneladas de alimentos e promoverem grandes doações. O Brasil agradece!** (Bolsonaro, sequência de tweets, 17/04/2020).

O patriotismo aparece em Bolsonaro com maior força em sua reação aos atos pró-democracia e ação dos grupos Antifa, ou, antifascistas. Em uma primeira publicação no fim de maio, compara o enquadramento midiático dos seus atos como antidemocráticos e daqueles contrários ao seu governo como democráticos, inserindo na sequência da publicação um tweet de Donald Trump enquadrando os Antifa como terroristas.

- Folha chama vândalos que promovem violência e queimam bandeira nacional de manifestantes. <https://t.co/gzExjtc6ru> (Bolsonaro, 05/06/2020).

**Figura 7: Sequência de Fotos Publicadas por Bolsonaro, com tradução livre da autora da foto à direita**



Fonte: Twitter/Elaboração própria

Na semana seguinte, na medida em que os atos se desdobram, reforça o enquadramento de Trump de que os manifestantes antifascistas são, na verdade, black blocks e terroristas; e os contrapõe aos “patriotas brasileiros” que hastearam a bandeira do Brasil em Curitiba e os “legítimos heróis” em referência aos militares que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

**Patriotas brasileiros, a maioria de Curitiba, foram na Praça do Governo e hastearam a bandeira do Brasil, com muita honra, bandeira do Brasil essa que esses marginais de preto chamados de Antifas, na verdade são os black blocks, haviam queimado há dois dias antes. [Ênfase] Queimar a bandeira do seu país. É isso aí, não vou adjetivar aqui porque eu não sou de falar palavrão, tá ok pessoal** (Fala de Bolsonaro em vídeo publicado no perfil, 05/06/2020).

- **Quem promove o caos, queima a bandeira nacional e usa da violência como uma forma de "protestar" é terrorista sim!** Manifestante, contra ou a favor do governo, é outra coisa. <https://t.co/t1bl24kvII> (Bolsonaro, 03/06/2020).

**Os verdadeiros ANTIFASCISTAS**

- Tenente Carlos Santiago de Amorim, ex-Combatente na Segunda Guerra Mundial.  
- **Aos LEGÍTIMOS heróis na luta pela liberdade contra o nazifascismo, a nossa continência e eterna gratidão!** <https://t.co/BPNnmm7Nb8> (Bolsonaro, 02/06/2020).

O investimento afetivo possui lugar central nesse elemento. São recorrentes as publicações de vídeos de Bolsonaro participando em manifestações e de sua recepção em aeroportos de diversas partes do Brasil; tais vídeos quase sempre contam com a aparição de Bolsonaro cercado por multidões que clamam por seu nome, que o chamam de mito, e em que ele aparece sorridente, tirando fotos e acenando. Os manifestantes, quase sempre trajando a camisa da seleção brasileira e carregando bandeiras do país. Entende-se que a recorrência das convocações, aparições e difusão dos atos são um investimento afetivo na construção de uma identidade nacional, patriótica.

**Figura 8: À esquerda, foto publicada por Bolsonaro em tweet “Estarei onde o povo estiver”; à direita, montagem da autora de prints de vídeos publicados por Bolsonaro**



Fonte: Twitter/Elaboração própria

Esta seção buscou mostrar as formas nas quais o povo é construído na definição de uma identidade nacional que se cristaliza na evocação de um comum que ganha sentido através de três elementos principais: cidadania, unidade e patriotismo.

Em Huck, o termo “povo” não aparece nessa construção, mas há uma preferência por “cidadão”, sendo o elemento da cidadania central e praticamente exclusivo a ele na construção do povo brasileiro. De toda forma, é interessante notar como a relação instituições-povo que sustenta a legitimidade do contrato democrático, já discutida no tipo do povo soberano, expressa-se aqui em um chamado ao resgate da identidade da nação. Se a democracia é um contrato que clama o equilíbrio entre instituições e povo, o Manifesto Juntos, que clama pela democracia, é justamente uma reação ao cenário do Brasil sob gestão de Bolsonaro que ameaçaria tal equilíbrio, sendo necessário que os poderes “assumam a responsabilidade de unir a pátria e resgatar nossa identidade como nação”. E isso envolve “combater o ódio e a apatia c/afeto, informação, união e esperança”, em uma resposta da sociedade “aos crimes e desmandos de qq governo”. Portanto, o resgate da identidade do Brasil como nação se reflete fundamentalmente no fortalecimento democrático, o que passa por um antagonismo com Bolsonaro.

Nesse sentido, é possível sinalizar para uma semelhança entre Huck e Lula no diagnóstico de que existe um processo de enfraquecimento da democracia, algo que não tinha sido tão explicitamente assumido por Huck na construção do povo soberano. Lula também busca construir um chamado pelo amanhecer “da justiça social, igualdade e liberdade”, recuperando valores do povo brasileiro como a resiliência, generosidade, tolerância e solidariedade compatíveis aos evocados por Huck. No entanto, para Lula, o apelo ao fortalecimento democrático sob a ideia de uma frente ampla democrática, defendida por Huck, é problemática enquanto não demandar explicitamente o impeachment de Bolsonaro. Nesse sentido, a equivalência no povo soberano entre o contrato e os direitos e o diagnóstico de Lula de que tais direitos estariam “em suspenso”, ganha novos contornos com o apelo pela unidade no cuidado e em salvar vidas na pandemia, frente ao diagnóstico de acentuamento dessa suspensão de direitos diante de um genocídio cometido por Bolsonaro.

Bolsonaro também constrói alguns valores do povo brasileiro comuns com Huck e Lula, como a resiliência e a coragem. Há uma força, que supera diferentes espectros políticos, no imaginário do brasileiro como “guerreiro”. Mas, diferentemente de Huck e Lula, há, em Bolsonaro um apelo pela unidade ancorado na alegação de um tipo de igualdade absoluta que *não reconhece diferenças*, construção sustentada pela defesa da miscigenação como marca do Brasil que prova que somos “um só povo”, ainda que “alguns tentem nos dividir”. Clamando pela união na adversidade, que seria característica do povo brasileiro, Bolsonaro estrutura o elemento do patriotismo tanto em uma reverência aos símbolos nacionais, que é avançada por

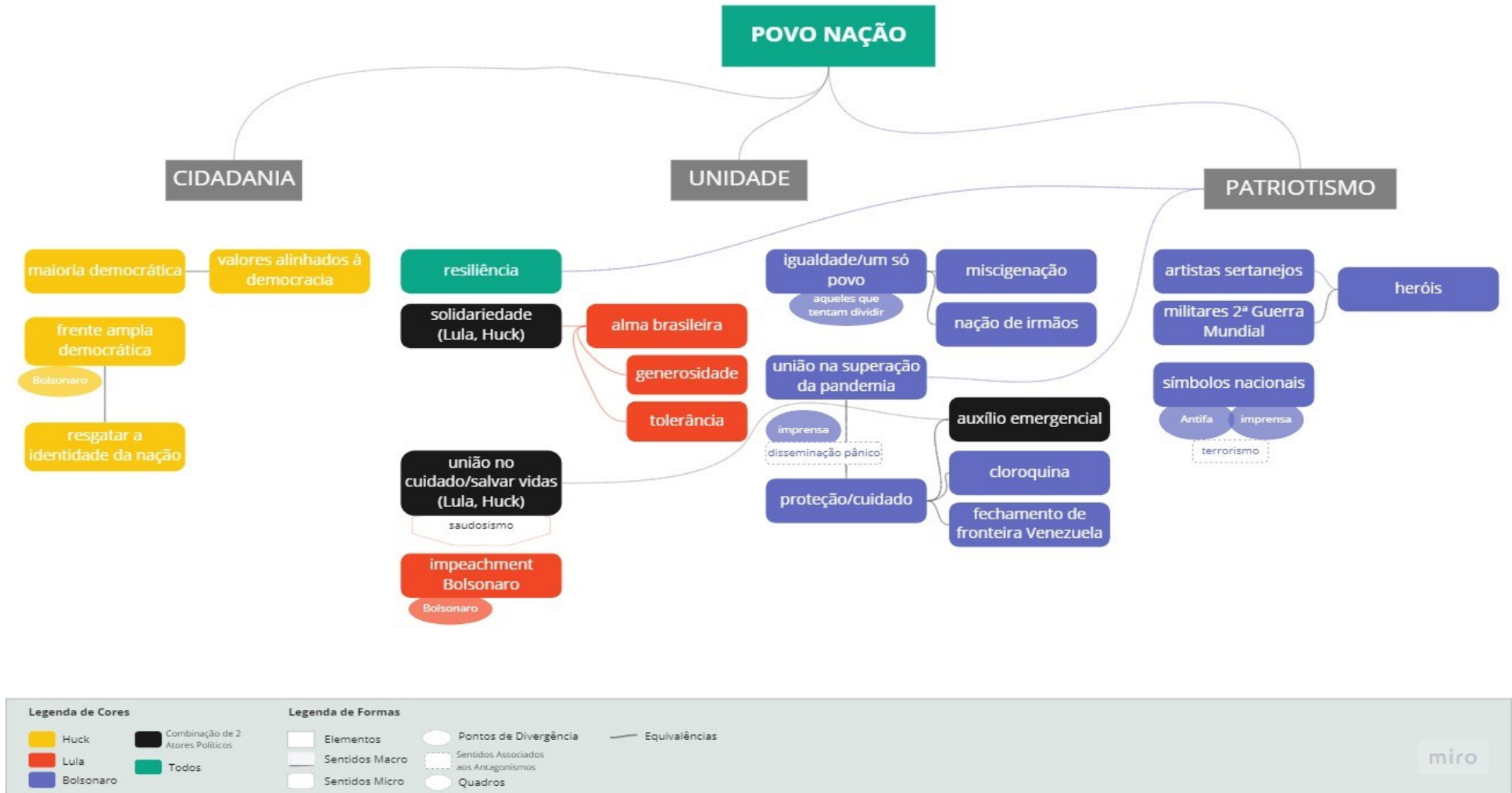
forte investimento afetivo, mas também na oposição aos Antifa os enquadrando como inimigos e clamando pelos “verdadeiros” e “legítimos” heróis, que seriam os militares que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

Nessa construção do povo nação em Bolsonaro também há continuidade de uma narrativa estabelecida na equivalência, no povo soberano, entre legitimidade e maioria que se expressa não no equilíbrio da relação, como em Huck, mas no predomínio dessa maioria (o povo é que legitima as instituições). Podemos reconstruir uma narrativa que se expressa da seguinte forma em Bolsonaro: o povo que legitima o contrato democrático, e o povo é de maioria conservadora (sua identidade nacional). A eleição de Bolsonaro “eliminou” a esquerda que ameaçava tal identidade<sup>45</sup> e, com isso, ele recuperou a identidade nacional. A recorrência das participações de Bolsonaro em protestos com os símbolos nacionais são uma ode a tal resgate.

---

<sup>45</sup> Cabe recuperar o tweet: “- Vale lembrar que, há décadas, o conservadorismo foi abolido de nossa política, e as pessoas que se identificam com esses valores viviam sob governos socialistas que entregaram o país à violência e à corrupção, feriram nossa democracia e destruíram nossa identidade nacional” (Bolsonaro).

Figura 9: Quadro Síntese das Articulações Discursivas em Povo Nação



Fonte: Elaboração própria

### 3.3. POVO MARGINALIZADO

A ideia de um povo que está à margem possui força nos imaginários populares, especialmente em discursos do tipo nós contra eles que opõem a esse povo uma elite rica e perversa. No contexto dos três sujeitos políticos analisados, foi possível notar em todos construções de um povo com características consideradas marginalizadas/à margem.

O elemento que figurou com centralidade na fixação de sentido desse povo marginalizada foi o da miséria, com uma caracterização recorrente do seu caráter sofrido, desigual, pobre e humilde, mas que se dá em íntima conexão ao endereçamento da miséria expresso na necessidade desse povo ser assistido, em um movimento que o constrói sempre como um objeto dessa relação de assistência.

Em Huck, a narrativa fundamental é que o povo brasileiro já era desigual e sofrido, mas que a pandemia tem escancarado tal condição. Nesse sentido, ganha força o seu macro quadro da solidariedade, de forma que é necessário que os que têm mais ajudem os que têm menos e que a sociedade civil se articule para a promoção de ações filantrópicas, como doações. Mas, cabe ressaltar que também aqui a forma preferencial de construção do sujeito popular não se dá através do termo “povo”, ainda que ele apareça algumas vezes como alvo das reivindicações de assistencialismo. Há, sobretudo, um foco predominante nas comunidades e favelas como esse locus mais amplo da marginalização e que precisa, portanto, de assistência e apoio especiais.

Duflo alerta q, **na pandemia, as pessoas q estão nas margens da pobreza extrema se aprofundam dramaticamente**, pois as oportunidades desapareceram devido ao distanciamento social (Huck, 31/05/2020).

**Doar é um ato solidário e de consciência cívica. Na pandemia, quem pode mais m [sic], deve ajudar mais.** E fortalecer a ciência no Brasil é fundamental. **P/ progredir, temos de manter esse espírito de doação. Dias melhores só virão c/ mais engajamentos individuais em ações coletivas.** <https://t.co/siOYPb2ibK> (Huck, 06/07/2020).

**Quem pode mais tem de ajudar mais.** Só apontar os erros das autoridades é pouco. **Temos que seguir nos articulando p/ chegar aonde o poder público falha.**

**A missão é humanitária.** É auxiliar a garantir saúde, comida e renda as **famílias das comunidades** nesta pandemia.

**Agora, os governos e a sociedade civil precisam se superar e se unir de forma ainda mais coordenada no Rio pra salvar o máximo de vidas nas favelas.** É menos disputa política e mais ação solidária (Huck, sequência de tweets, 10/05/2020).

**A mortalidade por Covid é 3X nas quebradas de São Paulo.** Mt triste td isso. **A desigualdade gritando até na letalidade.** Quem não pode ficar em casa, tem menos acesso a serviços medicos de qualidade, compartilha espaços menores c/ + familiares. Esta sofrendo +. Injusto. <https://t.co/r3e0w1Kt3z> (Huck, 24/06/2020).

**Nas comunidades Brasil a fora, mulheres e homens já deixam de comer pra alimentar seus filhos.** Mas por enquanto, ainda têm de ficar em casa pra se proteger do



coronavírus. Isso também é fato. **A sociedade precisa agir e fortalecer a solidariedade** (Huck, 26/03/2020).

**Gosto muito da lógica que conselho ajuda, mas exemplo arrasta. A superação desta pandemia requer espírito público.** Líderes arrastam a sociedade com seus exemplos. <https://t.co/EDOjUtkJbH> (Huck, 10/04/2020).

É interessante perceber também que ao mesmo tempo em que Huck mantém um discurso sobre não focar em erros para permitir avanços, ele constrói pontos de antagonismo com o governo Bolsonaro na ausência de apoio a esse povo miserável. É recorrente a crítica da demora na liberação do auxílio emergencial, além de críticas mais amplas à sua incompetência na gestão da pandemia.

**E o Governo tem de mostrar agora sua capacidade de execução.** É urgente distribuir cestas básicas e transferir dinheiro pro bolso de quem precisa. Tudo isso para “ontem”. Estamos a um passo do caos social (Huck, 26/03/2020).

**Ideologia e política a parte. Estou ouvindo relatos de desespero e fome vindos das comunidades.** Como sociedade civil, estamos engajados em uma gde rede de solidariedade. Q tem se mostrado c/ maior capacidade de execução q o governo. **O \$ precisa chegar logo ao povo. É urgente.** <https://t.co/U53HHUkb2N> (Huck, 02/04/2020).

**A pandemia nos atingiu enquanto alguns líderes flertam c/ o autoritarismo, negacionismo, terraplanismo, xenofobia, repressão e tornam o debate político um “nós contra eles”.** Essa pandemia nos mostrou como o mundo está interconectado — uma onda lá pode causar um tsunami aqui (Huck, 12/04/2020).

**É muita ineficiência.** A descoordenação no combate à pandemia impediu que fossem usados até agora 71% do dinheiro emergencial previsto pra deter o avanço do coronavírus. **Em um país sem liderança, quem sofre mais é o povo com menos acesso, recursos e opções. Triste.** <https://t.co/3fMkFySY9I> (Huck, 23/07/2020).

Também aqui há equivalência de Lula com Huck na construção de uma narrativa que diagnostica e chama a atenção para a necessidade de apoio ao povo marginalizado e que constrói pontos de antagonismo com Bolsonaro sobretudo por sua incapacidade assistencial. Só que, em Lula, há uma construção mais clara de um povo pobre e um alerta sobre o cenário da fome. Também aqui há menção ao povo da periferia, mas não se trata do enfoque principal de Lula tal qual este era em Huck.

**A única forma do povo se defender do coronavírus é ficando em casa. Ou o governo libera dinheiro urgente na mão do povo ou o povo vai começar a sair pra ganhar seu pão.** Até quando vão precisar esperar? **A fome tem pressa. E a única forma é o povo receber logo esse dinheiro** (Lula, 30/03/2020).

Não podemos confundir os bolsonaristas fanáticos que vão pra rua festejar a morte com as pessoas que precisam trabalhar porque exercem funções essenciais ou porque não tem dinheiro pra ficar em casa. **O PT precisa fazer muita campanha de solidariedade e ajudar o povo da periferia** (Lula, 15/04/2020).

**ESPALHEM: Mais um ataque contra o povo que sofre com a pandemia, sem emprego e renda. Antimessias Bolsonaro veta PL que permitiria pessoa receber 2**

cotas do auxílio emergencial se for provedora única da família. #ForaBolsonaroGenocida #auxilioemergencial (Lula, 29/07/2020).

**Meu problema com o Bolsonaro é que ele não está cuidando da pandemia. Não cuida do povo, não cuida da economia.** Ou a gente encontra um jeito de tirar ele com base nos crimes de responsabilidade que já cometeu, ou ele vai acabar com esse país (Lula, 30/04/2020).

**Jair Bolsonaro odeia o povo.** #equipeLula <https://t.co/h6kEwLKdmm> (Lula, 28/08/2020).

Também cabe ressaltar uma narrativa mais clássica do tipo *nós contra eles*, que constrói um “nós” formado pelo povo pobre e marginalizado e um “eles” formado pela elite e pelo sistema financeiro. Como evidenciado pelas publicações abaixo, Lula constrói que o governo Bolsonaro tem deixado o povo pobre abandonado, enquanto o sistema financeiro tem sido assistido. Em tal narrativa aproveita-se para defender um papel forte do Estado, em oposição ao mercado.

**As únicas medidas concretas que o governo fez foram para os banqueiros.** Enquanto isso o povo espera chegar os 600 reais que eles agora estão prometendo pra 16 de abril.

**O Bolsonaro só está preocupado em manter os fanáticos dele. Ele não está preocupado em orientar o povo.** A Câmara e o Senado vão ter que intervir cada vez mais. Quando é que esse dinheiro vai começar a chegar na casa das pessoas?”(Lula, sequência de tweets, 01/04/2020).

Eu tô guardando aqui uma matéria da Folha de S. Paulo de 24 de março. Naquele dia o Banco Central já tinha liberado R\$ 1.2 trilhão de socorro ao sistema financeiro. **Enquanto isso o povo pobre desse país está abandonado, esperando os 600 reais que o Bolsonaro prometeu** (Lula, 10/04/2020).

Eu acho que o que vai salvar a América Latina depois da pandemia é uma palavra chamada democracia. **Uma democracia de Estado forte pra cuidar do povo. Porque o que essa crise demonstrou foi que o mercado não vai salvar a vida de ninguém** (Lula, 26/06/2020).

**Não existe explicação humanitária um cidadão ter 100 bilhões de dólares na sua conta e 100 milhões de pessoas não terem o que comer.** Não sei quanto tempo vou viver. Mas se eu puder quero ajudar a criar indignação com a concentração de renda no mundo. <https://t.co/cEOL47hQLc> (Lula, 03/03/2020).

O pessoal está achando que eu tô muito radical. Na verdade eu tô mais enojado com o papel das lideranças no mundo. **E o coronavírus tá matando mais pobre, mais preto. Os ricos estão cada vez mais perversos** (Lula, 01/07/2020)


Também aqui fica explícito o atravessamento do macro quadro do saudosismo humanista, com uma construção do governo PT como aquele que assistiu o povo pobre do país.


**Bastaram 13 anos de governos que olharam o povo em primeiro lugar, para começarmos a reverter a doença secular da desigualdade em nosso país.** Foram passos ainda pequenos para a dimensão do desafio, mas estávamos no caminho certo, porque **36 milhões saíram da pobreza extrema** (Lula, 02/03/2020).

Nós não fizemos no Brasil uma revolução. Não fizemos sequer distribuição de riqueza. **O que fizemos foi fazer com que o pobre tivesse direito a um pedaço do bolo.**

**Pudesse fazer três refeições. Ter um diploma universitário. Um emprego. Luz para sair da escuridão do candieiro** (Lula, 10/03/2020).

No #tbt de hoje, **lembramos um programa habitacional que tinha compromisso com o povo pobre deste país.**

 Lançado por @LulaOficial em 2009, o #MinhaCasaMinhaVida entregou 4 milhões de unidades habitacionais em 10 anos, beneficiando 16 milhões de pessoas.

: Ricardo Stuckert <https://t.co/Q9LYnehfhD> (Lula, 27/08/2020).

**Em 2010 o Brasil era o país mais feliz do mundo. O povo comia pelo menos 3 refeições. O pobre tava entrando na universidade. Empregada doméstica tinha carteira assinada.** Esse é o fato (Lula, 21/05/2020).

Por fim, também é possível notar um investimento afetivo no qual Lula usa experiências pessoais para se construir como parte desse povo pobre e em sua defesa irreverente desse povo marginalizado na ocasião em que assumiu o poder.

1 - **No passado quando eu falava errado**, às vezes falava ‘menas’, queria fazer um curso pra aprender a falar certo. E naquela época **o Paulo Freire me disse que o importante era que o povo entendesse o que eu dizia** (Lula, 01/07/2020).

Sempre convivi com as críticas. Se a economia ia bem, achavam um jeito de dizer que não era graças ao PT.

**Quando lançamos o Bolsa Família, muitos criticavam. "Mas o Lula deveria investir essa verba em infraestrutura."**

**E eu respondia que o povo não ia comer ponte, nem asfalto** (Lula, 11/08/2020).

#tbt Lula visitava uma obra planejada para resolver a falta de água no sertão nordestino.

**Um sonho que saiu do papel depois de 150 anos, quando um menino que passou fome e andou quilômetros para encher uma cacimba de água barrenta virou presidente da República.** #equipeLula <https://t.co/sjlxhDIS8J> (Lula, 25/06/2020).

Já Bolsonaro, diferentemente de Huck e Lula que inserem a existência de um povo marginalizado em um contexto mais amplo, constrói um povo miserável em interface direta com a pandemia como sendo resultado do “fecha tudo” promovido por governadores e prefeitos, e apoiado pela mídia.

**CAOS: povo quer trabalhar e passa fome. Decretos de governadores e prefeitos.** <https://t.co/7s3JZ2c0Ss> (Bolsonaro, 14/05/2020).

"Documento e declaração de que vai trabalhar"... Se não tem desce. Assim o povo está sendo tratado e governado pelo PCdoB/MA e situações semelhantes em mais estados.

**O chefe de família deve ficar em casa passando fome com sua família. Milhões já sentem como é viver na Venezuela.** <https://t.co/ScfGhRIANd> (Bolsonaro, 10/05/2020).

- Gilberto Barros denuncia a **onda de desemprego em massa, mortes, saques, extrema pobreza e definhamento da sociedade diante de medidas autoritárias de alguns governadores:**

. Link no youtube: <https://t.co/lophgTYdF0> (Bolsonaro, 17/05/2020).

- Alvorada (05/05/2020). 9AM

**. O povo definha e mais patifarias da maior parte da grande mídia desmontadas!**

. Link no youtube: <https://t.co/ddvJ7XtbMv> (Bolsonaro, 05/05/2020).

No último tweet, cabe trazer trecho do vídeo publicado por Bolsonaro, em que ele dirige a palavra aos jornalistas, que o aguardam no Palácio da Alvorada, em diálogo com apoiadores. Em sua fala, constrói que o Brasil se tornará um país de miseráveis, “como tem alguns países da África Subsaariana”, argumenta que o lockdown seria algo de classe, localizado na classe média alta enquanto as pessoas pobres das periferias não seguiriam isso e afirma, aplaudido por apoiadores, que a fome mata mais que a Covid-19. Também diz que lamenta que as pessoas estejam morrendo, mas que muito mais vão morrer, relativizando a gravidade do acontecimento.

**(...) Esse é o retrato do Brasil. O Brasil está se tornando um país de pobres. O que eu falava lá atrás, que era esculachado, tão vendo a realidade agora aí. Pra onde está indo o Brasil? Vai chegar um ponto que o caos vai se fazer presente aqui. Essa história de lockdown, vão fechar tudo, não é esse o caminho. Esse é o caminho do fracasso. Quebrar o Brasil. Governador, prefeito. Que porventura entrou nessa onda lá atrás, faça como eu já fiz algumas vezes na minha vida: se desculpa, e volta e faça a coisa certa. Mais ainda, já falei pra vocês, os informais, são 38 milhões, já perderam quase tudo. Segundo a OIT, os informais da América Latina perderam 80% do poder aquisitivo. O pessoal celetista, como vocês [jornalistas] são aqui também, tão perdendo (...) O Brasil tá quebrando, e depois de quebrar, né, como alguns dizem, “ah, a economia recupera”. Não recupera! Vamos ser fadados a ver um país de miseráveis, como tem alguns países da África Subsaariana. Nós temos que ter coragem de enfrentar o vírus. Tá morrendo gente, tá, lamento, lamento?**

[Aplausos]

**Bolsonaro: Mas vai morrer muito. Muito, mas muito mais.**

**Pessoa ao Fundo:** Por isso que o Brasil te elegeu!

**Bolsonaro:** Se a economia continuar sendo destruída por essas, por essas medidas. A gente vê o pessoal mais pobre de São Paulo, né, continua na periferia, no Rio também ne, continua todo mundo se movimentando. É só na classe média, alta, que tá tendo os problemas graves do comércio. Tem que reabrir. Nós vamos morrer de fome. A fome mata. A fome mata!

**Pessoa ao Fundo:** Mais que a Covid-19!

**Bolsonaro:** O apelo que eu faço aos governadores, revejam essa política, eu tô pronto para conversar. Vamos preservar a vida, vamos. Mas dessa forma, o preço lá na frente serão centenas e mais de vidas que vão perder por causa dessa medida absurda de fechar tudo (Bolsonaro, em vídeo publicado, 05/05/2020).

Em outro vídeo, por exemplo, Bolsonaro se aproxima de profissionais do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) que estão limpando a rua e conversa com eles. O título da publicação é “Ouvindo as colocações dos mais humildes”.

**Bolsonaro:** Eu sei que vocês são pessoas humildes, minha família é da Ceilândia.

**Profissional SLU:** Eu moro lá na Ceilândia.

**Profissional SLU:** Bom dia, presidente.

**Bolsonaro:** Eu pergunto pra vocês: vocês estão trabalhando, e o vizinhos, perderam emprego, tão trabalhando, como é que tá?

**Profissionais SLU:** [inaudível]. Tá tudo em casa.

**Bolsonaro:** Aguenta muito tempo sem trabalhar? Como é que ta a geladeira desse pessoal, ta vazia?

**Profissional SLU:** Ta vazia, com certeza

(...) **Bolsonaro:** A questão do vírus. [Corte do vídeo].

**Bolsonaro: Mais da metade vai pegar, não adianta.**

[Pessoas ao fundo concordam balançando a cabeça].

**Bolsonaro:** É igual uma chuva, chover aqui agora vai molhar. Vamo enfrentar, ta certo. Toma conta do pai de vocês, da minha mãe que ta viva, quem pegou a doença.

**E toca o barco, toca a vida. Porque esse empobrecimento que tão fazendo quase que no Brasil todo vai levar o pobre a ficar mais pobre, classe média ficar pobre, e é ruim pra todo mundo, que sem dinheiro não tem renda, não tem saúde** (Bolsonaro, em vídeo publicado, 21/05/2020).

Bolsonaro cria uma narrativa de que ele tem prestado assistência e apoio ao povo, como expresso pelas recorrentes publicações de prestações de contas do governo, especialmente em torno do auxílio emergencial, que é construído como o “maior programa de auxílio aos mais necessitados do mundo”, comparando-o inclusive com o Bolsa Família.

Depois do Congresso apoiar R\$500 para o auxílio emergencial, estudos do @govbr, com responsabilidade fiscal e apoio da liderança do governo na Câmara, o @MinEconomia alcançou os R\$600 pagos em 3 parcelas. **O maior programa de auxílio aos mais necessitados do mundo!** <https://t.co/2DfubzHbvX> (Bolsonaro, 11/06/2020).

5. R\$ 90 bilhões do auxílio emergencial já creditados. 64,1 milhões de brasileiros beneficiados. **Muito mais que um programa Bolsa Família em menos de 3 meses de criado.** @MinCidadania (Bolsonaro, 29/06/2020).

Para amenizar os prejuízos causados pelo Covid-19, concederemos, por 3 meses, isenção de pagamento de energia para mais de 9 milhões de **famílias humildes. Não estamos medindo esforços para proteger nossa nação e garantir que nenhum brasileiro fique para trás nessa luta!**0 [sic] (Bolsonaro, 09/04/2020).

Por fim, cabe destacar também um investimento afetivo em alguns vídeos que são publicados no perfil de Bolsonaro conversando, por telefone, com pessoas humildes, geralmente idosas, que agradecem a Bolsonaro pelo auxílio emergencial, além de algumas visitas de Bolsonaro ao Nordeste na entrega de obras em um apelo de assistência ao povo marginalizado.

- **Água para quem tem sede.**

- **Liberdade para um povo.**

- Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!

- BOM DIA.

. YouTube: <https://t.co/eS5aHQfMXu> <https://t.co/UERpWo4NbR> (Bolsonaro, 27/07/2020).

- Obrigado meu Nordeste.

- Deus nos dará forças para atender esses, quer por muitas vezes, nos pedem apenas um pouco de água. <https://t.co/SopdwbZhTT> (Bolsonaro, 02/08/2020).

**Um casal muito humilde** - Comunidade Baixa Quente - Araçuaí-MG

- Vale do Jequitinhonha!

- **De tudo, dentro do possível, o @govbr está fazendo para garantir a mínima dignidade do povo!** <https://t.co/gAJm1bHkJF> (Bolsonaro, 27/06/2020).

**Figura 10: Colagem de Prints de Vídeos Publicados por Bolsonaro**



Fonte: Elaboração própria

**Figura 11: Foto Publicada no Perfil de Bolsonaro<sup>46</sup>**



Fonte: Elaboração própria

<sup>46</sup> O conteúdo do tweet consta apenas “BR” e um link para a foto, publicada em 26/06/2020: “BR <https://t.co/UWDT5vVKtr>”.

No último tweet, por exemplo, ocorre o seguinte diálogo entre o casal de idosos do vídeo publicado em seu perfil:

“Idosa: Votei em Bolsonaro  
Mulher que Grava o Vídeo: E tá arrependida?  
Idosa: Não! **Olha só que ele tá fazendo pro povo, pra humanidade. 600 conto.**  
Idoso: 600 conto.  
Idosa: **É brincado? 600 conto por mês, é brincado?**  
Idoso: Milhões de pessoas.  
Idosa: Milhões e milhões de gente. Onde é que ele achou tanto dinheiro? A máquina de fazer dinheiro já enferrujou.  
 (...)
 Idosa: Bolsonaro, nós agradece [sic] você o décimo terceiro, muitos obrigada. Deus te ajude”.

Esta seção buscou demonstrar como a construção de um povo marginalizado entre os sujeitos políticos analisados se cristaliza no elemento da miséria, em uma percepção fundamental de que existe um povo no Brasil pobre e sofrido e que, portanto, precisa de apoio e assistência. Nessa construção, uma equivalência entre todos os sujeitos é a da fome: todos entendem que o povo tem deixado de colocar comida na mesa e que isso ajuda a definir seu caráter marginal e a necessidade da assistência.

No entanto, os pontos de antagonismo criados com relação à fome dão melhores contornos às práticas articulatórias: enquanto entre Huck e Lula há uma grande semelhança no diagnóstico de que a miséria, na pandemia, é um problema agravado por demora e negligência do governo Bolsonaro na liberação do auxílio emergencial, este se apropria de tal auxílio como a prova de que seu governo tem feito de tudo para assistir o povo necessitado do país, construindo uma contra narrativa que culpabiliza e cria pontos de antagonismo com os governadores e prefeitos que decretam fechamento de comércio e *lockdown*, e, novamente, com a mídia, tomada como inimiga por apoiar tais medidas.

Nesse sentido, a construção de um povo marginalizado em Bolsonaro ganha vida fortemente atravessada pelo acontecimento da pandemia, como se esta fizesse surgir um fenômeno que nunca tivesse sido alvo de consideração anteriormente, construindo que o Brasil irá se tornar um país de miseráveis diante das medidas restritivas. Já em Huck e Lula, há a inserção da marginalização em um cenário mais amplo, construindo um povo que já era desigual, sofrido e pobre, mas cuja situação se intensificou com a pandemia.

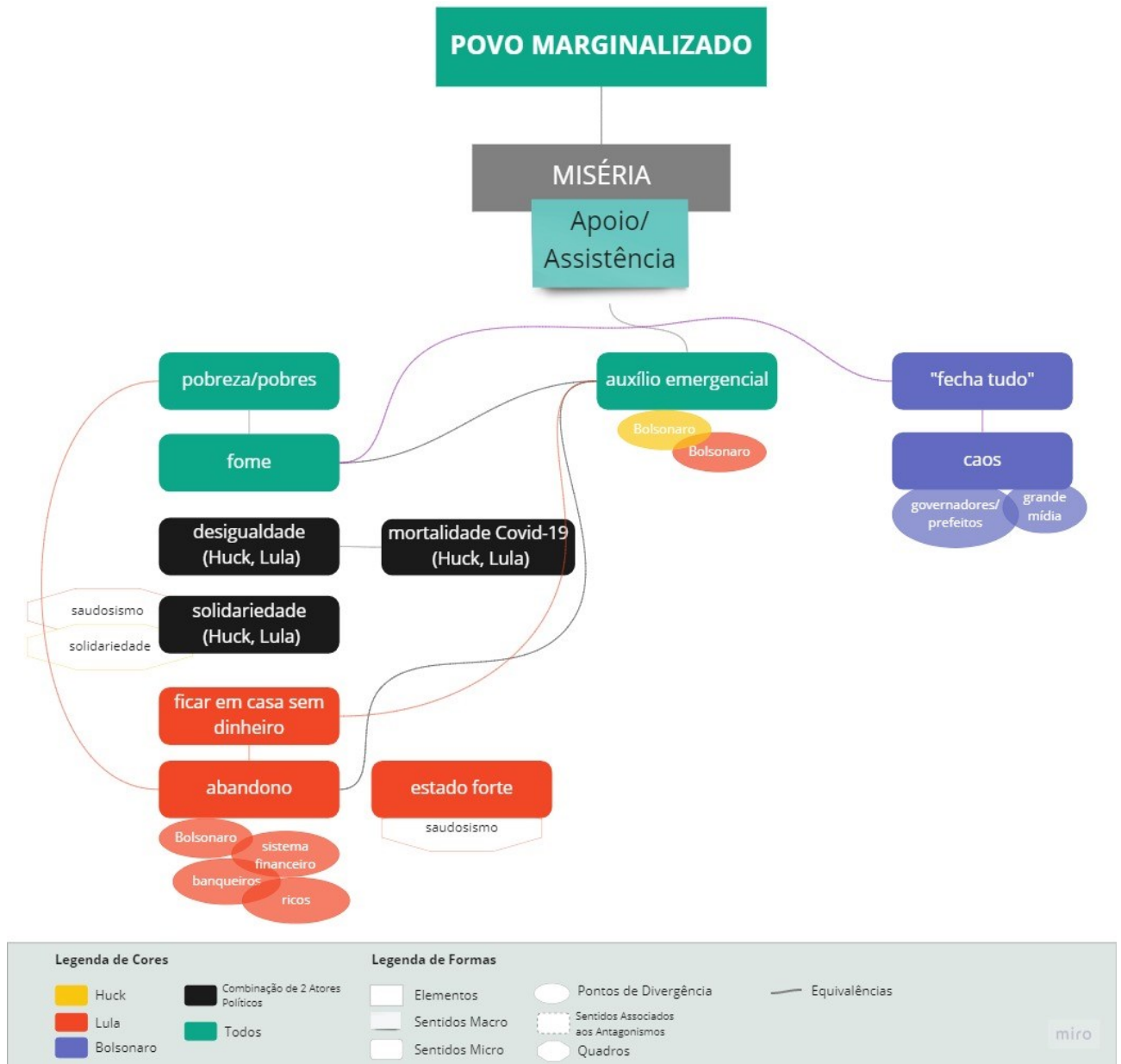
Em interface direta com isso, Huck e Lula falam da necessidade de apoio às comunidades e favelas, ainda que no primeiro caso isso seja o foco principal de sua proposição de ações de solidariedade; e, no segundo, constrói-se um discurso clássico, considerado

populista pela literatura, do tipo nós contra eles que coloca o povo pobre, desassistido, contra o sistema financeiro, que teria sido socorrido pelo governo Bolsonaro.

Por fim, novamente, aqui o investimento afetivo ocupa um lugar importante em Lula e Bolsonaro: o primeiro, buscando construir a si mesmo como parte desse povo marginalizado, e o segundo na tentativa de criação de uma imagem de uma liderança atenta e sensível aos mais humildes.



Figura 12: Quadro Síntese das Articulações Discursivas em Povo Marginalizado



Fonte: Elaboração própria

### 3.4. POVO TRABALHADOR

A última forma de construção do povo que este capítulo discute é a de um povo trabalhador, algo presente com maior força em Lula e de forma mais difusa, e a partir de outros termos para além de povo, em Huck e Bolsonaro. De toda forma, todos buscam construir um sujeito popular trabalhador que se cristaliza fundamentalmente sob o elemento do isolamento social (com uma importante estruturação da discussão sob o dilema do “ficar em casa” e salvar vidas e do caráter essencial do trabalho), e, exclusivamente em Lula, nos elementos dos direitos e da luta.

No caso do isolamento social, foi possível notar uma íntima relação na construção entre povo marginalizado e trabalhador, que será indicada ao longo da exposição, e, no caso de Lula, com os elementos dos direitos e da luta, uma relação entre povo soberano e trabalhador.

Cabe destacar, ainda, que o uso preferencial pelo termo “povo” nessa construção se dá sobretudo em Lula, sendo existente em Huck apenas na menção ao “povo da saúde” e em Bolsonaro de forma difusa, em reivindicações de que “o povo quer trabalhar”.

A discussão sobre o isolamento social é fundamental na construção do trabalhador por esses sujeitos porque ela se dá sob o dilema do “ficar em casa”, e, portanto, numa espécie de negação temporária do trabalho. Para Huck e Lula, o isolamento social é visto como fundamental, porque é ele que irá salvar vidas e proteger o povo para que em um momento oportuno volte a trabalhar. E, de forma colada a essa consideração, há uma conversão do foco no isolamento como problema para ressaltar a não assistência do governo diante desse fato, criando importantes pontos de antagonismo com Bolsonaro. Cabe destacar, ainda, que a falha nessa combinação (isolamento social + garantias mínimas de renda) está muito relacionada com a construção da miséria do povo marginalizado.

**Precisamos convencer a sociedade de que o isolamento é a melhor forma de se proteger. O governo tem que dar garantia para as pessoas poderem cumprir a quarentena. E dar condições de segurança para os trabalhadores essenciais. O ser humano em primeiro lugar.**

(...)

**Eu sei que vocês querem trabalhar, sei que muitos precisam de dinheiro. Mas tentem ficar em casa. É a melhor forma de se proteger.** Se precisar sair mesmo, use máscara, se proteja. Cobre do seu patrão segurança no local de trabalho (Lula, sequência de tweets, 29/04/2020).

O Bolsonaro tem uma tese de que é uma gripezinha e de que o povo precisa trabalhar. **Ele tem que saber que não tem ninguém que queira trabalhar mais que o trabalhador. Agora o governo tem obrigação de garantir as condições pra isso** (Lula, 01/04/2020).

**O governo precisa pensar mais no ser humano e menos em quanto dinheiro vai gastar. Ou colocamos dinheiro, ou não vamos ter como segurar o povo no**

**isolamento.** É preciso prolongar o auxílio emergencial até pelo menos o final do ano (Lula, 25/06/2020).

Ler a realidade por meio da ciência é a via segura pra superar esta pandemia. **Os sinais estão aí: relaxar isolamento significa aumentar casos. As pessoas precisam ficar em casa c/ 1 renda básica mínima q lhes garanta a dignidade.** Ñ adianta tapar o sol c/ a peneira (Huck, 04/06/2020).

**Nas comunidades Brasil a fora, mulheres e homens já deixam de comer pra alimentar seus filhos. Mas por enquanto, ainda têm de ficar em casa pra se proteger do coronavírus.** Isso também é fato. A sociedade precisa agir e fortalecer a solidariedade (Huck, 26/03/2020).

O quadro do BR é sério e requer amplo diálogo. Não é o caso de fulanizar nada. Mas o momento do país é angustiante.

Não é hora de politicagem. Temos de pensar e debater com seriedade políticas públicas p/ **salvar vidas e empregos nesta pandemia** (Huck, 14/06/2020).

Também cabe ressaltar, em Lula, o forte atravessamento do macro quadro do saudosismo humanista, com ênfase no aspecto humanista, nessa construção, como expresso nos tweets anteriores: “o ser humano em primeiro lugar”, ou seja, o foco aqui é em salvar vidas. Destaque também para vídeo que compartilhou de recado que os metalúrgicos do ABC mandam para Bolsonaro, em um apelo para o isolamento social. Sua transcrição segue abaixo:

[Música de Fundo Dramática, e Batidas de Coração em todo o Vídeo] Seu presidente, desde quando o meu coração começou a bater, minha mãe me ensinou a não seguir os amigos que iam pelo caminho errado. Meu pai me ensinou a não ouvir conselhos de quem errou. E agora, é a nossa vez de te ensinar isso. Se o senhor quer seguir o mau exemplo, mesmo com o mundo te mostrando que você está errado, que siga. Mas eu aprendi com os mais velhos, e para que o meu coração e de todos os brasileiros continue batendo, nós não vamos seguir o teu conselho! **Somos trabalhadores, trabalhadoras, e dessa vez nosso lugar não é no trabalho, é em casa! Pra nós, senhor presidente, não é o Brasil que não pode parar [barulho de monitor cardíaco], mas sim o brasileiro.** Assinado, metalúrgicos e metalúrgicas do ABC (Transcrição de vídeo publicado por Lula<sup>47</sup>, 13/04/2020).

**Bolsonaro está induzindo os brasileiros à morte. Ele acha que colocar o povo pra voltar a trabalhar vai resolver o problema. O cara só vai poder cuidar da família se ele tiver vivo** (Lula, 08/05/2020).

E, em conexão a isso está também uma discussão sobre o caráter essencial do trabalho, de forma que é necessário garantir segurança àqueles que não possuem alternativa senão trabalhar, por proverem serviços essenciais. É nesse sentido que sob a figura do “trabalhador essencial” o povo trabalhador ganha maior materialidade, com grande destaque para os profissionais da saúde.

**Obrigado, povo da saúde.** Médicas e médicos. Enfermeiras e enfermeiros. Auxiliares de enfermagem. Farmacêuticas e farmacêuticos. Turma da limpeza. **trabalhadoras e**

<sup>47</sup> O tweet leve o seguinte conteúdo para além do vídeo: “Os metalúrgicos do ABC mandam o recado. @SMABC #equipeLula”.

**trabalhadores do SUS e da rede privada** q estão mobilizados e **enfrentam esta pandemia arriscando suas vidas por nós** (Huck, 07/04/2020).

**Uma salva de palmas aos profissionais da saúde, que estão se arriscando pelo bem estar de todos nós...**corpo medico, enfermagem, técnicos de enfermagem; equipes de limpeza. #salvadepalmas #profissionaisdasaude... <https://t.co/xb6aoJ7rdQ>” (Huck, 19/03/2020).

1 - 100 mil vidas. Em 144 dias, o coronavírus levou embora precocemente 100 mil pais, mães, filhos, irmãos, avós. **Eram amigos, conhecidos, eram trabalhadores que se viram obrigados a deixar seus lares e lutar pelo pão de cada dia.**

2 - Eram médicos, enfermeiros, agentes de saúde, motoristas de ambulância, agentes de segurança. **Homens e mulheres que dedicaram a própria vida a salvar a de seus companheiros. Eram parte do povo brasileiro** (Lula, sequência de tweets, 08/08/2020).

**É preciso que a gente tenha muita solidariedade com os profissionais da saúde que colocam a própria vida em risco**, inclusive atendendo o pessoal que não está levando o coronavírus a sério e fica defendendo a saída da quarentena (Lula, 02/04/2020).

**Queridos médicos e enfermeiros, o mundo pôde ver quanto bem fizeram numa situação de grande provação. Mesmo exaustos, vocês continuam trabalhando com profissionalismo e abnegação.** E isso gera esperança. A vocês vai a minha estima e os meus sinceros agradecimentos! (Lula, 20/06/2020).

Mas, em Huck e Lula, não só os profissionais da saúde materializam esse povo trabalhador, mas todos os outros trabalhadores “essenciais”, como caminhoneiros, pessoal da limpeza e lixeiros, agentes de segurança, produtores rurais e trabalhadores da cultura.

**Queria prestar minha solidariedade a todos os trabalhadores essenciais que precisam sair de casa todos os dias.** Nós temos que levantar todos os dias e agradecer essas pessoas (Lula, 05/05/2020).

**Hoje #RezemosJuntos pelas pessoas que limpam os hospitais, as ruas, que esvaziam as lixeiras, que recolhem o lixo das casas: um trabalho que ninguém vê, mas que é necessário para sobreviver.** Que o Senhor os abençoe (Lula, 17/05/2020).

Sobre a situação dos caminhoneiros nas estradas, acertamos que os restaurantes poderão trabalhar em modelo take away ou quentinhas, para que o atendimento continue. **A atuação dos caminhoneiros é essencial para o abastecimento da nossa região** (Lula, retweet, 29/03/2020)<sup>48</sup>.

(...) Quando o pequeno produtor rural produz sua mandioca, ele precisa levar no supermercado para vender. O Poder Público tem que organizar isso. **Os trabalhadores essenciais tem que ter garantia de que vão poder exercer sua função com segurança** (Lula, 17/04/2020).

Para registro das poucas boas notícias que estamos tendo ultimamente; **o agro enfrenta a pandemia dando um show de produtividade. Parabéns às mulheres e aos homens do campo, que se superam nesta crise sanitária. O Brasil agradece** (Huck, 30/04/2020).

**O Congresso aprovou ajuda emergencial p/ socorrer os trabalhadores da cultura na pandemia.** É a Lei Aldir Blanc, justa homenagem ao grande artista vítima da Covid-

<sup>48</sup> Esta publicação é um retweet na íntegra de texto de Weillington Dias, governador do Piauí.

19. **Vi muito questionamento se essa seria uma prioridade econômica no momento. É sim** (Huck, 05/06/2020).

Também em Bolsonaro há uma materialização do povo trabalhador nos profissionais de saúde, nos caminhoneiros e nas Forças Armadas, em um reconhecimento da importância de seu trabalho.

**O Brasil agradece aos enfermeiros, paramédicos, médicos, assistentes e tantos outros profissionais que estão se desdobrando para ajudar seus irmãos brasileiros neste momento.** Cada vida salva faz toda a diferença. Sua dedicação é uma inspiração para nós. Jamais nos esqueceremos! <https://t.co/ukw0OJjsKt> (Bolsonaro, retweet Secomvc, 19/03/2020).

- **Muitos gestores e profissionais de saúde fizeram de tudo pelas vidas do próximo, diferentemente daquela grande rede de TV** que só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os Poderes (Bolsonaro, 09/08/2020).

-@PRFBrasil recebe doações de alimentos e kits de higiene para caminhoneiros.

- **Campanha busca possibilitar que esses profissionais sigam trabalhando para o abastecimento VITAL da população**

- Alimentos, marmitas, kits de higiene, entre outros, serão entregues a motoristas de caminhão em todo o país. **A campanha 'Siga em Frente, Caminhoneiro' minimiza os efeitos da situação e que estes profissionais estão passando e tenham MÍNIMAS condições de continuar trabalhando** (Bolsonaro, sequência de tweets, 29/03/2020).

**Forças Armadas seguem o trabalho 24h por dia, 7 dias na semana, no combate ao covid-19.** @DefesaGovBr @exercitooficial @marmilbr @fab\_oficial <https://t.co/yarz4PnSBI>” (Bolsonaro, 28/03/2020).

Mas, como alguns tweets acima já antecipam, o reconhecimento desses trabalhadores essenciais não se inscreve em uma discussão de que apenas eles deveriam estar trabalhando: para Bolsonaro, tal discussão não faz sentido já que todos deveriam estar trabalhando, para que o caos e a miséria não se sobressaíam, ou, em suas palavras, para que o efeito colateral não seja maior que o próprio vírus, em forte conexão com narrativa já explorada no povo marginalizado. E, frente a isso, Bolsonaro dá grande peso à divulgações de ações de seu governo buscando indicar que seu governo vem prestando todo o apoio necessário ao povo trabalhador, em um discurso de “salvar vidas e proteger empregos”.

- A epidemia afeta diretamente a todos, mas medidas extremas sem planejamento e racionalidade podem ser ainda mais nocivas do que a própria doença no longo prazo. **Quando falamos em proteger empregos, também estamos falando de preservar a vida das pessoas.** É isso que faremos! (Bolsonaro, 24/03/2020).

- **O desemprego, a fome e a miséria será o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total.** <https://t.co/3xniiWMdmM> (Bolsonaro, 16/05/2020).

- **A população quer trabalhar para colocar comida nas mesas das casa [sic] de suas famílias** (Bolsonaro, 17/05/2020).

E- Programa de manutenção Emprego e da Renda atinge cerca de 36,2 milhões de pessoas. **O Brasileiro quer trabalhar para manter sua dignidade e colocar a comida na mesa de sua casa para sua família;** @MinEconomia (Bolsonaro, 15/05/2020).

**B. Apesar da responsabilidade diante do trabalhador na pandemia ser dos estados e municípios, o @govbr desenvolve programa preservando até então mais de 8,1 milhões de empregos no país (Bolsonaro, 31/05/2020).**

**C- Nenhum país do mundo fez como o Brasil. Preservamos vidas e empregos sem propagar o pânico, que também leva a depressão e mortes. Sempre disse que o combate ao vírus não poderia ter um efeito colateral pior que o próprio vírus (Bolsonaro, 08/07/2020).**

Nessa narrativa, Bolsonaro cria pontos de antagonismo com os mesmos atores que já vinha criando nas demais construções discursivas do povo: a mídia e os governadores e prefeitos que optaram por medidas de isolamento social. Até mesmo a Organização Mundial da Saúde (OMS), na figura de seu diretor geral Tedros Adhanon, torna-se antagonista pelo questionamento da dicotomia entre vidas e empregos, frente a que Bolsonaro defende seu posicionamento contrário às medidas de isolamento social.

**Esse jornal apoiou ações daqueles que destruíram empregos, e agora quer culpar o Presidente da República das consequências.** <https://t.co/hFBjMrqudz>

**- Além do vírus, agora também temos o desemprego, fruto do ""fecha tudo"" e ""fica em casa"", ou ainda o ""TE PRENDO"".**

- Para toda ação desproporcional a reação também é forte. O Governo Federal busca o diálogo e solução para todos os problemas, e não apenas um. <https://t.co/CfeMjrN7r8> (Bolsonaro, sequência de tweets, 12/04/2020).

"Documento e declaração de que vai trabalhar"... Se não tem desce. Assim o povo está sendo tratado e governado pelo PCdoB/MA e situações semelhantes em mais estados. **O chefe de família deve ficar em casa passando fome com sua família. Milhões já sentem como é viver na Venezuela.** <https://t.co/ScfGhRIANd> (Bolsonaro, 10/05/2020).

Tedros Adhanon ontem: "Não podemos escolher entre economia a vida [sic]. É uma falsa escolha. A pandemia é um alerta de que saúde e economia são inseparáveis". **Vai o diretor da OMS pagar direitos autorais ao Presidente do Brasil?**

(...)

**- Dos fracos, covardes e omissos a história jamais se lembrará. A demagogia política custou empregos e vidas.**

- Parabéns a todos os médicos que agiram corajosamente na linha de frente desta dura batalha!

**- Desde o início, nos posicionamos: saúde e emprego caminham juntos!** <https://t.co/oTt7cX5sSF> (Bolsonaro, sequência de tweets, 24/08/2020).

Os trabalhadores informais ganham materialidade, em Bolsonaro, como aqueles mais prejudicados pelo isolamento social, difundindo números do segmento que teriam sido afetados e iniciativas do governo em prol deles.

**- Quase 40 MILHÕES DE TRABALHADORES AUTÔNOMOS já sentem as consequências de um Brasil parado. Sem produzir, as empresas NÃO TERÃO COMO PAGAR SALÁRIOS. SERVIDORES DEIXARÃO DE RECEBER. Não tem como desassociar emprego de saúde. Chega de demagogia! NÃO HÁ SAÚDE NA MISÉRIA!**

- Não queremos descaso com a questão da Covid-19. Apenas buscamos a dose adequada para combater esse mal sem causar um ainda maior. **Se todos colaborarem, poderemos cuidar e proteger os idosos e demais grupos de risco, manter os cuidados diários de prevenção e o país funcionando** (Bolsonaro, sequência de tweets, 26/03/2020).

- **No Brasil são 38 milhões de informais.**

- **Volta ao trabalho, o melhor remédio.**

. Nosso canal no YouTube: <https://t.co/OqHlzNpLMz> <https://t.co/eGeJoUD12X> (Bolsonaro, 11/08/2020).

Por iniciativa do Líder do Governo na Câmara, Deputado/ @MajorVitorHugo, foi aprovado um auxílio de R\$ 600,00 para 25 milhões de trabalhadores informais. **Com validade de 3 meses, o Governo materializa sua sensibilidade com essa que foi a categoria mais atingida pela atual crise** (Bolsonaro, 27/03/2020).

- **Sancionei o projeto que prevê auxílio emergencial de R\$ 600/mês p/ trabalhadores informais, autônomos, microempreendedores individuais e outros afetados pelos efeitos da pandemia de Covid-19 por 3 meses.** Benefício atende até 2 membros da mesma família, podendo chegar a R\$ 1200 (Bolsonaro, 02/04/2020).

Por fim, cabe apresentar outros dois elementos, presentes exclusivamente na narrativa de Lula: o dos direitos e da luta. Com relação ao primeiro, há um atravessamento de sua discussão mais ampla de perda de direitos do povo, apresentada na seção sobre povo soberano, inserindo a perda de direitos do povo trabalhador nesse contexto mais amplo de enfraquecimento democrático no país.

É meu dever falar aqui em nome dos que sofrem, em meu país, com o desemprego e a pobreza, com a **revogação de direitos históricos dos trabalhadores** e a destruição das bases de um projeto de desenvolvimento sustentável, capaz de oferecer inclusão e oportunidades para todos (Lula, 02/03/2020).

**O povo trabalhador está perdendo no século 21 tudo que conquistou no século 20.** A greve dos entregadores prova isso. **Eles passam fome entregando comida...** Um pneu fura e você é bloqueado do aplicativo?! **Isso é escravidão moderna. Não tem nenhuma seguridade social. Nada.**

É preciso garantir o mínimo necessário. **Trabalhador sem direito vira escravo.** Os entregadores tem mais é que se revoltar. Sem revolta, sem direitos (Lula, sequência de tweets, 01/07/2020).

A classe trabalhadora como a gente conhecia em São Bernardo não existe mais. Terceirização, reforma trabalhista, a carteira verde e amarelo... **Todas as conquistas que a classe operária teve no século 20, ela está perdendo no século 21** (Lula, 19/05/2020).

Mas, no atravessamento do acontecimento da pandemia, o “ficar em casa” é construído como um *direito* do trabalhador, frente ao qual Lula constrói possíveis futuros alicerçados na defesa de um Estado forte compromissado com o cuidado do povo.

O Brasil não pode não aprender nada com o que aconteceu no mundo. **O papel do governo é garantir o direito do trabalhador ficar em casa. O estado tem que assumir a responsabilidade.** Não ficar preocupado com déficit fiscal. **Primeiro salvar o povo, depois a gente cuida da economia** (Lula, 20/03/2020).

**O Bolsonaro no discurso ele fala em preservar empregos, mas na prática manda medidas provisórias pra prejudicar os trabalhadores e retirar direitos** (Lula, 23/04/2020).

A humanidade está discutindo a renda básica. A pandemia só fez aprofundar a desigualdade e o avanço da tecnologia tem **deixado uma parte dos trabalhadores do mundo à margem. O mundo inteiro agora começa a entender a importância do Estado no cuidado do povo** (Lula, 24/07/2020).

**Temos que olhar para esse momento de crise do coronavírus e lembrar a importância do Estado.** Porque não é um hospital privado ou uma empresa que vai resolver essa crise (Lula, 16/04/2020).

Nesse sentido, é criada aqui também uma oposição do tipo nós contra eles que opõe o povo trabalhador, sem as condições que lhe garantam proteção e saúde, contra os empresários, que não estariam dispostos a oferecer tais condições, além de uma oposição mais ampla contra o sistema financeiro, que estaria sendo socorrido pelo governo enquanto o povo ficaria à margem, aspecto que já foi discutido na seção sobre povo marginalizado.

**Quero saber o seguinte: os empresários estão dando garantia de vida aos funcionários que eles querem que vão trabalhar?** Eles vão ter segurança? Vão dar proteção no local de trabalho? No ônibus? Porque o que os governadores querem evitar é que o povo pegue coronavírus e morra (Lula, 23/04/2020).

**Os empresários precisam ter solidariedade. Querem voltar a trabalhar? Mostrem seriedade.** Façam com que os trabalhadores tenham garantia de que vão ter luvas, máscaras, transporte público higienizado. **As pessoas precisam entender que não estão morrendo números. São seres humanos** (Lula, 23/04/2020).

Outro dia vi que os empresários do Ceará estavam cobrando o governador @CamiloSantanaCE para que as pessoas voltassem a trabalhar. **Fiquei me perguntando se os empresários teriam coragem de assinar uma garantia de vida em cartório para seus trabalhadores** (Lula, 05/05/2020).

É preciso também cobrar a dívida das grandes empresas. **Vocês tão vendo que o Louro José da Havan já vai pegar a lei do Bolsonaro pra mandar o povo embora e pagar só 30% do salário?!** Eu queria saber quanto esse cara deve pra Receita... (Lula, 15/04/2020).

**O mesmo governo que diz que não sabe de onde vai tirar os 600 reais pra pagar os trabalhadores, aparece com 200 bilhões pra ajudar os banqueiros.** O governo precisa gastar quanto for necessário, inclusive imprimindo dinheiro novo. É uma guerra, nós não temos que ter limite (Lula, 02/04/2020).

Por fim, há também em Lula uma construção do protagonismo dos trabalhadores como agentes preferenciais de luta, ou seja, como aqueles em cujas mãos estaria a transformação do mundo. Nessa construção, há um grande atravessamento do macro quadro do saudosismo humanista, além de um investimento afetivo por Lula construir a si mesmo como trabalhador.

(...) **Precisamos repensar nossas formas de luta pra reorganizar os trabalhadores no século 21** (Lula, 20/08/2020).

**Minhas amigas, e meus amigos, trabalhadores e trabalhadoras do Brasil e do mundo. Quero começar a minha fala prestando solidariedade aos familiares de todas as vítimas do coronavírus e a todos os trabalhadores e trabalhadoras que**



**estão lutando para salvar vidas em todo o mundo (...)** **A tragédia do coronavírus expôs à luz do sol uma verdade inquestionável: o que sustenta o capitalismo não é o capital, somos nós, os trabalhadores.** É essa verdade, nossa velha conhecida, que está levando os principais jornais econômicos do mundo, a bíblia da elite mundial, a anunciarem que o capitalismo está com os dias contados. E está mesmo, está moribundo. **Está nas nossas mãos, nas mãos dos trabalhadores, a tarefa de construir esse novo mundo que vem aí.** O Brasil sempre foi uma terra de esperança, apesar das extremas dificuldades, nós que nascemos e vivemos aqui soubemos enfrentá-las e soubemos nos reinventar para crescer. O ódio e a ignorância se alimentam um do outro e são o oposto do que vai na alma brasileira. Como brasileiro tenho a certeza que sairemos dessa tragédia para um mundo melhor, para um Brasil melhor. E é agora, em plena tempestade, que os brasileiros revelam o que são, o que somos: generosos, tolerantes, solidários. E é com esse espírito, essa alegria e essa criatividade que estamos todos lutando para sair das trevas e fazer chegar o mais depressa possível o amanhar da justiça social e da igualdade e da liberdade. **Espero que a tragédia do coronavírus seja parteira do verdadeiro mundo que sonhamos. Viva o povo trabalhador, viva o primeiro de maio** (Vídeo<sup>49</sup>, 01/05/2020).

42 anos de uma greve que revolucionou a história dos trabalhadores no Brasil  
<https://t.co/SLh6Z95bK0>

**Lembro que eu odiava política... Achava que era esperto.**

**Eu dizia: - "Não gosto de política e não gosto de quem gosta".**

**Até eu ir pra Brasília e descobrir que só tinha dois metalúrgicos no Congresso.**  
 (Lula, sequência de tweets, 12/05/2020).

Esta seção buscou apresentar como a construção do povo trabalhador se dá notadamente a partir do elemento do isolamento social a partir de um discurso vazio do “salvar vidas e preservar empregos”. Todos os sujeitos políticos defendem tal discurso, mas entre Huck e Lula há uma defesa do isolamento social como forma de salvar vidas e uma pressão por ações de assistência do governo que possam garantir as condições mínimas de renda entre tais trabalhadores que devem ficar em casa, ainda que em Lula haja uma maior intensidade nas críticas a Bolsonaro. Já neste, por sua vez, há uma defesa de que o isolamento social seria necessário apenas para certos segmentos da população, como idosos e pessoas com comorbidade, de forma que um isolamento mais amplo, com a adoção de medidas mais restritivas, traria caos e miséria.

Nesse sentido, os trabalhadores essenciais, que, para Huck e Lula, são fundamentalmente os profissionais da saúde e produtores rurais<sup>50</sup>, são alvos de suas homenagens e agradecimentos; enquanto, em Bolsonaro, há um foco nos trabalhadores informais, impedidos de trabalhar em função de medidas “autoritárias”, como aqueles mais prejudicados e que estariam sendo cuidados por seu governo. Há nessa construção uma forte

<sup>49</sup> Conteúdo do tweet: “1º DE MAIO: Está nas nossas mãos, nas mãos dos trabalhadores, a tarefa de construir o novo mundo que vem aí. Vídeo: Ricardo Stuckert”.

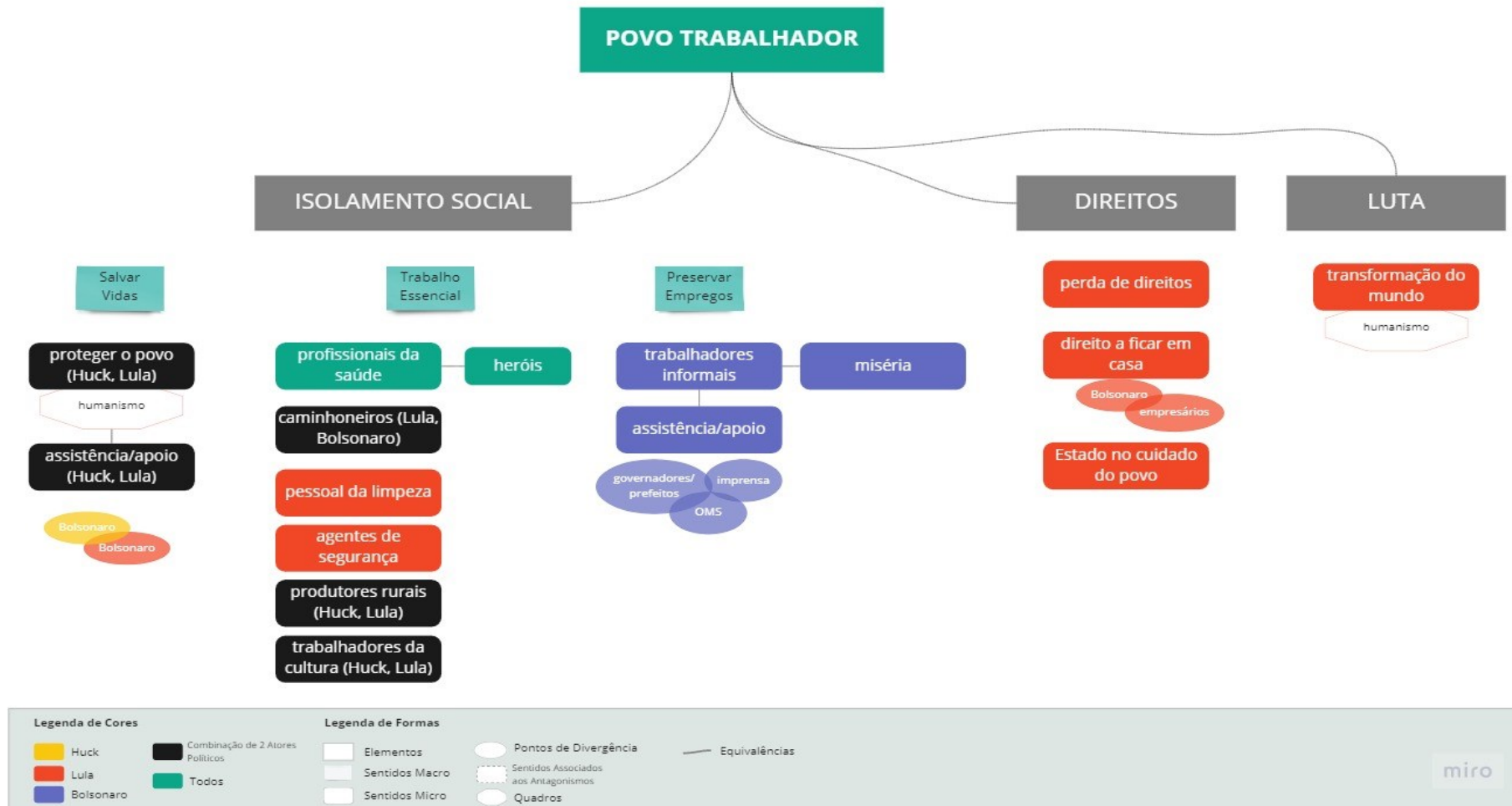
<sup>50</sup> Cabe destacar que, em Lula, trabalha-se um recorte para os pequenos produtores rurais, enquanto em Huck há uma explícita conexão com o agronegócio e uma defesa mais ampla de “mulheres e homens do campo”.

equivalência com aquela do povo marginalizado, em que Bolsonaro constrói um povo à margem apenas como resultado de tais medidas de isolamento social e fechamento de comércio.

Cabe destacar, ainda, que o povo trabalhador é construído sob os elementos dos direitos e da luta exclusivamente em Lula. Para ele, existe um cenário mais amplo de perda de direitos do povo trabalhador que coloca em suas mãos a necessidade de transformação do mundo, ou, a construção de um futuro pós-pandemia mais fraterno e humano. Em tal narrativa, também opera um investimento afetivo no sentido em que Lula se identifica como um trabalhador e como um equivalente nessa luta.

Por fim, enquanto Huck e Lula criam pontos de antagonismo com Bolsonaro, e o segundo, com os empresários e o sistema financeiro em função da incapacidade de garantir segurança, renda e dignidade aos trabalhadores, Bolsonaro toma a imprensa como alvo preferencial, por estar, em suas palavras, espalhando o pânico na população. Mas ele também recupera outros antagonismos já desenvolvidos com governadores e prefeitos que contrariem sua orientação, e com a OMS na exploração do discurso de “salvar vidas e empregos”.

Figura 13: Quadro Síntese das Articulações Discursivas em Povo Trabalhador



Fonte: Elaboração própria

### 3.5. DISCUSSÃO

Este capítulo buscou apresentar as práticas articulatórias de Bolsonaro, Huck e Lula na construção de quatro tipos de povo: povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador. Nessa apresentação, foram mobilizados conceitos-chave de Laclau, a começar por articulação e discurso, passando por equivalências e diferenças, significantes, antagonismos e afeto, como forma de construir o entendimento acerca das fixações parciais dos sentidos desses tipos.

Como forma de sintetizar a discussão em uma perspectiva macro e de caminhar em interpretações acerca da descrição analítica empreendida, esta seção discutirá, para cada sujeito, as relações estabelecidas entre os tipos de povo, encerrando com uma consideração comparativa entre eles.

Partindo por Bolsonaro, ele estabelece uma relação entre povo soberano e povo nação a partir dos elementos do contrato e da maioria, no primeiro tipo, e da unidade e do patriotismo no segundo. Cabe resgatar que a resiliência do brasileiro destacada por Bolsonaro como algo que caracteriza esse povo e define sua unidade se desdobra no elemento do patriotismo a partir da construção de um povo corajoso e unido e da reivindicação da união na adversidade, traçando os contornos de um povo patriótico que deve se unir para superar a pandemia. Mas, na medida em que essa construção é permeada pela criação de um outro antagonista (“aqueles que” querem o caos), ela ajuda a delimitar quem faz parte desse povo patriótico: é aí que a construção do povo soberano entra em cena, ajudando a definir que os apelos de Bolsonaro pela maioria do povo se relacionam sobretudo (i) à maioria de seus apoiadores e (ii) à maioria dos brasileiros cuja identidade nacional é assumida como conservadora.

**Figura 14: Relação entre Tipos de Povo em Bolsonaro**



Fonte: Elaboração própria

Uma outra relação entre tipos de povo construída por Bolsonaro é entre povo marginalizado e povo trabalhador: sob o elemento da miséria, que define o caráter marginalizado do povo, constrói uma narrativa que relaciona o isolamento social a tal situação, alegando que o “fecha tudo” promovido por governadores e prefeitos contrários a ele e apoiado pela mídia promove o caos, a fome e o desemprego; e, nessa relação, os trabalhadores informais ganham o foco principal de sua atenção como o setor mais prejudicado. Nesse cenário, a fome é tematizada apenas frente ao atravessamento do acontecimento da pandemia, como consequência das ações de restrição durante a pandemia.

Nesse sentido, pode-se interpretar que “povo”, em uma acepção mais ampla, é, em Bolsonaro, construído fundamentalmente como a maioria que o elegeu, cuja identidade nacional é conservadora e patriótica, um povo corajoso que se une no enfrentamento à pandemia e que valoriza os símbolos nacionais. O acontecimento da pandemia evidenciaria as tentativas de forças nada ocultas, protagonizadas sobretudo pela mídia, de atrapalharem seu governo e deslegitimá-lo, de forma que o Brasil se tornará um país de miseráveis e desempregados caso a “tirania do isolamento social” não seja freada. Ainda, cabe destacar que o apelo pela unidade se expressa na afirmação de que “somos um só povo”, ainda que “alguns” tentem nos dividir, em uma pretensão de igualdade/equivalência absoluta que é impossível, como ele próprio constrói um “povo” que não é universal e que é construído diante de antagonismos.

Em Huck, por sua vez, também há o estabelecimento de relação entre os tipos do povo soberano e do povo nação na defesa de um resgate da identidade da nação. No entanto, isso é feito a partir de um outro lugar: na defesa de um equilíbrio entre instituições e povo que define a legitimidade do contrato social democrático e na defesa da cidadania expressa em uma sociedade civil alinhada aos valores democráticos. Mas, frente ao cenário da pandemia, e ao diagnóstico de negligência e falta de liderança por parte de Bolsonaro, clama por um fortalecimento democrático, por um resgate da identidade da nação que possa unir a pátria e resgatar o orgulho de ser brasileiro, combatendo “o ódio e a apatia c/ afeto, informação, união e esperança”.

**Figura 15: Relação entre Tipos de Povo em Huck**



Fonte: Elaboração própria

Huck também estabelece relação entre os tipos do povo nação e do povo marginalizado, vinculando o protagonismo de uma sociedade civil engajada em uma rede de solidariedade na prestação de apoio e assistência ao povo à margem; por sua vez, estabelecendo outra relação entre tipos do povo, dessa vez entre povo trabalhador e povo marginalizado, Huck constrói, a partir do elemento do isolamento social, que o povo deve ser protegido a partir de uma assistência financeira centralizada no auxílio emergencial para que possa ficar em casa. Sob a figura do trabalho “não essencial”, portanto, o povo “trabalhador” se aproximaria mais dos sentidos construídos acerca do povo marginalizado, especialmente no que diz respeito à necessidade de assistência financeira. Já sob a figura do trabalho “essencial” é que o povo

trabalhador ganha mais materialidade, com destaque para o “povo da saúde” e trabalhadores do campo. Destaca-se que, ao diagnosticar demora do governo na prestação desse apoio financeiro, além de uma crítica a suas atitudes pessoais, constrói-se ponto de divergência com Bolsonaro.

Diante disso, é possível interpretar que “povo” em Huck é fortemente vinculado a uma sociedade civil atuante e engajada, sendo ela a grande protagonista em dar assistência a um povo marginalizado; ainda, clama por sua união e pela formação de uma frente ampla democrática para superação de um cenário político no Brasil marcado pela desigualdade e por apatia, ódio, desinformação etc. Destaca-se, por fim, que, no atravessamento da pandemia, o “povo da saúde” ganha protagonismo pelo trabalho conduzido durante tal cenário.

Por fim, em Lula também há, assim como nos outros dois sujeitos políticos, o estabelecimento de relação entre os tipos do povo soberano e do povo nação, só que isso se dá fundamentalmente a partir da reivindicação de uma unidade no cuidado/salvar vidas que o povo brasileiro deve ter para que este possa ser um agente na reconstrução futura do país, expressando sua soberania no caráter mandante. Nesse cenário, diagnosticando má condução de Bolsonaro na proteção do povo e apontando para um genocídio, cria ponto de antagonismo com esse sujeito que o coloca na fronteira política e, ainda, clama para que o povo possa exercer sua soberania tendo direito a escolher um “representante civilizado”.

**Figura 16: Relação entre Tipos de Povo em Lula**



Fonte: Elaboração própria

Lula também constrói relação entre os tipos do povo trabalhador e o do povo soberano dotando de centralidade a defesa dos direitos, elemento que é trabalhado dentro de ambos os tipos: se no povo soberano Lula diagnostica um cenário amplo de perda de direitos, dentro de povo trabalhador circunscreve a perda de direitos do povo trabalhador a não lhe ser dado o direito a ficar em casa diante da pandemia, criando ponto de divergência com os empresários que não dão as condições de segurança para esses trabalhadores, mas sobretudo com Bolsonaro, já que o direito a ficar em casa deve ser sustentado pelo Estado no fornecimento de assistência financeira, caso contrário, o cenário da fome será ainda mais agravado, especialmente entre o povo marginalizado. É nessa interface, portanto, que a relação entre povo trabalhador e povo marginalizado se dá fundamentalmente diante da defesa da necessidade de um ficar em casa para que vidas sejam salvas, associada a um apoio financeiro que atenua a marginalização do povo.

Uma última relação que Lula constrói é entre povo nação e povo trabalhador: clamando, no primeiro caso, por uma união no cuidado/salvar vidas, ela se reflete tanto na necessidade do povo brasileiro escolher pelo isolamento social, como no protagonismo dado aos trabalhadores essenciais, que devem ser todos os dias agradecidos pelo trabalho que vêm prestando à nação. Dessa relação entre povo nação e povo trabalhador atravessada pelo acontecimento da pandemia, nasce um protagonismo dos trabalhadores essenciais por sua importância no cuidado. Ainda que exista essa significação mais específica, Lula não deixa de construir um significativo vazio do povo trabalhador como agente central de mudança, segmento no qual está nas mãos a tarefa de reconstruir um mundo mais justo e fraterno.

Cabe destacar, ainda, que Bolsonaro é o grande inimigo nomeado a partir dessas equivalências: em todos os casos, ele é construído como um sujeito que ameaça o povo, o que é centralizado fundamentalmente em um diagnóstico de sua incapacidade de cuidar, de salvar vidas. É nesse sentido que Lula constrói que deve ser dado direito ao povo em escolher um representante civilizado, em um fortalecimento do seu diagnóstico mais amplo do cenário de enfraquecimento democrático que suspende os direitos do povo pelo atravessamento mais específico do acontecimento da pandemia, que ajuda Lula a sinalizar para um “genocídio” cometido por Bolsonaro.

Portanto, “povo” em Lula é protagonizado sobretudo pelos trabalhadores, tanto pelo surgimento desses “novos” sujeitos (trabalhadores essenciais) eleitos como heróis da nação, como pela reafirmação de uma luta central a Lula que coloca nas mãos dos trabalhadores a revolução. Mas, também, há uma atenção especial ao povo marginalizado do país, sobretudo pela ativação de um investimento afetivo, a partir do qual Lula se constrói como já tendo feito



parte desse segmento, e do macro quadro do saudosismo humanista que mostra, a todo momento, que, se Lula ou o Partido dos Trabalhados estivessem no poder, o povo viria em primeiro lugar. Aqui há, ainda, o estabelecimento de uma fronteira com o sistema financeiro, que foi socorrido pelo governo Bolsonaro enquanto não se liberava apoio financeiro ao povo; e com os empresários, que são incapazes de dar condições de segurança ao povo trabalhador.

Por fim, para encerrar com uma breve leitura comparativa entre os sujeitos, mobiliza-se um “caso” que foi alvo de discussão de todos: o episódio de racismo contra um entregador de aplicativo, cuja foto é uma das que ilustram a capa desta dissertação. Enquadrando o evento explicitamente como racismo, Huck o constrói como “revoltante”, afirmando que “nele está tudo contra o que lutamos”, e afirma o seu dever como cidadão de denunciá-lo, mobilizando as hashtags #SomosTodosMateus e #racismoecrime. Essa construção sintetiza, portanto, a construção de povo em Huck, privilegiando a perspectiva de uma sociedade civil engajada, atuante e alinhada aos valores democráticos, uma sociedade que não tolera o racismo.

Vergonha, tristeza e revolta. Foi o q senti qdo recebi este vídeo. Nele está tudo contra o que lutamos. Mateus foi corajoso e não baixou a cabeça pro preconceito. Este vídeo é revoltante. É um dever como cidadão denunciá-lo.

#SomosTodosMateus #racismoecrime <https://t.co/S3GOhXEPLJ> (Huck, 07/08/2020).

Por sua vez, Lula é o sujeito que mais dedica reflexões ao evento, analisando-o em cinco tweets que o enquadraram fundamentalmente como uma expressão da luta do povo trabalhador brasileiro. Para ele, foi um episódio de agressão de um ignorante, um cidadão desprovido de humanidade, que não merece nenhum respeito da sociedade brasileira; mas que se orgulhou do entregador que, “ganhando o pão de cada dia na sua moto, suando a camisa honradamente”, não abaixou sua cabeça, dando sentido “aos 50 anos de luta do povo trabalhador brasileiro”. Nesse episódio observa-se, portanto, a centralidade que o povo trabalhador tem para Lula como um agente privilegiado de luta, com um forte atravessamento da perspectiva de um mundo mais justo que espera que possa ser construído após a pandemia: “nenhuma família e nenhuma comunidade crescerá saudável, educada e democrática com o comportamento demonstrado pela arrogância de um contador que pensa que é maior que os outros”.

1 - Hoje foi um dia amargo para um homem que como eu aprendeu a sobrepor a educação ao desrespeito, o amor ao ódio e admirar a paz em vez da guerra. Um homem que foi educado a não ter preconceito.

2 - Fiquei enojado de ver a ignorância de um cidadão tentar desqualificar um trabalhador que estava ganhando o pão de cada dia na sua moto, suando a camisa honradamente, e foi agredido por um ignorante. Um cidadão desprovido de humanidade, solidariedade, sentimento.

3 - O cidadão que ofendeu o trabalhador não merece da sociedade brasileira nenhum respeito, porque nenhuma família e nenhuma comunidade crescerá saudável, educada e democrática com o comportamento demonstrado pela arrogância de um contador que pensa que é maior que os outros.

4 - Fiquei orgulhoso do entregador não ter abaixado a cabeça. E orgulhoso da mãe ter denunciado o comportamento ignorante do agressor. O comportamento do motoboy e de sua mãe dão sentido aos 50 anos de luta do povo trabalhador brasileiro.

5 - Cada vez mais fica provado que não é a formação que dá educação. É o berço. E esse contador não aprendeu absolutamente nada (Lula, sequência de tweets, 08/08/2020).

Por fim, Bolsonaro afirma que tal evento deve ser repudiado e alvo de indignação dos brasileiros, já que a “miscigenação é uma marca do Brasil” e que “todos somos iguais”. Trata-se, como já desenvolvido, de um apelo por uma equivalência absoluta que nega diferenças, um esforço que se mostra impossível já que ele próprio constrói uma unidade de “povo” nomeando um outro antagonista, ou seja, aqueles que “trabalham para nos dividir”. Na sequência de tweets, Bolsonaro referencia, ainda, comentários críticos ao seu posicionamento, rotulados ironicamente como “ódio do bem”.

- Independentemente das circunstâncias que levaram ao ocorrido, atitudes como esta devem ser totalmente repudiadas.

- A miscigenação é uma marca do Brasil. Ninguém é melhor do que ninguém por conta de sua cor, crença, classe social ou opção sexual. <https://t.co/GapthQ2o3Y>

- Que a indignação dos brasileiros sirva de lição para que atos como esse não se repitam. Todos somos iguais! Embora alguns trabalhem para nos dividir, somos um só povo!

- Meus votos de solidariedade e sucesso ao entregador Matheus, bem como a toda sua família. Deus os abençoe!

A quantidade de comentários de “ódio do bem” em minha timeline não é novidade alguma! Mesmo assim, um forte abraço a todos e fiquem com Deus! (Bolsonaro, sequência de tweets, 07/08/2020).

Portanto, este capítulo pretendeu demonstrar, a partir de análise empírica, que “povo” é mais bem compreendido como um significante vazio que é construído de forma sempre contingente e precária. No contexto e entre os sujeitos políticos analisados, quatro tipos de povo se mostraram como as formas preferenciais de fixação desse sentido, - povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador – cada qual atravessado por suas equivalências e diferenças, contradições, antagonismos e, fundamentalmente, disputas pela fixação de *um* sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou compreender as construções discursivas de “povo” a partir da teoria de Ernesto Laclau e da perspectiva de povo como uma categoria política e um significante vazio de caráter eminentemente construído. Ainda, diante de um acontecimento da magnitude da pandemia da Covid-19, buscou-se endereçar, de forma secundária e complementar, seu atravessamento nas estruturas interpretativas dos sujeitos políticos analisados, pretendendo observar a precariedade de suas tentativas de fixações de sentido e as tensões e disputas nos deslocamentos e atualização de sentido. Ou seja, na medida em que esses sujeitos eram impactados pelo acontecimento e mudavam e/ou adaptavam suas visões, eles também tinham capacidade de alterar o próprio acontecimento a partir das implicações dos seus enquadramentos interpretativos.

Esse percurso se iniciou no Capítulo 01, momento em que, após uma revisão das discussões acerca de povo na ciência política, sustentou-se que tais construções são sobretudo tangenciais, geralmente atreladas a outros conceitos e fenômenos que ganham o maior protagonismo, como soberania e populismo. De modo geral, o conceito de povo é considerado como “dado”, não sendo alvo de explorações de seus sentidos.

O que este trabalho buscou mostrar, no entanto, é que povo é mais bem compreendido como uma categoria política *a ser permanentemente construída*, alvo de disputas de sentido e tensões internas, e externas, nas tentativas de se fixar um sentido, precário e provisório, mas que se pretende universal. Esse processo é, como bem descreveu Ernesto Laclau, a tensão irreduzível entre universalidade e parcialidade: uma parcialidade que se expressa, como vimos, nas articulações de diferentes “partes”, ou, elementos na tentativa de estabelecimento de um todo mais amplo, mas também em uma operação em que essas partes de fato buscam ser o todo, trazendo à tona uma universalidade que é resultado precário e contingente de uma operação fundamentalmente constitutiva.

Diante disso, o Capítulo 02 situou a pesquisa no atravessamento do acontecimento da pandemia da Covid-19 e traçou os contornos da análise dos discursos, indicando o caminho percorrido para se chegar aos quatro tipos de povo construídos pelos sujeitos políticos: povo soberano, povo nação, povo marginalizado e povo trabalhador. Mas também buscou situar os próprios sujeitos no atravessamento desse acontecimento, como forma de permitir uma (re)construção dos sentidos por eles trabalhados mais focada e situada.

A partir de tal base, foi possível esmiuçar os sentidos de povo no Capítulo 03. Desenvolveu-se, então, como Bolsonaro, ancorado numa narrativa negacionista da pandemia e

da identificação de uma guerra do bem contra o mal, buscou traçar contornos bastante específicos de um povo legítimo, que se traduz sobretudo em sua base de apoiadores que compartilha valores específicos, como o patriotismo expresso na reverência aos símbolos nacionais e em uma união para combater tal guerra. E é ancorado nessa construção de povo que Bolsonaro reivindica que “somos um só povo”, recusando qualquer tentativa de divisão.

Em um “meio do caminho”, Huck tentou alavancar uma postura mais dialógica e menos acusatória, ainda que com um posicionamento claramente contrário à condução da pandemia por Bolsonaro. Tentou, então, defender uma visão de mundo ancorada na centralidade dos valores democráticos, na presença de uma sociedade civil engajada e atuante e na força da filantropia e da solidariedade. “Povo”, nesse sentido, teve seu sentido empobrecido enquanto categoria política, se aproximando muito mais de uma noção sociedade civil.

Lula, por sua vez, construiu uma narrativa permeada por um forte saudosismo e pelo estabelecimento de uma espécie de discurso contrafactual: as tentativas de deslegitimar Bolsonaro estão fortemente sobrepostas pela reafirmação do lugar de Lula e do PT como atores políticos que se não tivessem sido tirados de cena por um “grande pacto” estariam conduzindo a pandemia com uma postura séria que colocaria o povo em primeiro lugar. Nesse atravessamento, buscou estabelecer uma aproximação de Bolsonaro à classe empresária, apostando na criação de um discurso do tipo nós contra eles, para indicar que Bolsonaro não está do lado do povo brasileiro. Este, por sua vez, é cristalizado sobretudo na construção de um significante vazio do povo trabalhador, demonstrando que tal defesa não perdeu lugar no discurso lulista.

Nesse sentido, este trabalho buscou demonstrar que não só é possível, como é *necessário* levar as discussões sobre o caráter construído de “povo” para o centro. E um dos motivos para isso é justamente o endereçamento que tal discussão traz para as reflexões acerca da democracia. Na democracia contemporânea, a ideia de “soberania popular” não só é revestida de uma auréola, que toca ao seu aspecto “dado”, como é também um sentido fundamental a revestir o significante da democracia, de forma que podemos nos perguntar: qualquer significado de povo sustenta a democracia? Ora, o que essa pergunta coloca é justamente a necessidade de se olhar para as construções discursivas em torno do sujeito popular como forma de endereçar a própria discussão sobre democracia, não adotando visões prontas e limitadas de que discursos populistas, que constroem um nós contra eles, necessariamente estariam ameaçando a democracia, mas assumindo o caráter precário e contingente de tais construções e examinando as relações entre os discursos de povo e de democracia e suas implicações.

Mas, para tal reflexão, também se faz importante conceber a democracia, como bem pontua Pinto (1999b), como um *significante vazio*, no sentido de afirmar o seu caráter construído e sua contingência, mas ao mesmo tempo, estabelecendo limites que impeçam a pobreza conceitual: assim como *povo* como um *significante vazio* não pode incorporar sua negação, também a democracia não pode incorporar o que a nega (por exemplo, discursos de exclusão).

Portanto, tal como mencionado na introdução, o reconhecimento do caráter construído de “povo” contribui para uma ampliação de horizontes com implicações políticas importantes. Mas o exercício empírico que permitiu desenvolver esse aspecto não foi sem limitações: reconhece-se que existe uma abstração nos conceitos de Laclau que se converte em uma desafiante tentativa de sua aplicação prática a fenômenos políticos. Ainda que se tenha buscado aqui dotar tais conceitos de clareza, indicando limitações e firmando entendimentos, sua operacionalização foi desafiante, dados (1) o grau elevado de dificuldade analítica e operacional de aplicação de tais conceitos a um amplo volume de dados e (2) a complexidade de reconstrução de uma visão holística e comparativa que componha todas as práticas articulatórias e sua diversidade de elementos em um quadro que permita visualizar a mecânica de funcionamento dos diversos conceitos, endereçando mutuamente teoria e empiria.

Por fim, encerra-se indicando como os achados desta pesquisa podem ser aprofundados e explorados em novas direções, com destaque especial para: (1) investigações sobre o populismo que analisem como as diferentes construções discursivas de “povo” afetam o entendimento sobre o fenômeno e ajudam a diferenciar internamente entre tipologias mais ou menos democráticas; (2) reflexões acerca da crise da democracia, buscando compreender e endereçar o “desaparecimento” do sujeito político “povo” em um cenário de pós-democracia (Pinto, 2017) e, para tanto, voltando o olhar para as construções que negam o caráter político do “povo” e (3) uma investigação acerca dos imaginários de “povo” entre os próprios sujeitos políticos *sem parte* (Rancière, 1996), explorando os discursos e as buscas por direções emancipatórias da política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASLANIDIS, Paris. Is Populism an Ideology? A Refutation and a New Perspective. **Political Studies**. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12224>.

BADIOU, Alain; BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith; DIDI-HUBERMAN, Georges; KHIARI, Sadri; RANCIÈRE, Jacques (org.). **What is a People**. New York: Columbia University Press, 2016. 164 p.

BUTLER, Judith. “We the people”: thoughts on freedom of assembly. In: BADIOU, Alain; BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith; DIDI-HUBERMAN, Georges; KHIARI, Sadri; RANCIÈRE, Jacques (org.). **What is a People**. 2016. Columbia University Press. New York. 164p.

BOURKE, Richard; SKINNER, Quentin (ed.). **Popular Sovereignty in Historical Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press. 2016. 409 p.

CANOVAN, Margaret. Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy. **Political Studies**. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.00184>.

CANOVAN, Margaret. The People, the Masses, and the Mobilization of Power: The Paradox of Hannah Arendt's “Populism”. **Social Research**, vol. 69, n. 2. 2002.

CANOVAN, Margaret. The People. In: DRYZEK, John; HONIG, Bonnie; PHILLIPS, Anne (ed.). **The Oxford Handbook of Political Theory**. New York: Oxford University Press, 2006. p. 1-882.

CRITCHLEY, Simon; MARCHART, Oliver. **Laclau: a critical reader**. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group. 2004.

DE BARROS, Thomás Zicman. A polissemia de um significante vazio. **Working paper** para discussão na Rede Brasileira de Teoria do Discurso. 2020.

ENTMAN, Robert M. "Framing: toward a clarification of a fractured paradigm". **Journal of Communication**, v. 43, n.4, 1993. p. 51-58.

ESPEJO, Paulina Ochoa. Populism and the Idea of People. In: ESPEJO, Ochoa; KALTWASSER, Cristóbal Rovira; OSTIGUI, Pierre (ed.). **The Oxford Handbook of Populism**. Oxford: Oxford University Press. 2017.

ESPEJO, Ochoa Paulina. **The Times of Poppular Sovereignty. Process and the Democratic State**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press. 2011. 222p.

FIGUEIREDO, Júlia Moreira de. **Conservadora e Liberal-Econômica? Uma análise de enquadramento sobre as convergências e divergências valorativas no campo da nova direita brasileira**. 2018. 76p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FRANÇA, Vera Veiga; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, v.11, nº 3. set/dez 2017. São Paulo Brasil.

GALSTON, William. **Anti Pluralism: The populist threat to liberal democracy**. Yale University Press. 2018. 160p.

HAWKINS, Kirk A; CARLIN, Ryan E. LITTVAY, Levente; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **"The Ideational Approach to Populism"**. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group. 2018.

HRENECHEN, V. C. de A. T; & GADINI, S. L. O papel do Twitter no agendamento jornalístico em mídia regional no Paraná. **Novos Olhares**, 2018, p. 64-77. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2018.149140>.

JANSEN, Robert. 2011. Populist Mobilization: A New Theoretical Approach to Populism. **Sociological Theory**, 2011. p. 75-96.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. 1ª ed. Boitempo Editorial, 2016. 176 p.

JUDIS, John B. **The Populist Explosion. How the Great recession transformed american and european politics**. New York: Columbia Global Reports. 2016.

KORNHAUSER, William. **The politics of mass society**. Illinois: The Free Press of Glencoe. 1959. 256p.

LACLAU, Ernesto. O Retorno do “Povo”: Razão Populista, Antagonismo e Identidades Coletivas. **Revista de Ciências Sociais**. nº 23, out. 2005. p. 09-34.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 1a. ed. São Paulo: Três Estrelas., 2013. 383p.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma Política Democrática Radical**. 1ª ed. São Paulo: Editora Intermeios. 2015. 286p.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. WMF Martins Fontes. 3ª edição. 2019. 224p.

MARCHART, Oliver. **Post-Foundational Political Thought. Political Difference in Nancy, Lefort, Badiou and Laclau**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2007.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos Sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. **Lua Nova**, São Paulo, nº 72. 2007. p. 115-142

MENDONÇA, R. F; SIMÕES, P. G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, nº 79 junho/2012.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CAETANO, Renato Duarte. Populism as Parody: The Visual Self-Presentation of Jair Bolsonaro on Instagram. **The International Journal of Press/Politics**. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1940161220970118>.



MIGUEL, L. F.. **O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao golpe de 2016**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2019. v. 1. 216p.

MOFFIT, Benjamim. Understanding contemporary populism: populism as a political style. In: MOFFIT, Benjamim. **The global rise of populism: performance, political style and representation**. Stanford University Press. 2016.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2017. 151p.

MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. New York: Cambridge University Press, 2007. 406p.

MUDDE, Cas. An Ideational Approach. In: ESPEJO, Ochoa; KALTWASSER, Cristóbal Rovira; OSTIGUI, Pierre (ed.). **The Oxford Handbook of Populism**. Oxford: Oxford University Press. 2017.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. Tradução de Cássio de Arantes Leite, Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras. 2018. 448p.

MÜLLER, Jan-Werner. “‘The People Must Be Extracted from Within the People’: Reflections on Populism.” **Constellations**. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12126>.

MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?** Pennsylvania: University of Pennsylvania Press Philadelphia. 2016.

MÜLLER, Friedrich. **Quem é o Povo: a questão fundamental da democracia**. 3ª ed. São Paulo: Max Limonade, 2003. 132 p.

NOBRE, Marcos. **A guerra de Bolsonaro contra a democracia**. Todavia. 2020. 80p.

OLSON, Kevin. Conclusion: Fragile Collectivities, Imagined Sovereignities. In: BADIOU, Alain; BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith; DIDI-HUBERMAN, Georges; KHIARI, Sadri; RANCIÈRE, Jacques (org.). **What is a People**. 2016a. Columbia University Press. New York. 164p.

OLSON, Kevin. **Imagined Sovereignities: The Power of the People and Other Myths of the Modern Age**. Cambridge University Press. 2016b.

PINTO, Céli Regina Jardim. Notas a Propósito de Ernesto Laclau. **Revista de Ciências Sociais**, Montevideo, nº 15. 1999a.

PINTO, Céli Regina Jardim. Democracia como significante vazio: a propósito das teses de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. **Sociologias**, Porto Alegre, nº 2. 1999b.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise do discurso político. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, nº 24. 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. Tempos de pós democracia: ausência do povo. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 472 - 481, maio/ago. 2017.

QUÉRÉ, Louis. “Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento”. **Trajectos**, nº 5, 2005. p. 59-75.

RANCIERE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

SANTOS, Dominique Azevedo dos. **Uma análise de enquadramento**. Observatório da imprensa, 2010. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/uma-analise-de-enquadramento/>>.

SINGER, André. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. Companhia das Letras, 1ª ed. 2018. 392p.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Quem é o Povo no Brasil?** Civilização Brasileira. 1962.

TORFING, Jacob. **New Theories of Discourse. Laclau, Mouffe and Zizek.** Blackwell Publishers Ltd. Oxford. 1999.

TORMEY, Simon. **Populism: A Beginner's Guide.** ONEWorld Publications. 2019.

URBINATI, Nadia. The True People and its Majority. In: URBINATI, Nadia. **Me the People: how populism transforms democracy.** Cambridge: Harvard University Press. 2019. p. 1-266.

VALENCIO, Norma e VALENCIO, Arthur. Crises conectadas: antecedentes e desdobramentos sociais de uma crise sanitária no Brasil. In: **Covid-19: Crises entremeadas no contexto de pandemia (antecedentes, cenários e recomendações).** Org: Norma Valencio e Celso Maranhão de Oliveira. São Carlos: UFSCar/CPOI. 2020.

WEYLAND, Kurt. Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics. **Comparative Politics.** Vol. 34, No. 1 (Oct., 2001), p. 1-22.

**ANEXO**

ANEXO 1 - Tabela completa com o ranking do Top 12 personalidades políticas no IPD.

ANEXO 2 – Script da Coleta de Dados.

## ANEXO 1

	<i>Pontuação no IPD</i>					
<b>Personalidade Política</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>
Jair Messias Bolsonaro	82,12	82,15	83,97	84,04	84,07	84,08
Luciano Huck	70,17	61,95	56,06	47,08	49,71	47,41
Lula	36,25	28,68	34,16	34,84	20,57	24,13
Fernando Haddad	26,93	22,76	20,17	18,61	17,00	18,51
João Amoêdo	21,59	20,97	21,13	16,68	15,38	17,14
Ciro Gomes	19,32	21,01	20,42	18,84	14,72	17,25
Flávio Dino	19,21	25,98	27,05	24,64	17,59	14,76
Guilherme Boulos	16,93	17,31	16,86	17,94	14,95	15,37
Alvaro Dias	16,82	16,22	14,67	14,19	13,99	14,48
Marina Silva	15,32	15,78	14,92	14,65	14,52	14,45
Alessandro Molon	14,72	14,54	14,19	13,18	13,09	13,36
Rodrigo Maia	13,84	13,86	13,63	14,09	13,34	13,57

## ANEXO 2

```

ScipMestrado.R x
Source on Save Run Source
1  ##Pacote: rtweet##
2
3  library(stringr)
4  library(emojifont)
5  library(httputil) #Autenticar acesso API
6  library(rtweet)
7  library(writexl)
8
9  ## authenticate via web browser
10 token <- create_token(
11   app = "AppTwitterTestjmf",
12   consumer_key = "KCYu79pPng2d2WPBNT3TmTxGv",
13   consumer_secret = "2TbIWqmvT2uM6XJot5PAKMH560oP4UK1mVU4ZTBxToY4uQkRNB",
14   access_token = "780848906309545984-7oSiwS81YQ8GhU5PLJxIDePKjmgZf7K",
15   access_secret = "qGbZRWS2HPgAQmfhnhpH2YCGUZU5SCwdmpU8jFzczyw1M",
16   set_renv = TRUE)
17
18 ## autentica??o para futuras se??es no R
19 get_token()

```

```

20
21
22 #Extraindo tweets de usu?rios
23 bolsonaro <- get_timelines("jairbolsonaro", n=500)
24 gentili <- get_timelines("DaniloGentili", n=1000)
25 huck <- get_timelines("LucianoHuck", n=200)
26 neto <- get_timelines("felipeneto", n=800)
27 sherazade <- get_timelines("RachelSherazade", n=350)
28 greenwald <- get_timelines("ggreenwald", n=1500)
29 adnet <- get_timelines("MarceloAdnet", n=800)
30 freixo <- get_timelines("MarceloFreixo", n=800)
31 lula <- get_timelines("Lulaoficial", n=350)
32 doria <- get_timelines("jdoriajr", n=250)
33 pefabiomelo <- get_timelines("pefabiodemelo", n=200)
34 malafaia <- get_timelines("PastorMalafaia", n=300)
35 moro <- get_timelines("SF_Moro", n=100)]
36 atila <- get_timelines("oatila", n=800)
37 mandetta <- get_timelines("lhmandetta", n=60)
38 zambelli <- get_timelines("CarlaZambelli38", n=450)
39 ciro <- get_timelines("cirogomes", n=800)
40 anitta <- get_timelines("Anitta", n=150)
41 prioli <- get_timelines("GabrielaPrioli", n=150)
42 drauzio <- get_timelines("drauziovarella", n=100)
43

```

```

44 #Gerando Excel
45 write_xlsx(gentili, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/gentili20200812.xlsx" )
46 write_xlsx(bolsonaro, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/bolsonaro20200802.xlsx" )
47 write_xlsx(huck, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/huck20200802.xlsx" )
48 write_xlsx(neto, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/felipeneto20200802.xlsx" )
49 write_xlsx(sherazade, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/sherazade20200802.xlsx" )
50 write_xlsx(greenwald, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/greenwald20200802.xlsx" )
51 write_xlsx(adnet, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/adnet20200802.xlsx" )
52 write_xlsx(freixo, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/freixo20200802.xlsx" )
53 write_xlsx(lula, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/lula20200802.xlsx" )
54 write_xlsx(doria, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/doria20200802.xlsx" )
55 write_xlsx(pefabiomelo, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/pefabiomelo20200802.xlsx" )
56 write_xlsx(malafaia, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/malafaia20200802.xlsx" )
57 write_xlsx(moro, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/moro20200802.xlsx" )
58 write_xlsx(atila, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/atila20200802.xlsx" )
59 write_xlsx(mandetta, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/mandetta20200802.xlsx" )
60 write_xlsx(zambelli, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/zambelli20200802.xlsx" )
61 write_xlsx(ciro, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/ciro20200802.xlsx" )
62 write_xlsx(anitta, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/anitta20200802.xlsx" )
63 write_xlsx(prioli, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/prioli20200802.xlsx" )
64 write_xlsx(drauzio, path="C:/Users/julia/OneDrive/Mestrado/Projeto/3. Dados/drauzio20200802.xlsx" )

```

35:40 (Top Level) ↓

R Script ↓